

A Filha do Regicida **de Camilo Castelo Branco**

A seu filho
Jorge Camilo

I

Ainda os membros dispersos do cadáver de Domingos Leite Pereira apodreciam nos postes, quando saiu uma procissão de triunfo a desempear especialmente as Ruas dos Torneiros e da Fancaria.

No intuito de *expiar o sítio*, segundo a pia frase de Fr. Francisco Brandão, ergueu a piedade um altar encostado à seteira por onde o regicida abocara a escopeta, e aí foi arvorada aquela milagrosa imagem do Crucificado, que despregou a mão revolucionária no dia em que o duque bragantino foi aclamado rei.

Dá o cronista-mor do Reino razão plausível do altar provisório nestes tortuosos termos: *Foi para que, com a duplicada presença de Cristo sacramentado e crucificado, reconheça Castela que para uma de suas traições se nos duplica Cristo para defesa.* Se Castela percebeu estes escabrosos dizeres do colaborador da *Monarquia Lusitana* tanto como nós, decerto não reconheceu o que o frade lhe inculcava, e sobejamente demonstrou no seu proceder subsequente pouquíssima reverência aos avisos do Céu.

Defronte daquele altar, na outra esquina da Fancaria, arvoraram o espeque rematado pela cabeça de Domingos Leite, que parecia olhar para Jesus Cristo com as pálpebras roxas e entreabertas; e a primorosa escultura do Redentor, olhando para o povo, parecia chorar. O povo, porém, depois de fazer reverência a Jesus, voltava-se contra a face esquelética do justicado e clamava, fremente de rancor: «Estás nas profundas do Inferno, patife!»

E os gaiatos aporfiavam em acertar-lhe com pelouros de lama, lucrando aplausos e gargalhadas do auditório os mais certos. E, assim que a noite se fechava, e a lâmpada do altar vasquejava os lampejos finais, ninguém se afoitava a transitar naquelas ruas de encruzilhada, desde que se divulgou que os demónios, a horas mortas, marinhavam, como bugios, pelo barrote onde a cabeça do regicida apodrecia.

Volvidas algumas semanas, a esposa de D. João IV – aquela cristianíssima espanhola que recusara receber as súplicas da duquesa de Caminha, e repelira desabridamente o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, que lhe exorava sua piedade para os réus menos delinquentes – mandou arrasar as casas infectas do sacrílego atentado e erguer sobre os alicerces uma igreja redonda, com feitio de Panteão galante, embrincada, elegendo-a para sua sepultura. Aí lhe anoiteceu a noite perpétua no seu leito de jaspe, até que a terra se abriu em 1755, e sorveu no mesmo hausto o pó da rainha Luísa de Gusmão e o pó do esquartejado Domingos Leite, revolvido na vasa do Tejo onde o carrasco lhe arrojara as cinzas.

O nome que andava glorificado nas graças da plebe era o de Roque da Cunha, a quem chamavam o salvador do rei e da Pátria. Quem o não conhecia diligenciava conhecê-lo. O gentio rodeava-o nas ruas, acompanhava-o em grita entusiástica,

esperava-o na testada de sua casa, e seguia-o triunfalmente quando se recolhia.

Logo que os cegos vendilhões das gazetas apregoaram a *Relação* escrita pelo cronista-mor – na qual o nome de Roque se baralhava com o de S. Roque ¹ – subiu de ponto o respeito ao assassino de padre Luís da Silveira, e até pelo homicídio de Pedro Barbosa de Luna lhe davam os patriotas tumultuosos parabéns.

Era o herói do dia. Galaneava trajos muito à fidalga, corveteava o seu cavalo em repelões de galharda gineta pelas sonoras calçadas de Lisboa, e já desviava os olhos desdenhosos das importunas aclamações dos gaiatos.

Não obstante, a gente honesta esquivava-se do contacto do delator, e propriamente o rei nunca mais proferiu o nome do seu salvador em presença dos ministros. Sabiam o monarca e os juizes, da sincera confissão do réu, que o seu intento, na terceira vinda a Lisboa, não fora matar D. João IV; mas sim levar sua filha para Castela ou Holanda. Reconheceram a verdade desta confissão, confrontando-a com a serenidade e firmeza que o réu mostrou ao declarar que teria matado o rei no dia 20 de Junho, se não receasse matar simultaneamente pessoas inocentes; e, depois, lhe não ofuscasse os olhos e turvasse a alma a deslumbrante visão de sua filha. Estas circunstâncias certo é que não atenuavam o crime, nem convinha exará-las na sentença. Todavia, na opinião do monarca e dos desembargadores, Roque mentira, acusando o propósito regicida do seu companheiro na terceira vinda à corte.

Como quer que fosse, o sentimento popular, de algum modo respeitado por narradores servis, chegando, rodados dois séculos, ao gabinete doutro Roque, manifesta-se tão devoto do traidor que no-lo pinta *cheio de confusão e honra* ².

D. Vicência Correia, mãe de Roque, e esposa do Guedelha, sabendo que Domingos Leite Pereira era morto por traição do filho, ganhou tamanho horror às suas próprias entranhas, onde o monstro se gerara, que nunca mais quis ver ninguém senão frades, e deu consigo onde Deus sabe. Só assim morreria de vergonha quem vivera oitenta despejados anos, e os começara no reinado do cardeal D. Henrique, prosperando através do reinado dos três Filipes. De seu marido, o desembargador Francisco Leitão, nada apurámos digno de escritura. Por lá se finaria em Madrid o saudoso viúvo em regelada decrepitude, privado dos mimos da consorte, que, ao parecer dele, na vida longa que desfrutara, apenas prevaricou em agravo da natureza, dando à luz uma fera antenupcial.

¹ Veja-se no vol. *O Regicida* a «Nota final».

² *História da Feliz Aclamação do Sr. Rei D. João IV*, por Roque Ferreira Lobo. Lisboa, 1803.

II

Quando Bernardo, portador do recado de seu amo, chegou a Guimarães, já na terra corria o boato da prisão de Domingos Leite Pereira; mas o delito arguido lá, como em Lisboa, era o assassinio de certo clérigo por ciúmes honrados. Motivara esta suposição correr o processo muito em segredo enquanto houve esperanças de descobrir cúmplices no interrogatório coadjuvado da tortura. A tentativa de regicídio divulgou-se publicamente quando a sentença foi lavrada três dias antes do suplício.

António, o cuteleiro, assim que lhe constou dos boatos a prisão do filho – e por isso recebeu os pêsames dos vizinhos, que aplaudiam os brios do seu conterrâneo –, ajuntou o dinheiro que pôde, entroxou o fardel de viagem, e estava a ponto de partir para a corte, quando chegou o velho Bernardo, estropeado do caminho e alquebrado de aflição.

O confidente de Domingos Leite, posto que não soubesse tudo, sabia mais que o vulgo, e previa resultados funestíssimos. Conjecturava ele que a prisão procedera de causas formidáveis, lembrando-se que o amo, naquela noite de 19 de Junho, lhe dissera: «Se eu amanhã for preso ou morto, vai tu a Guimarães, e dize a meu pai que morri ou vou morrer em desafronta da minha honra.»

Quando Bernardo entrou na cutelaria da Rua da Infesta, a mãe de Domingos Leite entrava ao mesmo tempo, lavada em lágrimas; porque, estando a rezar na Igreja da Senhora da Oliveira, um cónego a chamara à sacristia, e lhe dissera que, estando no Porto, no dia anterior, ouvira ao chanceler da Relação futurar a morte de Domingos. O marido escutou-a aflito, mas duvidoso; e Bernardo, sem interpor vãs esperanças, deu a António Leite o recado tal qual seu amo lho dera dois meses antes.

– Mas então que fez meu filho?! – soluçou o artífice. –Hão-de condená-lo à morte, não sendo ele quem matou o padre?... Que crimes tem o meu Domingos que mereçam a morte? Diga vossemecê, se os sabe...

– Eu não os sei, Sr. António – respondeu Bernardo. – O recado que seu filho há coisa de sete semanas me deu foi o que eu lhe disse. Não o tornei a ver desde 19 de Junho. Quando a 2 deste mês soube que ele estava no Limoeiro, ainda fui à cadeia a ver se lhe falava; mas logo me disseram que o preso estava no segredo. O povo falava na morte do tal padre... Não sei mais nada... O meu dever era partir logo a dar esta má nova a vossemecê; oxalá que eu cá possa voltar com melhores notícias. Amanhã, se Deus quiser, volto para Lisboa; e de lá participarei o que souber...

– Eu vou também – disse o cuteleiro. – Ali tem vossemecê em cima daquela arca os alforjes já arrançados para o caminho.

– Que vai o mestre António lá fazer, se lhe não deixam ver seu filho? – objectou Bernardo, transido da suspeita de que o velho iria assistir ao suplício de Domingos Leite.

– Que vou lá fazer?! – replicou António. – Vou levar-lhe o caldo e o pão à grade da enxovia; que talvez meu filho não tenha quem lho dê. Que vou lá fazer?! Essa pergunta não se faz a um pai, Sr. Bernardo!... Ainda que o meu Domingos saísse do Limoeiro para a forca, eu havia de sair-lhe ao caminho para lhe dizer: «Se vais morrer porque eras honrado, vai com Deus, e lá está o Supremo Juiz que te receba. Teu pai, meu infeliz moço que tão cedo morres, cá fica para te chorar, e mais a pobrezinha de tua mãe. Ora agora, se és malfeitor, se mereces o castigo, pede a Deus que te perdoe; que eu cá ficarei a chorar a desonra que nos deixas... – E, enxugando as faces ao canhão da véstia, prosseguiu: – O meu rapaz era bom... Quem o deitou a perder foi aquele Roque da Cunha que eu lá fui topar à beira dele em Madrid... Quem sabe, Sr. Bernardo, se o tal

Roque o arrastou... Quando me lembro umas palavras que lá lhe ouvi e mais a um desembargador, contra el-rei nosso senhor... Querem vocês ver... – exclamou de salto o cuteleiro batendo na testa. – Querem vocês ver que o meu desgraçado filho, seduzido pelos traidores, veio a Lisboa tratar de alguma conspiração contra el-rei? Se assim e... então, ó desgraçada mulher, estamos sem filho!»

E, exclamando, abraçou-se nela, e assim se ficaram soluçando ansiadamente.

Bernardo quisera consolá-los; mas o consternado ancião acreditava secretamente na desgraça que para o pai do preso era somente desconfiança. Cogitava em armar disfarces que desviassem de Lisboa o cuteleiro; cumpria-lhe, porém, ou dar força às suspeitas de António Leite, prefigurando-lhe o espectáculo da execução do filho — o que seria, sobre inútil, descaridoso e horrível – ou então inventar cousas vãs e frívolas.

Era impossível despersuadi-lo.

Na madrugada do dia seguinte, 11 de Agosto, saíram para Lisboa.

III

Ao cair da noite, chegaram ao Porto, e pousaram na estalagem do Coutinho, no largo de Nossa Senhora da Batalha ³.

António Leite, quebrantado de forças, de angústia e de horríveis presságios, atirou-se vestido sobre o enxergão que lhe deram, e pediu a Deus duas horas de dormir que o restaurassem. Bernardo, mais robusto e menos sucumbido, porque a sua dor seria menor incomparavelmente, sentou-se à banca onde ceavam outros passageiros vindos da corte.

Entre os quais havia dois que conversavam com um do Porto, que os visitara na estalagem. E como entre eles se proferissem os nomes de Roque da Cunha e padre Silveira, o velho criado de Maria Isabel Traga-Malhas aplicou o ouvido.

O mais velho dos viandantes, que no traço e na gravidade do aspecto denunciava fidalgo provinciano, dizia:

– Está vossemecê iludido como muita gente de Lisboa, a respeito do crime de Domingos Leite...

– Sim – condescendeu o do Porto –, V. S^a tem razão de saber as coisas de fundamento, porque lá está na corte seu primo, o Sr. Tomé Pinheiro da Veiga, procurador-geral da coroa, que tudo sabe em razão do seu ofício.

– O negócio é mais da costa arriba – tornou o fidalgo de Barcelos, bamboando a cabeça e gesticulando sinistramente aos olhos de Bernardo. – O padre Silveira não é nada no crime do Domingos Leite. Por causa da morte do tal padre não iria nunca para a Índia o escrivão do cível nem o seu amigo Roque, e muitos menos para a forca... e para a forca vai o Domingos Leite, tão certo como eu vou amanhã para Barcelos, se Deus quiser...

– Para a forca! – exclamou Bernardo, cravando os olhos no fundo escuro da casa onde ceavam, tremendo que o couteiro pudesse ouvir no seu quarto o que ali se dizia.

E, como a exclamação do velho rompesse em meio do geral silêncio dos muitos comensais, convergiram para ele todas as atenções.

Estava já de pé o velho, com os trémulos braços apoiados na mesa, e os olhos espantados e lagrimosos fitos no rosto do hóspede.

– V. S^a – balbuciou Bernardo – tem a certeza de que será enforcado o Sr. Domingos Leite?

– O *senhor!*... – atalhou com azedume o interrogado. – É tratar com muito respeito um facinoroso que três vezes tentou contra a sagrada vida d’el-rei nosso senhor! Tenho a certeza, tenho, sim, de que o tal *senhor* Domingos, filho dum serralheiro de Guimarães, há-de ir ao patíbulo com mais justiça do que lá foram grandes fidalgos há seis anos. Pois então? Que queria você, homem? Acha que o regicida, nascido português e vendido a espanhóis, em vez de ir à forca, deveria ser despachado com uma boa comenda? Dê-nos lá o seu parecer!...

– Senhor! – volveu o velho curvando-se respeitosamente. – Eu fui doze anos escudeiro e mordomo desse infeliz que está preso, e por isso o trato com a cortesia de criado. Se tem grandes crimes o meu pobre amo, decerto não tem o de se vender aos Espanhóis...

– Não?! – acudiram ao mesmo tempo o maior número de convivas.

– Não, meus senhores, não. Juro aos céus que meu amo não tentou contra a vida d’el-rei porque os Castelhanos o mandassem.

³ Naquele ano e nos sucessivos vinte anos havia na mesma praça, simplesmente denominada hoje Batalha, cinco estalagens de que tinha privilegio exclusivo um Gaspar Coutinho.

– Quem o mandou então? – perguntou bruscamente o fidalgo minhoto.

Bernardo ia responder com o arrojo da verdade, ia, talvez, acusar D. João IV de adúltero, ia louvar a honrada tentativa de seu amo, quando um relâmpago de reflexão lhe mostrou aberto o abismo em que se despenhava inutilmente.

O fidalgo insistiu na pergunta; e, como o ancião mostrasse que as lágrimas lhe tolhiam a fala, a curiosidade maliciosa aumentou em alguns dos passageiros, enquanto outros mais compadecidos atribuíam a tresvario de velho e bom criado a destemperada negativa do crime que o parente do procurador-geral da coroa ali afirmara, e já publicamente se dizia.

Mais brando na modulação da voz, perguntou o primo de Tomé Pinheiro:

– Então você era criado do Leite, quando o prenderam na Póvoa de S. Martinho?

– Não, meu senhor. Fui despedido do serviço da Sr^a D. Maria Isabel, quando meu amo estava refugiado em Espanha.

– Quem era essa senhora *Dona* Maria Isabel?! – tornou o fidalgo, acentuando ironicamente o *dona*.

– Era a mulher de meu amo.

– *Dona*?! Pois a mulher de Domingos não era uma fulana *Traga-Malhas*?! Onde lhe veio o *dom*?

– Eu ouvi-lho dar a um ministro d’el-rei nosso senhor – respondeu o velho disfarçando o sarcasmo. – E depois que o Sr. Ministro lhe deu *dom*, que havia de lhe dar eu, que era seu criado? Além disso a filha de meu amo era...

Ia Bernardo dizer que a menina, filha de Maria Isabel, era açafata; mas reteve-se, alumiado por um segundo relâmpago, que lhe mostrou o despenhadeiro.

– Que era a filha do seu amo? – insistiu o fidalgo.

– Era... não sei o que eu ia dizer... – tartamudeou Bernardo. – Esta minha cabeça já não atrema... Tenho muitos anos e muitos desgostos...

Volveram as lágrimas a encobrir-lhe o disfarce da imprudência.

– Onde está agora a mulher do Leite? – perguntou o portuense que ali fora visitar o de Barcelos.

– Há coisa de mês, vivia ela em Alcântara, muito perto do Paço, em grandes casas, e bem servida – respondeu o fidalgo. – Lá me disseram no Mosteiro do Calvário que Maria Traga-Malhas estava gozando os seus grandes haveres; mas tão reclusa, que raras vezes se mostrava. De formosura não havia na corte quem lhe levasse a palma, ouvi eu dizer aos melhores juizes na matéria. Quem há-de saber onde ela agora pára é aquele velhote que não acaba de chorar desventuras que as lágrimas não remedeiam... Sabe onde está a sua ama?

– Não, meu senhor.

– Está no convento – respondeu um recém-vindo, que assistira à última parte da conversação.

Era o dono das cinco estalagens de Nossa Senhora da Batalha, o abastado Gaspar Coutinho, um dos burgueses mais discretos e respeitados da cidade.

– Como sabe vossemecê, Sr. Gaspar, que ela esta no convento? – perguntou o fidalgo.

– Logo conversaremos em particular Sr. Álvaro Pinheiro – disse o sisudo estalajadeiro, gesticulando de modo que o interlocutor entendesse a gravidade das revelações.

Terminou a palestra com o adiantado da hora. Bernardo foi de mansinho escutar a respiração do seu companheiro de jornada; e, ao aproximar a candeia da cabeceira do catre, como que estremeceu, e se quedou atónito a contemplar um objecto que em verdade não dava razão a tamanho espanto. Era uma faca de mato, do feitio das que

ainda hoje se fabricam em Guimarães, e se usam nas cozinhas onde há grandes massas de carne a espostejar. A lâmina media duas fartas polegadas no centro. O punho era de osso toscamente desbastado, com chapa de ferro no vértice, e um anel ou braçadeira de cobre na ponta em que terminava o espigão e principiava a folha. A bainha era de moscóvia, orlada de cobre no envasado e terminada em ponta do mesmo metal. Estava a faca muito perto da cabeça de António Leite, sobre o travesseiro, e encostada ao espaldar torneado do leito.

Aquela temível arma parecia estar anunciando desgraças futuras a Bernardo. Figurou-se-lhe que a tragédia daquela família iria além do patíbulo de seu amo. Farejou sangue, e sangue da vingança, o lance desesperado que poria o pai aflito em frente de Roque da Cunha, que a plebe vitoriava nas ruas de Lisboa, quando Bernardo saía caminho de Guimarães. Depois, relançando a vista de sobre a robusta faca para o braço nu do cuteleiro, achou que ela era talhada para o pulso grosso e cabeludo do alentado velho. Nestes enleios, que certamente o não prenderiam em diversas circunstâncias, o encontraram os olhos de António Leite, despertados pela claridade da luz, ou por sobressaltos de sonho mau.

– E dia? – perguntou o velho estrouvinhado.

– Não, Sr. António. Deu agora meia-noite. Basta sair ao romper da manhã. Ainda podemos descansar duas horas boas.

– Que faz vossemecê a pé?

– Venho de ceiar e conversar com os passageiros. Quis ver se vossemecê dormia, e fiquei aqui estarrecido a olhar para esta faca. Nunca vi tamanha peça! Isto é obra lá da sua oficina?

– Sim, senhor. Era eu aprendiz quando amanei essa coisa que nunca fez mal a ninguém...

– Nem fará, se Deus quiser – acrescentou Bernardo.

– Nem fará, se Deus quiser – repetiu António Leite, e ajuntou: – Mas não sabe um homem quando Deus quer que ele seja bom ou mau, Sr. Bernardo...

E, falando assim, sentou-se na cama, deixou cair a cabeça sobre os braços cruzados no peito, e rompeu em torrentes de lágrimas.

– Porque chora assim, Sr. Leite? – disse Bernardo, pendurando a candeia no velador de pau, e sentando-se na borda do catre.

– Não mo pergunte... Eu estou sem filho, e a minha desgraçada mulher está viúva... Se mo matam, e me não convencem de que o seu crime era de morte, há-de haver alguém a quem eu peça a vida de meu filho...

– Aí está!... – murmurou Bernardo. – O meu coração é profeta!... Ainda agora, esta faca parecia dizer-me essas mesmas palavras que eu lhe estou ouvindo... O Sr. António, falemos muito baixinho, que estamos em uma estalagem, e podemos ser escutados. Ora diga-me: se, por desgraça, meu amo e seu filho fosse condenado à morte, a quem iria vossemecê pedir contas da injustiça cruel que o condenou?

– Em Lisboa lho direi, Sr. Bernardo... – E, feita uma curta pausa, acrescentou: – Vossemecê conhece bem meu filho? Conheceu-lhe o génio? Julgava-o capaz de vingar seu pai, se lho matassem?

– Era, não duvido.

– Pois, se não duvida, basta dizer-lhe eu que sou pai desse nobre rapaz que vingaria a minha morte.

– Sim; mas...

– Mas quê? Vossemecê não me disse que meu filho o mandara a declarar-me que morria em desafronta da sua honra?

– Sim, senhor.

– Então é claro que, se o matarem, matam um homem honrado; e eu quero morrer com ele, vingando-o. Pois que vou eu fazer a Lisboa? Salvar meu filho? Não; que tanto monta um pai a chorar aos pés dos juizes como coisa nenhuma. Se não houve piedade para os grandes que conspiraram contra el-rei, como há-de havê-la para o cuteleiro! Eu não vou chorar como as mulheres que não tem outra respiração...

– Então a que vai, Sr. António?

– Vou ser homem...

– Contra quem?

– Em Lisboa lhe direi... se o souber.

– Olhe que os filhos do ministro Lucena não vingaram o pai...

– Nem o deviam vingar, se ele era traidor ao seu rei; nem eu vingarei meu filho, se por traidor o enforcarem; mas meu filho não está preso por traidor à Pátria; meu filho mandou-me dizer que morre em desafronta da sua honra. Vossemecê o declarou por ordem dele.

– Sim... não há dúvida... mas... se o rei...

– Diga... – instou pressurosamente António Leite. – É o rei que o manda matar porque Roque da Cunha matou o padre? Quer dizer isso?

– Não... quero dizer que... a justiça... – gaguejou Bernardo.

O conturbado velho não sabia o que lhe cumpria dizer. Nem a sós com o pai de seu amo ousava proferir o nome do rei. É que ainda tinha nos dedos mal cicatrizadas as feridas e as deslocções das falanges nos tratos que a justiça lhe dera para confessar o esconderijo de Domingos Leite.

Bem ou mal reflectido, Bernardo, forçado pela resistência do cuteleiro que o pungia a esclarecê-lo quanto aos crimes do filho, cuidou fechar a prática dolorosa dizendo que na corte se contava que Domingos Leite fora denunciado pelo pérfido Roque da Cunha de tentar contra a vida do rei.

– E meu filho tentou matar o rei?! – exclamou António Leite., levantando a voz.

– Jesus! – murmurou Bernardo. – Fale baixo, pelas cinco chagas de Cristo! Olhe que nenhum de nós está livre dos tormentos, se essas suas palavras chegarem aos ouvidos da justiça. Eu já sei como doem as torturas. Aqui as tem escritas nestas mãos por amor de seu filho... Não tenho apego à vida; mas tremo de a perder às gotas de sangue, sem poder melhorar a sorte de seu filho com os meus tormentos. Sr. António, eu, há sete semanas, podia dizer-lhe que o Sr. Domingos Leite queria matar um homem que era o amante de sua mulher; hoje não sei a razão verdadeira por que o prenderam... O que sei é o que em Lisboa diziam pessoas de crédito; e era que Roque da Cunha o entregara à justiça, dizendo que o infeliz tentava contra a vida d'el-rei.

– E está em Lisboa esse Roque da Cunha? – perguntou serenamente o cuteleiro.

– Está. Diz lá o povo que o salvador do rei foi ele. Eu o vi rodeado de povo, e levantado ao ar nos braços das regateiras, no mesmo dia em que seu filho entrou no Limoeiro.

O diálogo prolongara-se até ao alvorecer da aurora. A primeira luz, os dois caminheiros saíram da estalagem. A energia do velho de Guimarães desdizia da fraqueza do dia anterior. A ânsia de chegar a Lisboa não lhe estimulava a esperança de ainda ver seu filho. Agitava-o outra ideia, outro intento que lhe abraseava o coração e ressequia as lágrimas. O seu plano era matar Roque da Cunha antes que seu filho saísse do Limoeiro; dar ao condenado a certeza de que o traidor o precedera na morte. Desde que este pensamento lhe deu à alma a vida da febre, nunca mais chorou. Alimentava-se sobreposse para não desfalcar as forças; receava fraquejar na luta peito a peito. Não o aterrava o morrer; mas sim o medo de ir a terra sem levar nos braços o cadáver de Roque.

IV

As revelações prometidas pelo estalajadeiro ao fidalgo de Barcelos, quando se tratava do destino de Maria Isabel, interessam tanto a nós como ao intolerante almotacé do *dom* barateado à mulher de Domingos Leite.

Depois de encarecer o segredo e pedir a maior discrição ao hóspede, referiu Gaspar Coutinho o seguinte:

– Por volta das dez horas da noite de 7 daquele mesmo mês, pararam à porta desta mesma casa duas liteiras das quais desembarcaram, primeiro um homem que eu logo conheci de o ver em Lisboa entre as pessoas principais do Reino; e, em seguida, saltaram de outra liteira uma dama com uma menina. O homem, que era o Sr. António de Cavide, o ministro mais particularmente privado d’el-rei, pediu-me as chaves de dois quartos que eu preparara desde manhã por ordem do Sr. Regedor da Justiça. Em um dos quartos entrou a dama com a menina; e no outro recolheu-se o Sr. António de Cavide. Daí a pouco chegou um criado de pé com um macho carregado de baús, que o ministro entregou à minha guarda, recomendando-me que pagasse aos liteiros, que eram de Coimbra, e os despedisse. Por volta das onze, chegou o Sr. Regedor da Justiça, entrou no quarto do ministro, fecharam-se por dentro, e lá se demoraram até alta noite.

Enquanto os dois senhores conversavam no primeiro andar – prosseguiu o estalajadeiro –, minha mulher, que tinha visto e admirado a beleza da hóspede, subiu ao segundo andar a ver se podia perceber aquele mistério, ouvindo alguma palavra que entre si dissessem as duas criaturas. Abriu subtilmente a porta de um quarto chegado ao delas; e, ajustando a orelha ao tabique, percebeu que tanto uma como outra estavam chorando. A menina acompanhava os soluços da mãe com um chorar de criança, que às vezes era interrompido por beijos, e algumas palavras ditas tão afogadamente que mal se entendiam. O que minha mulher percebeu foi que a criança se chamava Ângela.

Saiu minha mulher do quarto pé ante pé, e veio contar-me o que ouvira. Disse-lhe eu que tornasse lá, batesse à porta, e perguntasse à senhora se queria cear. Ela assim o fez. A senhora mandou-a entrar, enxugava ainda as lágrimas. Disse-lhe que queria uma água de galinha para sua filha, e nada para si. Minha mulher pediu-lhe que tomasse alguma coisa; e tão compadecida o fez, que a triste senhora, precisando desabafar no seio de alguém, desfez-se em pranto, sem dizer palavra...

– Então essa mulher é que era Maria Isabel? – interrompeu o fidalgo.

– Ninguém lhe sabia ainda o nome, nem era cortesia perguntar-lho; mas, nesta ocasião, quando ela chorava, e minha mulher afagava a menina, entrou no quarto o tal Sr. Cavide, e, sem falar, olhou para as duas com maus olhos, e fez sinal a minha mulher que se retirasse. Eu, assim que soube isto, descalcei os sapatos e meti-me no quarto vizinho a escutar. Esta curiosidade não era bastante cortês, confesso; mas ninguém resistiria ao desejo de descobrir alguma coisa deste mistério, em que se envolviam personagens tão altas como o ministro real e o governador das justiças, o Sr. D. João de Meneses.

Quando encostei o ouvido ao tapamento – prosseguiu Gaspar, obtido como aplauso à sua curiosidade um gesto afirmativo do seu colocutor –, continuava entre a dama e o ministro uma discussão muito irritada, mas em voz a custo reprimida. Dizia-lhe ele que não estava em seu poder substituir as ordens de el-rei, o que já muitas vezes lhe tinha declarado.

– Mas eu nada tenho com el-rei – dizia ela.

– Nada tem?! – replicava o ministro com desabrimento. – Nem sequer como vassala?

– As vassalãs não são obrigadas a prisão nos mosteiros, por simples capricho dos reis. Se Sua Majestade se aborreceu de mim, é isso razão bastante para que me desterre e prenda em um claustro?

– A Sr^a D. Maria Isabel não vai presa.

– Não vou presa?! Isso é uma zombaria! Pois que vou eu senão presa? Não me ameaçou V. S^a em Coimbra de me meter em ferros se eu teimasse em o não querer acompanhar ao convento de Bragança? Não me obrigou o Sr. Cavide a fechar a boca em Pombal quando eu quis falar a uma senhora que eu conhecia de casa de meus pais? Se não vou presa, deixe-me; se sou livre, não me arraste ao convento; abandone-me à caridade pública, se Sua Majestade me mandou sequestrar os meus bens. E porque é isto? Que tirania é esta? Que mal fiz eu ao Sr. D. João IV?

– Sr^a D. Maria Isabel – retorquiu o ministro, quebrando o tom áspero com que até ali contendera –, se a senhora soubesse... se eu pudesse confiar na sua prudência... Não posso, não devo esclarecê-la... Quando a Sr^a D. Maria Isabel tiver entrado no mosteiro, e lá chegarem novas de Lisboa, então compreenderá a razão da sua clausura, e dará graças a Deus e a el-rei que a retiraram de Lisboa nesta horrível conjuntura.

– Pois se hei-de sabê-lo no mosteiro, quero sabê-lo já – tornou ela com firmeza. – Dê-me a razão deste inexplicável procedimento d’el-rei. Se a razão é justa, hei-de conformar-me e obedecer; irei resignada para a clausura, e até morrerei satisfeita, se o sacrifício da minha vida poupar Sua Majestade a um leve desgosto.

– Não me tente, senhora, que pode causar a minha perdição – voltou o ministro.

– Perdida estou eu! – bradou ela. – Perdida!... E perdida comigo está a minha desgraçada filhinha! Ó Ângela, ó Ângela, como tu não odiarás a tua desgraçada mãe!

Eu dei fé – continuou o hospedeiro – de ela se abraçar à filha, que chorava em alto clamor; e ao mesmo tempo senti que o ministro, pedindo-lhe que falasse baixo, abriu a porta do quarto, e foi ao corredor assegurar-se de que ninguém os ouvia.

E, voltando, correu a lingueta da chave, deu alguns rápidos passeios, arrastou uma cadeira para o lado onde elas estavam chorando abraçadas, e disse:

– Eu julgo-a capaz de praticar um acto das mais funestas consequências... A senhora é capaz de fugir, é capaz de denunciar a sua melindrosa situação...

– Sou! – assentiu Maria Isabel carregando na palavra com deliberação vingativa. – Sou! Cheguei a ver a norte com a frieza de ânimo com que vi a desonra! Morta estou eu há muito! Que me importa o veneno ou o punhal? Se entenderem que eu na sepultura estarei mais calada que no convento, matem-me! Arrastarem-me cegamente, atirarem comigo e com minha filha a um cárcere, sem me dizerem a razão por que o fazem, isso é que não! Tanto me faz ser mandada pelo rei como pelo último dos homens... Pelo contrário, eu poderia suportar as maiores afrontas, se elas me viessem de um inimigo; mas de um homem que me submeteu aos seus caprichos, cuidando que eu hei-de expiar na masmorra a honra de ser sua amante, isso, não! Não! Nunca, Sr. António de Cavide!

– Jesus! Jesus! Que senhora! Valha-me Deus! – exclamava o secretário. – Quer então saber tudo?

– Tudo!...

– E, se a sua razão lhe disser que o seu dever é entrar no mosteiro, e não dizer aí a causa por que lá entra, promete obedecer às ordens, quero dizer, às determinações forçadas e dolorosíssimas d’el-rei?

– Prometo!

– Jure sobre a cabeça de sua filha! Jure pela felicidade deste anjo com que o Céu lhe há-de adoçar as suas amarguras!

– Juro, sim!

– Ouça... Receio que me escutem... Ainda agora reparo que esta menina tem seis

anos... Se ela tiver compreensão e memória...

– Fale sem receio... A minha filha não percebe nada das torpezas que nós percebemos... Decerto que V. S^a não vai falar-me de coisas inocentes e puras que caibam no entendimento de minha filha... Pode falar...

– No mesmo dia em que a Sr^a D. Maria saiu de Lisboa, era preso, na Póvoa de D. Martinho, Domingos Leite Pereira.

– Preso!? Porquê?

Por denúncia daquele funesto homem que lhe emprestou o braço assassino contra o padre Luís da Silveira. Roque da Cunha delatou ao Sr. D. João IV que seu marido vinha de Castela assalariado para o matar. Ao mesmo tempo que saíam de Lisboa dois fidalgos a prender Domingos Leite, el-rei meu senhor, traspassado da mais viva angústia, ordenava a saída da Sr^a D. Maria para o Mosteiro de Bragança. Motivos justificados, honrosos e prudentes o forçaram a esmagar o coração neste penoso lance. Que faria a Sr^a D. Maria Isabel, se à sua casa de Alcântara lhe fossem dizer que seu marido entrara no Limoeiro carregado de ferros? Ainda supondo que esta má nova a não atribulasse extremamente, o conservar-se na corte daria azo a horríveis comentários, tão indecorosos para V. S^a, como esposa de Domingos Leite, quanto dolorosos para Sua Majestade, que se veria apertado entre duas situações cruéis: a de rei para não impedir o julgamento de quem tentava matá-lo, e a de amante para se não ver face a face da esposa de um homem destinado talvez a um severo castigo. Medite nesta conjuntura medonha, minha senhora! De mais a mais, acaso ignora V. S^a que os seus amores com el-rei os conhece seu marido tanto como eu? Não sabe que ele veio a Portugal com o propósito de levar a filha, que a senhora tão imprudentemente lhe recusou? Recordar-se que lha fui pedir? Que o marquês de Gouveia a procurou também com esse intento? Quantas desgraças eu quis evitar, e quantos abismos a senhora abriu, consentindo que Sua Majestade ordenasse a captura de Domingos Leite em Lisboa e Guimarães!... Pois se então foi imprudentíssima, não se sente agora obrigada a expiar por algum tempo os seus caprichos, e ao mesmo tempo evitar que o nome d'el-rei se envolva nesta catástrofe?... Que me diz, senhora?

– E, se meu marido sabe que eu era amante d'el-rei, não o dirá? – respondeu Maria Isabel. – Tão arriscado está o rei estando eu presa como livre...

– Presa!... Sempre a ideia de prisão!... Parece que o seu recolhimento a um mosteiro deveria ser o acto menos digno de reparo, quando das revelações, que lhe acabo de fazer, se depreendem infortúnios tamanhos, sucessos tão desgraçados que V. S^a devera querer esconder-se onde não chegasse a notícia deles!... E bem de temer que seu marido diga que não veio a Portugal com o fim de matar el-rei, mas com o propósito de matar sua mulher, ou arrebatá-la a filha... Se ele tiver a prudência de não compreender na sua confissão o nome de Sua Majestade, como amante de V. S^a, devemos supor que se lhe imponha um delito comparativamente pequeno, e uma pena correspondente de desterro; porém, se a sua vingança for pessoal, vingança de ciúmes, já exercida na pessoa que V. S^a sabe – dada essa deplorável circunstância –, escuso de lhe ocultar que seu marido irá ao patíbulo...

Se Gaspar Coutinho, assim como ouvira o diálogo, pudesse ver os gestos, as alterações do rosto, as suspensões das frases, a expressão muda das duas fisionomias, dar-nos-ia mais perfeito o quadro. Ele não podia ver que Maria Isabel tinha nos braços a filha adormecida, e que a menina espertava a instantes, sobressaltada, como se o coração alvoraçado da mãe lhe arquejasse no rosto com os seus estremeções e ímpetos de incutido horror, de lancinante remorso, de secreto brado de desonra e perdição irremediáveis.

Não derivava uma lágrima sequer nas faces de Maria Isabel. O terror não chora.

Como as gotas de peçonha que lhe caíam na alma, espremidas dos lábios do ministro, não achavam fibra de coração nobre onde tocassem e se diluíssem em lágrimas suavizadoras, a agonia daquela mulher era um espasmo, sem expressão exterior; mas lá dentro bravejava um complexo de horrentes frenesis, entre os quais era o remorso o menos dilacerante. Abatida, desonrada, desprezada, perdida, morta, mas a sobreviver-se, a contemplar-se infame! Não saberemos descrever todos os vólculos da serpente que ali a tinham amarrado naquela estúpida imobilidade diante do ministro, que poucos meses antes a arguira de não saber compreender a mulher que todas as fidalgas da corte invejavam! Ei-la ali! – A amante de D. João IV.

– Ali! Com a filha amada nos braços; a imagem de um patíbulo diante dos seus olhos; o pai dessa criança a subir-lhe os degraus; a imagem do homem que, nove dias antes, lhe encostara a fronte no regaço, esse amante desfigurado agora em juiz, pelo resplendor da realeza, covarde porque era rei, desamparando-a quando o afecto do amante, ou sequer a piedade do homem lhe eram tão precisos! E, depois, o patíbulo dela também ali em seus braços! A filha, que ela três meses antes levava a repelões, porque chorava de saudade de seu pai, porque pedia que a levassem para ele, porque ali estava a pesar-lhe no seio como lhe pesaria a lousa de uma campa, se a sepultassem viva!

António de Cavide inferiu da mudez espasmódica de Maria Isabel que não havia já a temer reacções nem repugnâncias. Felicitava-se, pois, por ter abraçado o expediente enérgico, abafando-a de súbito, aniquilando-lhe as forças do orgulho e as resistências que o despejo contrapõe aos respeitos sociais. Não se enganara em parte do seu juízo; mas o triunfo, se o era, foi-lhe amargo.

A mulher de Domingos Leite levantou-se, e foi depor no leito a filha. Voltou depois à saleta, fitou com terrível fixidez a cara do ministro do seu real amante, e perguntou-lhe:

– Parece-lhe que el-rei terá a crueldade de deixar enforcar o marido da mulher que foi sua concubina, mediante as solicitações do Sr. António de Cavide?

– Já lhe disse, senhora, que seu marido, se tiver juízo, não será tão rigorosamente condenado. Se se provar que ele não premeditou matar o rei, mas sim...

– Não o percebo... – atalhou ela com soberbo desdém. – Que querem então de mim? Explique a minha posição com a maior clareza... Se meu marido for condenado à morte, eu serei a viúva dum assassino enforcado, os meus bens e os de minha filha serão confiscados... e depois? Morrerei à fome, ou terei cada dia dois pães esmolados por Sua Majestade? Não seria melhor – prosseguiu ela, com os olhos brilhantes de coriscos e os lábios frementes de raiva –, não seria melhor que me deixassem seguir a carreira da devassidão onde entrei levada pela mão de V. S^a? Eu não tenho vaidade nenhuma em que me apontem como comborça do Sr. D. João IV. Convença-se disso, e faça-me a mercê de me julgar distinta das outras amásias que V. S^a lhe agenciou...

– Senhora!... – interrompeu Cavide, batendo rijamente o sobrado com o pé.

– Veja se me amordaça em nome d'el-rei! – vociferou com majestosa ira. – Então não vê em mim aquela mulher que foi pedir a el-rei que a deixasse ir chorar aos pés de seu marido, ou morrer às mãos dele? Se havia culpas na minha vida não as resgatava eu submetendo-me à piedade ou ao furor de meu marido? Porque me não deixou ir esse homem...

– Ó senhora!... Que inúteis exclamações!... Que demência... Não há despropósito assim!... Pois a senhora não conhece que...

– Conheço, conheço que me prostituí, induzida por V. S^a, que me levou ao Paço, e me leva hoje ao cárcere. Estou muito humilhada, muito miserável, muito infame; mas ainda há um homem que deve baixar os olhos envergonhados diante de mim!... É o Sr. António de Cavide, que viu as minhas lágrimas de mulher rica e honesta antes que a

pobreza e a ignomínia me fizessem chorar!...

– Ora, Sr^a D. Maria! – retrucou o ministro com esgares de aborrecida impaciência.
– Estou satisfeito! O seu nascimento e a sua educação desculpam as petulantes insolências com que premeia a minha delicadeza. Se eu tivesse a índole correspondente à minha categoria, não estivera agora aqui feito alvo das injúrias de tal pessoa. Estranho-a, porque ainda não lidei com mulheres da sua laia...

– Pois não costumam ser boas – sobreveio impetuosa Maria Isabel – as mulheres com quem os rufiões ganham as suas altas categorias!... – E crescendo para ele com o braço estendido para a porta, apontou: – Retire-se! Como já sei o meu destino, irei sozinha bater à porta do convento, e direi: «Abram, que eu sou a amante d’el-rei! Sua Majestade entrega-me a Deus, ou porque lhe não sirvo, ou porque, passado o ataque de tédio, poderei servi-lo. Respeitem-me, como em Cheias é respeitada a Justa Negrão. Nós, as mancebas d’el-rei, não temos direito à liberdade para que possamos sujar nos lábios de outros homens o rosto imaculado com que saímos do real serralho!» Eu direi isto, Sr. Ministro. A porta do mosteiro abrir-se-á. A prelada dar-me-á o lugar mais honroso no coro. Eu contarei às noviças as coisas bonitas da vida da corte; e, logo que meu marido tiver bebido o cálix da morte que el-rei, e V. S^a e eu lhe demos, vestirei o hábito de religiosa, e orarei perpetuamente pela vida e prosperidades d’el-rei nosso senhor.

Neste lance Ângela despertou, sentou-se no leito, e chamou a mãe com alvoroço.

A mãe correu à beira do leito, clamando:

– Que é? Que tens, minha filha?

– Sonhei... – balbuciou a menina. – Sonhei...

– Que sonhaste, Ângela...

– Vi o pai... a chorar... e a chamar-me... eu queria correr-lhe para os braços, e não podia...

A criança abraçava-se ao pescoço da mãe com ansioso terror; e Maria Isabel, enfim, chorava!

V

Referiu Gaspar Coutinho que a sua hóspeda não seguira jornada no dia seguinte, como estava pactuado, em razão dum ataque febril que a prostrara. Acrescentou que António de Cavide a tratara com desvelada caridade, apesar dos insultos, e se acompanhara ao lado da enferma de um respeitável sacerdote, cónego da Sé portuense. Que este padre ponderara tanto no espírito de D. Maria, e tão secretos veios de lágrimas lhe explorara do coração, que parecia milagre do Céu o reviramento que fez no ânimo daquela brava mulher. Finalmente, concluiu o estalajadeiro as suas gravíssimas confidências, contanto que Maria Isabel se entregou sem ressalva à direcção do venerando cónego, dispensando-se da companhia do ministro. Por maneira que, no dia 9 daquele mês de Agosto, o cónego, em uma liteira, e Maria com sua filha, em outra, saíram para Bragança, depois que António de Cavide retrocedera para a capital.

Deixemos o fidalgo de Barcelos a calcular quantos benefícios lhe pode granjear a sua interferência em segredos de tanto momento, e sigamos as liteiras. Não demoremos a ouvir, nas paragens, as práticas do virtuoso cónego com Maria Isabel. Avaliemos a insinuante religiosidade da palavra pela submissão com que a pecadora o atende. É mavioso e compungente o quadro da criança, sentada nos joelhos do sacerdote, acariciando as faces do ancião que converte o anjo inocente em mensageiro de sentimentos que restauram o espírito de sua mãe. Quando duvidava da eficácia de seus conselhos, pedia à criancinha que resolvesse sua mãe a obedecer-lhe.

Chegados a Bragança, o cónego apresentou ao ouvidor da comarca uma Carta do governador das justiças do Porto, D. João de Meneses.

A prelada do mosteiro beneditino de Santa Escolástica estava já de sobre aviso com aposento preparado para uma senhora ilustre que se recolhia com sua filha, O ouvidor e vigário-geral não lhe disseram quem fosse a dama; todavia, o tom misterioso da reserva, incutira no ânimo da abadessa desconfianças não remotas dalguns amores de altíssima categoria. Impuseram-lhe que refreasse a natural curiosidade em indagar da própria dama os motivos da sua reclusão. Recomendaram-lhe o máximo esmero nas comodidades domésticas das reclusas, concessão plena de acções, exceptuados os colóquios em grade ou portaria com pessoas não abonadas pelo ouvidor ou vigário-geral. Por conta do primeiro ficavam correndo as despesas, sem limites nem condições.

Antes de recolher-se ao mosteiro, Maria Isabel recebeu do cónego portuense, a quem se afeiçoara filialmente, o regulamento que lhe cumpria seguir no mosteiro: silêncio absoluto a respeito dos actos de sua vida; não nomear seu marido; não mostrar senão a Deus o coração magoado das saudades de quem quer que fosse; esconder nos recônditos arcanos da sua alma o amor e o nome d'el-rei; sacrificar a paixão, e todos os sentimentos bons e ruins que lhe competem, à futura felicidade da filha; imolar-se, enfim, para com esse sacrifício aplacar as desgraças sobranceiras, e reaver ainda anos de sossegada vida, no mosteiro ou fora dele.

A mulher de Domingos Leite Pereira escutava os ditames e prometia observá-los, sem impostura; mas também sem entusiásticos enlevos de reformação. O que lhe quebrara o alento não fora tanto a iniciação religiosa do padre como a fadiga de lutar com a desgraça inflexível, e o cair enfim vencida e esmagada debaixo daquele cadafalso que António de Cavide lhe pintara. Sentia necessidade de ser desconhecida, O cenóbio do mosteiro, um recanto escuro onde a esquecessem com sua filha, pintava-se-lhe o mais válido refúgio na sua dor exacerbada pela ignomínia de não poder carpir-se e confessar-se à piedade alheia.

Abriu-se-lhe a portaria do mosteiro no dia 15. A prelada conduziu-a à sua casa,

ornamentada com distinção das outras residências de seculares, nomeou-lhe criadas que a servissem; mas todos estes actos de urbanidade eram praticados sem mais dispêndio de palavras que as urgentíssimas, com bastantes cortesias de pescoço, e o lançar de olhos tão descaído e humilde que tudo aquilo tinha um ar de santa obediência claustral.

Todas as religiosas visitaram cerimoniosamente a recolhida; mas de nenhuma ouviu Maria Isabel expressões que lhe permitissem esperar uma confidente para o desafogo, nem braços caritativos que lhe dessem amparo. Cumpridos os deveres da cortesia, deixaram-na sozinha nos seus silenciosos aposentos, a olhar para a filha, que se lhe escondia no seio, amedrontada das freiras que passavam como sombras de almas deplorativas pelos dormitórios, e tremia de pavor quando ouvia a murmurosa toada dos salmos penitentes no coro.

A companhia da menina, que lhe parecera bastante a povoar-lhe a soledade da cela, já agora lhe acerbava aquela estranha sequestração da vida. Ângela não conhecia o travo das lágrimas de sua mãe, não podia dulcificar-lhas; e, se lhas entendesse, pensava Maria Isabel que sua filha devia odiá-la; e via-se já na sepultura amaldiçoada por ela.

Aquele sonho de Ângela, na estalagem do Porto, acudia miúdas vezes à memória da menina para flagelação da mãe. Perguntava a criança onde estava seu pai; e queria que a mãe lhe explicasse o sonho. Maria Isabel admoestava a filha que não lhe fizesse semelhantes perguntas diante das criadas que a serviam. Ângela abria os seus grandes olhos, interrogando com expressão de espanto a causa desta proibição. A mãe, como envergonhada de sua filha, estreitava-a ao seio, e queimava-lhe as faces com lágrimas e beijos, escaldados do inferno que lhe estuava na alma.

Ao terceiro dia de reclusão, Maria Isabel foi segunda vez visitada pela dona abadessa.

A prelada, sem lhe demonstrar curiosidade na averiguação das infelicidades que ali a trouxeram de tão longe, teve compaixão da reclusa quando soube que raras vezes aceitava alimento, e que as criadas nunca lhe tinham visto os olhos enxutos. Notou a religiosa que em três dias o aspecto da dama se desformara como não era de esperar depois de muitos anos de amargura em rosto por tal modo belo, que a todas as freiras maravilhara.

Em termos muito pausados e exteriormente frios lhe aconselhou a prelada que frequentasse o coro, e pusesse as suas tristezas debaixo do olhar misericordioso de Maria Santíssima; que os conventos – ajuntou a monja – não eram lugares defesos ao contentamento, salvo quando a religião era repelida das condições rebeldes ao arrependimento; que, naquelas casas, havia numerosos exemplos de pessoas que para ali entraram corno para um túmulo, e lá encontraram, em renovos da alma, as alegrias puras e inocentes que o mundo lhes não dera. Enfim, concluiu a prelada, pedindo, e não admoestando, que assistisse aos actos religiosos da comunidade, e Deus a faria participante da alegre conformidade das outras senhoras.

A mulher de Domingos Leite sentiu-se menos oprimida desde que se viu observada com piedade pela religiosa anciã, em cujo rosto reluzia a luminosa serenidade da alma.

No outro dia e nas sucessivas manhãs e tardes, foi às orações do coro, com a filha, que se ajoelhava ao seu lado.

Uma vez, à hora de prima, estando a menina com as mãos postas e os olhos fixos na imagem do Redentor, Maria Isabel, como visse que algumas freiras contemplavam a criança com admiração do seu infantil fervor, olhou muito atenta na filha, inclinou-se-lhe ao ouvido e disse-lhe:

– Reza, reza, meu anjinho! Pede ao Senhor por tua mãe...

– E pelo pai – respondeu Ângela, sem desfitar os olhos suplicantes da face do Crucificado.

Maria Isabel sentiu-se retransida de agonias incomparáveis a quantas havia sentido.

Neste comenos, soaram sete horas no relógio do mosteiro. Eram as sete horas do dia 21 de Agosto.

Quando Ângela rezava a Jesus por seu pai, estava ele subindo ao cadafalso.

VI

Recordam-se daquele Fr. Gaspar de Santa Teresa, leitor apostólico do Convento de S. Francisco, e tio materno de Domingos Leite Pereira?

Não se esqueceram que foi ele o promotor da ida do sobrinho para a corte, e foi também o solicitador do funesto casamento com a filha da abastada Traga-Malhas, sua confessada?

Não foi descuido nosso, quando escrevíamos *O Regicida*, o excluí-lo da mínima ocorrência nos infortúnios do sobrinho. Essa omissão de nossa parte correspondeu ao proceder do frade, e bem assim ao desvio de Domingos Leite da intimidade do tio, a quem decerto o alucinado moço não iria pedir conselho no afogo de sua cólera contra o sedutor de Maria Isabel, e ainda menos no plano de vingança contra D. João IV.

Fr. Gaspar, sabendo que Domingos Leite passara a Castela para fugir à justiça, como homicida do padre Luís da Silveira, reprovou a extemporânea vingança; mas não lançou de sua afeição o sobrinho que ele duas vezes infelicitara; uma, tirando-o de Guimarães, onde pudera viver sossegado, honrado e feliz como seu pai; outra, escolhendo-lhe a noiva, e compelindo-o a aceitá-la com argumentos baixos, mundanais, todos escorados nos bens da fortuna. Quer ele matasse, quer mandasse matar o padre Luís, o acto merecia castigo, ao parecer do frade; mas, se o valimento dos seus grandes amigos na jerarquia eclesiástica vingassem enfrear a justiça, Fr. Gaspar não duvidaria solicitar perante eles a absolvição do homicida, bastando a quebrar-lhe os espinhos dos escrúpulos ter ele sido a involuntária causa das desgraças do filho de sua irmã.

Porém, quando lhe constou que Domingos Leite, em Madrid, se amistara com os traidores fugitivos, e recebera de Filipe IV as insígnias de cavaleiro da Ordem de Cristo, amaldiçoou-o no silêncio do seu coração, fechou-se na sua cela, chorou amargamente, e jurou nunca mais sair a público, para não escandalizar a cidade horrorizada, sugerindo com a sua presença, memórias do ingrato que, subindo do nada à quase intimidade de D. João IV, se bandeara com os perversíssimos traidores em Castela, contra seu benfeitor e rei.

A insulação, o recolhimento, a resistência às visitas consoladoras de seus conventuais, a debilidade de espírito rijamente abalado aos setenta anos, tudo contribuíra a declivar-lhe a ladeira do sepulcro. Resvalado à morte o julgavam os frades, quando soou a nova da condenação de Domingos Leite, na antevéspera do suplício.

Acudiram ao seu cubículo os frades mais venerandos do mosteiro desde que a souberam, a fim de ampararem o ancião, quando o último golpe o prostrasse. Deram, entretanto, vigilante recado para que à cela de Fr. Gaspar não chegassem os rumores de fora. Fr. Diogo César, provincial, que então demorava no mosteiro, aceitou a dolorosa mensagem de avisar o tio do padecente, logo que fosse inevitável o aviso. Quando as procissões e acções de graças estrondeassem nas ruas, e ressoassem clamorosas no templo do mosteiro, forçosamente ao cenóbio do velho havia de chegar a toada sinistra, e a noticia de que o filho de sua irmã pendia esquarterado em quatro postes.

Por volta das onze horas do dia 21, quando a justiça de el-rei estava já cumprida, e as igrejas se enchiam de povo a bendizer a Providência que abroquelara o monarca dos tiros do feroz regicida, anunciou-se à portaria do mosteiro o padre Diogo de Arede, ilustre pregador da Companhia de Jesus. Requereu urgentemente que o levassem à cela de Fr. Gaspar de Santa Teresa. Objectaram-lhe que havia todo cuidado em protrair quanto fosse possível a desastrosa notícia ao velho.

– É indispensável que a saiba – replicou o jesuíta. – Ainda mesmo que Fr. Gaspar esteja moribundo, permita Deus que ele não expire antes de me ouvir.

Conduzido à beira do catre, o padre Areda segredou-lhe que precisava ficar a sós com Fr. Gaspar; e acrescentou para remover hesitações:

– Vossa Paternidade não ignora que eu assisti ao padecente Domingos Leite Pereira no oratório, fui seu confessor, e o acompanhei até à forca.

Retiraram todos silenciosamente. Fr. Gaspar conhecia o jesuíta. Estendeu-lhe a mão descarnada, e murmurou:

– Padre Diogo, que me diz do meu desgraçado sobrinho?... Eu sei que Vossa Reverência foi amigo dele naquele tempo em quê tanto prometiam os seus altos espíritos... Vem dizer-me que ele está perdido?

– Não, Sr. Fr. Gaspar... Venho dizer-lhe que seu sobrinho está salvo...

– Salvo?! – exclamou o velho, sentando-se no leito, com os braços estendidos para a imagem de Jesus. – Salvo?! Provou-se a inocência do meu sobrinho?!

– Provou-se na presença de Deus – respondeu serenamente o confessor do justificado. – Seu sobrinho morreu para este mundo infame, e ressurgiu no reino dos justos. Domingos Leite morreu inocente do crime que lhe assacou a justiça. – E, levantando-se, acercou-se da cruz, pousou a mão direita sobre a cabeça ensanguentada de Cristo, e disse, com os olhos aguados de lágrimas: – Juro que Domingos Leite padeceu inocente.

Fr. Gaspar, com a face caída entre as mãos, e arquejando na ansiedade dos soluços, parecia não escutar as palavras do padre Diogo de Areda.

Abeirou-se dele o jesuíta, pôs-lhe a mão na espádua e disse a meia voz:

– Fr. Gaspar, anime-se! Peça forças ao divino amparador dos que padecem fomes e sedes de justiça. Ore, e levante-se desse quebranto, para ouvir o confessor de seu inocente sobrinho.

– Foi Vossa Reverência?! – acudiu o frade erguendo a fronte reanimada.

– Fui; lembrou-se de mim o infeliz; a Deus e a ele dou graças por tamanha angústia. Se eu ali não fosse ao oratório do padecente, se o não ouvisse e acompanhasse em sua serena agonia, a esta hora julgá-lo-ia tão criminoso, como todos o julgam, exceptuados aqueles que o condenaram. Fr. Gaspar de Santa Teresa, eu não venho quebrar o sigilo da confissão. Repito o que seu sobrinho disse aos juizes, na presença dos instrumentos da tortura inútil. Domingos Leite Pereira tentou uma vez contra a vida de el-rei, porque o ciúme o dementara. Mulher e filha lhe haviam arrebatado. O louco era pai extremoso. Queria que lhe dessem a filha; negaram-lha, perseguiram-no, o braço real ameaçava rojá-lo até às masmorras, ele viu no rei um homem, mediu-o pela estatura dos criminosos vulgares, e pensou matá-lo...

Fr. Gaspar interrompeu-o com o fim de perceber a história de que todo lhe era desconhecida. Os amores de Maria Isabel com o rei ouviu-os com tamanho assombro e tanta indignação que, por vezes, lhe coruscavam nos olhos uns relâmpagos, que não eram simplesmente de reprovação religiosa, mas sim de brava cólera.

O jesuíta narrou miudamente os sucessos todos que prepararam a última vinda de Domingos Leite a Lisboa, contou da perfídia de Roque da Cunha; e concluiu nestes termos:

– Domingos Leite encarregou-me de procurar seu tio Fr. Gaspar de Santa Teresa e pedir-lhe que, pelo amor que lhe tivera, e como alívio dos tormentos que o esperavam, empregasse todo o seu esforço e valimento em tirar da companhia de Maria Isabel a sua querida filhinha Ângela, por amor de quem ele ia padecer tão afrontosa morte. E lhe pedia, por intermédio do seu confessor, que fizesse entregar a menina aos seus avós, em Guimarães; e, no caso que a vergonha lhos houvesse já matado, a recolhesse seu tio em alguma casa de misericórdia, ou a fosse alimentando e educando com os seus poucos, mas bastantes recursos em anos tão tenros.

– E onde está a filha de meu sobrinho? – perguntou o frade, convulso e arrebatado, querendo sacudir-se do catre, por se sentir fortalecido de estranho vigor.

Padre Diogo explicou o que sabia das confidências do padecente, bem como das informações da casa professa de S. Roque, onde havia chegado, através de mil precauções, o segredo da longa residência do rei em Alcântara, e as suas nocturnas saídas por uma das portas escusas da tapada.

– Porém nem a filha de seu sobrinho – acrescentou o jesuíta – nem a viúva estão em Lisboa. Muitos dias há que ela foi encontrada em Pombal, por uma senhora minha conhecida que a tratara em Lisboa. Vigiava-a nessa jornada, cujo destino ignoro, o ministro António de Cavide. A meu juízo, Maria Isabel foi levada a algum convento da província. Conventos são o purgatório das barregãs dos monarcas. Se eu colher as informações, que mandei averiguar no Porto pela nossa casa da Companhia, avisarei Vossa Reverência. Entretanto, lembrar-lhe-ei, corno auxiliar, o grande amigo, que foi de seu sobrinho, Sr. Marquês de Gouveia. Esse poderá, primeiro que eu, informá-lo.

O padre saiu, cumprida a mensagem; e Fr. Gaspar de Santa Teresa, envergando o hábito, passou ao dormitório; e, amparando-se pelas paredes, com espanto da fradaria, foi pedir licença ao prior para se ausentar do mosteiro por algum tempo, até que o estrondo do desastre de seu sobrinho se aquietasse.

Não lhe impugnou o prelado a licença; antes mui satisfatoriamente lha cedeu para remover de sua vista o lúgubre espectáculo do velho a carpir um sobrinho execrado pela uníssonos voz das multidões.

– Procede ajuizadamente Vossa Reverência – obtemperou o prior. – Ares pátrios e sossego muito devem convir às atribulações do seu ânimo. Além disso, seria grande obra de misericórdia acudir Vossa Reverência, nesta conjectura, às aflições dos pais de seu sobrinho.

– Eu não posso por enquanto – disse Fr. Gaspar – saber a qual das nossas casas irei pedir uma cova. Voltarei a receber a bênção do nosso reverendíssimo padre prior, e a ordem para o guardião que houver de receber-me.

E, nesse mesmo dia, ao empardecer da noite, transpôs o limiar do convento; e, aconchegando das faces o capuz do hábito, encostou-se no braço de um leigo, e dirigiu-se ao palácio do marquês de Gouveia – tão sincero quanto inútil amigo de Domingos Leite, chegada a suprema hora da catástrofe.

Quando o frade se anunciou, estava o marquês oprimidíssimo, encerrado, simulando graves achaques físicos para se não avistar com el-rei, nem ter de ouvir glosar a desventura do seu secretário, cujos talentos e pundonor ele, aplaudido por D. João, encarecera noutro tempo diante dos cortesãos invejosos.

O marquês mandou entrar no seu quarto o tio de Domingos Leite Pereira, e colheu-o nos braços, com tão estremecida compaixão que o velho rompeu em soluçante choro, bradando:

– Sr. Marquês, eu choro de alegria!... Meu sobrinho está no Céu... Mataram-no inocente!... Ele não veio para matar el-rei, nem se vendeu aos Castelhanos!... Vinha buscar a sua querida filha; e do oratório me mandou pedir pelo seu confessor que a tome eu nos braços e a vá levar a seus avós... Mataram, Sr. Marquês, mataram um pai extremoso que vinha arrancar uma criança aos exemplos da mãe prostituída!...

– Sei tudo, Fr. Gaspar! Tudo sei! – disse o mordomo-mor. – Falemos muito em segredo!... Ou havemos de nos conformarmos com as protérvias do mundo – e com esta principalmente, que excede quantas vi em minha longa vida – ou daremos azo a maiores fatalidades. Morreu inocente Domingos Leite, quanto à última tentativa de crime que lhe imputam; mas ele mesmo confessou com heróico destemor que mataria o rei, em dia de *Corpus Christi*, se sua filha lhe não aparecesse quando apontava a escopeta. Quem

apregoar a inculpabilidade de seu sobrinho nesta terceira vinda a Portugal, terá de ir em uma masmorra provar que a pontaria feita contra el-rei era um acto inculpável. Portanto, Sr. Fr. Gaspar, não intentemos tardios embargos à sentença que o condenou. Haja-se Vossa Reverência com muito siso; não clame contra a injusta morte. Guarde-se dos ódios que refervem nas praças contra seu sobrinho. Quem hoje o lastimasse, correria perigo de ser retalhado nas garras da plebe. Eu mesmo tenho receado que algum inimigo emboscado me aponte às vaias das regateiras de Alfama que hoje voltaram da Ribeira espumando injúrias contra os traidores. E Vossa Reverência sabe que meu avô era espanhol. Quanto ao cumprimento da petição do infeliz pai, sou de voto que Vossa Reverência o cumpra; mas sem perigo de sua pessoa. A viúva de seu sobrinho está no mosteiro de beneditinas em Bragança. A filha está com ela. O meu parecer é que, em tal lugar, não deve Fr. Gaspar temer que o exemplo da mãe prejudique a filha. Deixá-las estar em paz, pelo enquanto. Porém, se um dia, Maria Isabel voltar à vida que viveu, então virá acertada a interferência de Fr. Gaspar na separação da menina.

– Pelo que observo e ouço a V. Ex^a – disse o frade com azedume –, a expiação da mulher do enforcado é um mosteiro rico, uma casa bem adornada com as pompas de manceba de príncipe, e nisto cifra o castigo da mulher que levou seu marido ao patíbulo! E nada mais! As freiras rodeiam-na de atenções, o mundo inveja-lhe a tranquila velhice, os abutres do remorso não ousam espicaçar-lhe o coração defendido pela sombra de D. João IV; e, afinal, recomenda-me V. Ex^a que me esconda, e não ouse sequer dizer que a adúltera vive e está sossegada à sombra das telhas sagradas, e meu sobrinho está, feito pedaços, cravado em mastos às esquinas das ruas! Bem! O mundo é isto, Sr. Marquês!... Nosso Senhor Jesus Cristo me leve desta vida, e eu irei dizer a meu sobrinho: «Não pude cumprir tua vontade. A igreja abriu-se para receber e defender a mulher que te matou. Eu nada pude fazer. Tua filha lá está com ela: roguemos ambos a Deus que a chame para nós!»

O marquês de Gouveia despendeu-se em mui sensatas advertências a Fr. Gaspar, que dava ares de não o ouvir. Assim que se lhe ajeitou modo de se despedir, saiu, e foi ainda pernoitar ao seu convento. No dia seguinte, pediu

licença para se passar ao mosteiro da ordem em Bragança; e, despedindo-se de cada frade com profunda comoção, mas sem lágrimas, pediu a todos que lhe rezassem uma missa por sua alma quando soubessem que ele restituíra a Deus a alma resgatada do seu inoportável martírio.

VII

A jornada de Fr. Gaspar, no trajecto das setenta e cinco léguas que o distanciavam de Bragança, não se fez com os vagares usuais em viandantes da ordem franciscana. Tinha pressa febril; e as forças não lhe permitiam imitar os pedestres prodígios do seu patriarca. Encavalgou os melhores machos que se lhe depararam no trânsito; e, quando chegou a Sortes, duas léguas aquém de Bragança, despediu os arrieiros, e entrou, a pé, na portaria do Convento de S. Francisco, acompanhado do seu leigo. Era no dia 30 de Agosto daquele ano de 1647.

Ainda em Bragança não constava o suplício do regicida. Os frades inquiriram do famoso leitor apostólico acerca de um preso, filhote de Guimarães, delatado por um honrado cúmplice, que o remorso levava aos pés d'el-rei. Fr. Gaspar de Santa Teresa pediu que o deixassem descansar; e ao outro dia, querendo Deus, satisfaria a justa curiosidade de seus irmãos. E, chamando o guardião de parte, pediu-lhe que solicitasse a devida licença para, no dia imediato, entrar no mosteiro de beneditinas a cumprir obrigações que eram parte da sua missão à província.

A conversação do frade com os seus hóspedes deixou-os por vezes suspeitosos de perturbação intelectual. A espaços, Fr. Gaspar desvariava por assuntos alheios da palestra, ou observava taciturno, com olhos esbugalhados e trejeitos estranhos, o que quer que fosse que se lhe pintava à fantasia. O leigo contou ao guardião que Fr. Gaspar, desde que saíra de Lisboa, todas as noites ardia em febre; e, quando se erguia para continuar a jornada, mal podia ter-se em pé, e, sustendo a cabeça entre as mãos, queixava-se de zunidos, e dizia que receava morrer apoplético.

Impetrada a licença, Fr. Gaspar, depois de abençoar as freiras que saíram a cumprimentá-lo no pátio interior da portarias rogou à prelada que chamasse à casa capitular não só as religiosas, senão todas as senhoras seculares, e até meninas de menor idade, se algumas demorassem no mosteiro.

– Apenas temos uma de menor idade, filha de uma senhora que aqui está desde o dia 15 deste mês, vinda de Lisboa, recomendada pelo Sr. Vigário-Geral e pelo Sr. Ouvidor – disse a abadessa, e continuou, justificando-se: – É contra os estatutos da casa receber senhoras com filhas; mas, o Sr. Vigário-Geral removeu todos os meus escrúpulos e embaraços, dizendo que eu, em tempo próprio, saberia quanto me cumpria obedecer sem a menor hesitação...

– Bem –olveu o visitador –, eu não culpo a nossa reverenda madre, nem tão-pouco tenho alçada para devassar na ordem do patriarca S. Bento das insubordinações contra a disciplina.

A prelada mandou tanger a capítulo, e avisar todas as senhoras seculares que se entendia também com elas a chamada.

Maria Isabel perguntou à escritã que lhe levava o aviso com que fim era chamada.

– Não sei, minha senhora – disse a escriva. – Chegou aí um frade muito velho, que entrou no mosteiro e mandou reunir todas as freiras e mais recolhidas, e até as de menor idade. E por isso traga a senhora também a Angelazinha. Quanto a mim, o frade é algum visitador que anda pelos mosteiros a fazer umas exortações que são verdadeiramente umas secas. O que eu admiro é que ele não seja da nossa ordem. O hábito é de S. Francisco, e tem uma cara chupada e rugosa que parece uma casca de pêssego de sequeiro. Não se demore, menina.

No entanto, Fr. Gaspar de Santa Teresa orava fervorosamente com o rosto no pavimento do altar-mor.

As freiras, que do coro de baixo o contemplavam, tremiam daquele ascetismo,

porque, não estando o Mosteiro de Santa Escolástica bem conceituado pelo arcebispo bracarense, recebiam elas que o austero franciscano ali viesse a fulminá-las com os raios da sua santa indignação. Algumas atribuíam já a visita a intrigas das franciscanas e não fundavam mal a suspeita, sendo o visitador da sua ordem. Outras, de ilustre nascimento, dar-se-iam por ofendidas em sua vaidade de filhas de S. Bento, se um franciscano as repreendesse em capítulo, como se elas vestissem o pobre hábito de carmelitas.

O capelão disse a Fr. Gaspar que a comunidade o esperava.

– Sem excepção das seculares? – perguntou o frade.

– Estão todas.

– E as crianças?

– Aqui há tão-somente uma criança: essa já está na casa capitular com sua mãe.

– Pois vamos lá com Deus – disse o frade; e ajoelhando outra vez em frente do altar-mor beijou o chão, ergueu-se e entrou de novo ao mosteiro, pela porta gradeada do coro de baixo, onde o esperavam a prelada e a escritvã.

A casa capitular era uma vasta sala desornada, com três cadeiras de espaldas de moscóvia, a do meio mais elevada que as outras, colocadas no topo da quadra. Das paredes adobadas de azulejo pendiam alguns painéis com as veras efígies de algumas santas da ordem beneditina. Sobranceiro à cadeira da prelada, infundia piedoso terror o retábulo do calvário – Cristo no derradeiro instante da agonia com os olhos entreabertos, cheios de suavidade, baços, mas radiando ainda uns fulgores de luz divina, que envolvia as almas no ambiente da futura vida.

Assomou no limiar da casa Fr. Gaspar, quando a prelada, a mestra de noviças e a escritvã o esperavam de pé, cada qual ao lado da sua cadeira. Ao correr do lado direito da abadessa enfileiravam-se as professoras; do lado esquerdo as noviças; e na extrema inferior desta fileira as seculares, que eram cinco, e junto da última, que era Maria Isabel, estava Ângela.

Todas as vistas convergiam fitas na porta, quando o vulto do frade, ao sair do envasamento do corredor pouco alumado, se destacou de súbito na claridade do salão...

Quem mais perto estava dele era Maria Isabel. No primeiro momento o que ela sentiu não era ainda a certeza de que fosse aquele frade o tio de Domingos Leite e o confessor de sua mãe.

As feições alteradas, descaídas, macilentas do velho diferenciavam-se muito do aspecto alegre, sadio, robusto do franciscano que ela conhecera desde a primeira mocidade.

Aquele ancião acurvado, lívido, com a barba apenas tosquiada, com os olhos orlados de círculos cinzentos, dava ainda assim uns escassos vestígios do frade, que ela nunca mais vira desde que Domingos Leite, dois anos antes, recebera com desgosto as admoestações que o tio lhe fizera acerca dos atavios com que sua mulher se equipava a rivalizar com as fidalgas.

Não obstante, Maria, encarando o frade, estremeceu, descorou e sentiu tamanho sobressalto no coração que, ao respirar daquela surpresa, o ar, arfando-lhe o seio, espirou-lhe nos lábios com o somido dum ai irreprimível. A secular mais convizinha de Maria Isabel deu tento da comoção, estranhou-lhe a palidez, e ia perguntar-lhe se estava molestada, quando Fr. Gaspar, avistando o retábulo do divino mártir, ajoelhou no limiar da porta, abaixou a cabeça e pôs as mãos. Abaladas pelo exemplo, a prelada e todas as senhoras, voltadas para o painel, ajoelharam de mãos erguidas, e esperaram que o frade se levantasse para se erguerem e voltarem para ele.

O frade enxugava as lágrimas, ao erguer-se apoiado no umbral da porta. Acabava de pedir a Deus que o inspirasse. A dúvida pungente que o desconfiava da virtude de

sua missão àquela casa mortificava-o até ao pranto.

Todas as senhoras, em vista do ancião orando e chorando, sentiram calafrios. Estas grandes e sublimes comoções só a religião as dá. Não respiravam. As delinquentes, sem que o frade ainda proferisse palavra, cuidavam estar já ouvindo na recôndita consciência o grito da reprovação.

Fr. Gaspar olhou de relance para todas as que vestiam hábito. A poucos passos distante, viu, sem olhar, que havia Uma menina. Ali devia estar a mulher de seu sobrinho – coligiu ele... E não a viu.

Dados breves passos, e arrancando com um suspiro a primeira palavra, principiou falando assim:

– Sou, reverendas madres, portador de ruins e boas novas...

Articuladas estas palavras, Maria Isabel, cadavericamente lívida, encostou-se à parede, como se a empuxassem com súbito repelão. Tinha conhecido a voz do tio de seu marido. Já não vacilava. Viu nele o acusador, e naquele auditório outros tantos juizes do seu opróbrio. Esta forte agitação foi percebida. As senhoras mais próximas repararam, e acercaram-se dela. O frade, como interrompido pelo rumor e ciciar de vozes, calou-se; e, sem volver o rosto, esperou.

– Que aconteceu? – perguntou a prelada sem mover-se do seu posto.

– A Sr^a D. Maria está incomodada – respondeu uma das seculares.

Ângela chorava. E o frade olhou com piedade para a criança.

– Se está incomodada, pode retirar-se, Sr^a D. Maria – disse a abadessa.

Maria Isabel fez menção de retirar-se. O frade recuou até à porta, estendeu o braço na direcção da lívida mulher, e bradou com voz soturna e formidável:

– Não!

A viúva do regicida retraiu-se, com os olhos cravados no rosto do frade, que pela primeira vez a encarara a fito.

Houve um demorado ruído de movimento rápido e vozes imperceptíveis, e respirações ofegantes. O braço do ancião descera trémulo e vagaroso. Fizera-se já profundo o silêncio, a mudez majestosa do terror. Maria Isabel estava de joelhos com as costas voltadas para o frade, e o rosto escondido no peito de Ângela.

Fr. Gaspar recomeçou com expressões interrompidas:

– Sou portador de ruins e boas novas. Como o eco das grandes calamidades repercute ao longe, não ignoreis, senhoras, que a vida d’el-rei o Sr. D. João IV esteve a pique de se perder, ameaçada pela perfídia de um português, que neste mundo se chamava Domingos Leite Pereira. Os juizes que o sentenciaram à morte afrontosa da força assim o declararam na sua sentença. Eles o disseram com convicção dos juízos humanos; porém, vós, ó Jesus crucificado, dissei à minha alma se a vossa criatura condenada e decepada e estrangulada na força merecia tal castigo! Dissei-mo vós, ó divino padecente, se aquele homem esquartejado e cravado em postes nas ruas de Lisboa deve ser chorado como um infeliz, ou execrado como facinoroso!

Fez uma longa pausa o frade com as mãos cruzadas sobre o peito, e os olhos absortos na imagem. As freiras choravam silenciosas, sem perceberem de que dor as suas lágrimas procediam. Maria Isabel, retransida de frio, tiritava; as convulsões conheciam-se-lhe no tremor da filha presa nos braços dela como a prancha nos braços marmóreos do naufrago.

E o frade prosseguiu, com a vista enlevada no Crucificado:

– Se os meus lábios desprenderam palavras de iniquidade, Senhor, paralisai a minha língua! Mas, se m vosso divino tribunal, a alma de Domingos Leite foi julgada e lavada de suas máculas na torrente das lágrimas que vão desde este mundo até aos vossos olhos, à mártir divino que provaste o travor de todo o fel desta vida, então,

Senhor, deixai-mo chorar, deixai que eu vos rogue pelo eterno descanso da alma do enforcado, deixai que eu me prostre a pedir as primeiras orações a favor do inocente.

E ajoelhou com fêrvido êxtasis. E simultaneamente se ergueram todas as mãos. Mas foi indizível o espasmo, o assombro, quando o frade, voltado para a menina, lhe disse com plangente voz:

– Filha de Domingos Leite Pereira, ajoelha, Ângela, e reza por alma de teu pai, que morreu enforcado.

Maria Isabel expediu um grito estrídulo, ergueu-se com os olhos esvairados, insanos, rutilantes, com os lábios arregaçados e trementes como se lhos eriçassem as crispações eléctricas, com a filha apertada ao peito em abraço de frenesi louco. E avançou contra a porta, sem que a retivesse a corporatura erecta e terrível do frade. Mas ele, travando-lhe do braço da criança, que barafustava em contorções e gritos, exclamou com as faces fulvas:

– Não! Não!... Eu venho arrancar-te a filha dessas mãos que teceram a corda do enforcado! Foi teu marido, Maria Isabel, foi meu sobrinho que, entre a Cruz e a forca, me pediu que viesse eu levantar do abismo de teus braços esta criança, que ele vinha pedir-te, quando lhe amarraram as mãos, para depois lhas cortarem com o cutelo no pelourinho! Dá-me esta menina, mulher que lhe mataste o pai; dá-me esta inocente para que eu lhe encha o coração das lágrimas do extremoso amigo que morreu por ela!... Dá-ma, dá-ma, que eu ta peço de joelhos, como seu pai ta pediu!

Ouvidas as últimas palavras, Maria Isabel caiu, batendo com a face no pavimento, ao mesmo tempo que o frade lhe arrancava dos braços a filha.

As freiras, que a pouco e pouco, e automaticamente, se aproximaram deles, rodearam Maria Isabel, ergueram-na sem alento, e iam transportá-la, quando Ângela se desatou dos braços do frade, e correu a abraçar-se, em altos gritos, no peito inerte da mãe. Ainda Fr. Gaspar deu alguns passos a segui-la; mas a prelada, sem perfeita consciência do acto que praticava, antepôs-se ao frade, e fez-lhe um gesto que o reteve.

E ele, lavado em lágrimas, e com os braços ainda estendidos para Ângela, disse quando os soluços o desafogavam:

– Não impeçam que eu leve aquela criança, senhoras! Olhem que é a súplica do pai que padeceu sem culpa a pior das mortes. Deixem-me dar ao desgraçado a consolação de ver sua filha a orar por ele nos, braços do seu velho tio... A criancinha tem avó, que é minha irmã. Deixem que eu a leve aos tristes velhos que perderam o filho único!

Embargavam-lhe a voz uns profundos arrancos; o pranto secava-se logo no rosto escarlate e roxo da congestão cerebral; tartamudeava monossílabos ininteligíveis. Apertava a fronte gotejante de suor com as mãos gélidas.

Não se tinha já em pé; pediu por sinais que o amparassem. As religiosas aproximavam dele uma cadeira, a qual resvalou dos braços delas. Bradou a prelada que chamassem os médicos do convento.

O frade emergia em profundo sopor, com intercadências de arrepios convulsos. Quando o primeiro médico chegou, Fr. Gaspar de Santa Teresa parecia adormecido com a face amparada nos braços do capelão.

Principiava a prelada a esclarecer o médico por estas palavras:

– Este padre...

– Diga «este cadáver», Sr^a Abadessa – emendou o médico.

VIII

A tumba do Convento de S. Francisco, pouco tempo depois, recebeu na portaria das bentas o cadáver do famigerado leitor apostólico de Moral e pregador jubilado padre Gaspar de Santa Teresa.

E, conjuntamente, concorreram ao locutório privativo da prelada o vigário-geral e o ouvidor da comarca, qual deles mais espantado das atoardas que circulavam na terra.

A abadessa, enfiada de pavor, contou o sucesso miudamente particularizado, ponderou que a desgraça era menor que o escândalo, e protestou nunca mais admitir naquela casa secular alguma sem preceder as mais rigorosas informações.

– Mas afinal que sabe V. S^a dessa mulher – perguntou o ouvidor, trocando com o vigário-geral um volver de olhos expressivo de receio de que ela soubesse tanto como eles.

– Que sei eu desta mulher? Que querem Vossas Mercês que eu saiba, ou que mais me é preciso saber? Sei tudo o que o frade disse, e foi de mais.

– Que disse o frade em suma? Vejamos... – tornou o ouvidor.

– Que disse? Em primeiro lugar, que Maria Isabel era casada com um tal Domingos Leite que foi enforcado.

– Porque tentou duas vezes contra a vida de el-rei –ajuntou o vigário-geral.

– Negou isso o frade na presença de Cristo, e invocou o seu sacratíssimo testemunho declarando que Maria Isabel fora causa da morte do marido, quando ele lhe queria tirar a filha. Foi o que eu percebi e todas as religiosas perceberam... Ainda estremeço... estou a ver e ouvir o frade, que fazia terror!...

– E não disse mais nada? – replicou o ministro. – Até aí, Sr^a Abadessa, os desatinos vociferados pelo franciscano explicam a morte súbita que o assaltou. O padre tinha a razão perturbada; provavelmente o crime do sobrinho transtornou-lhe o juízo. Era um louco digno de piedade; mas não de crédito. Entrou aqui desvairado, quando a febre lhe atacava a cabeça. Figurou-se-lhe a mulher do sobrinho a causa da morte dele; injuriou-a e emudeceu quando a morte o colheu na explosão do delírio...

– Mas – atalhou a prelada – Maria Isabel não o contradisse, sofreu sem defesa as mais desonrosas acusações...

– Há calúnias tão destemperadas, tão imprevisas, que a vítima inocente delas cai fulminada! – explicou o vigário-geral, apoiado pelo ouvidor.

– O que é certo é que esta mulher é viúva de um mau homem que quis matar el-rei!... Vossas Mercês não o negam – contraveio a prelada.

– Assim o decidiu a justiça... – obtemperou o ministro.

– Sim? Pois se é verdade que ela é mulher de tal marido, declaro-lhes que na Ordem de S. Bento não é costume dar hospício às viúvas dos facinorosos. Antes de mais nada, Vossas Mercês que a trouxeram tirem-na de cá; porque todas as religiosas e noviças estão escandalizadas, e eu sou a primeira a mudar-me para Vairão, se a viúva de um enforcado continuar a ocupar a casa destinada às esposas de Jesus Cristo.

– Não se altere, Sr^a Abadessa – apaziguou o vigário-geral. – Ora atenda V. S^a: se Maria Isabel é inocente no crime do marido, tão criminoso é ela, como V. S^a, como eu. Porventura, a duquesa de Caminha ou a condessa de Armamar são criminosas porque seus maridos foram degolados há seis anos? Com toda a certeza não. E a prova. de que Maria Isabel está inocente tem-na V. S^a em nós mesmos, que a trouxemos aqui. Não é natural que o Sr. Ouvidor se encarregasse de trastejar neste mosteiro a residência de uma criminoso de tal natureza. Está convencida, Sr^a Abadessa?

– Quanto a isso, é possível; mas a acusação de adúltera que lhe fez o frade? E o

dizer ele que fora ela quem tecera a corda que enforcou o marido? E, além disso...

– Ora, minha senhora – interrompeu o ouvidor –, não nos repita o depoimento de um mentecapto em caso de tanta gravidade.

– Não me diga que ele estava doido! – objectou a prelada. – As palavras que ele disse parece que saíam de uma alma que ia ser julgada por Deus. As lágrimas cobriam-lhe o rosto. Quando ele disse que o sobrinho o encarregava de arrancar a filha do abismo da mãe, todas nós nos sentimos trespassadas de pavor e compaixão...

– Senhoras, senhoras... – retorquiu o magistrado. – Nada mais fácil que o comovê-las um frade em postura de pregador, com o rosto inflamado do fogo da demência. Em suma, a nossa missão por enquanto reduz-se a pedir a V. S^a que não dê consideração às aleivosias involuntárias do frade sandeu; que se haja piedosamente com essa pobre mulher; que a deixe sozinha com a filha nos seus aposentos, se as não quiserem na sua convivência as senhoras religiosas; finalmente, quando a malquerença descaridosa se insurgir na casa de Deus contra essa recolhida, nós veremos que remédio se há-de dar...

– O remédio é mudá-la – deliberou a prelada com a sobrançeria menos própria do hábito que da sua ilustre prosápia dos Sás, condes de Penaguião; e acrescentou: – Aí estão em Bragança as Carmelitas, que têm casa de sobra, e não escolhem muito as suas hóspedes.

O ouvidor sorriu imprudentemente, e disse com maliciosa brandura:

– Se V. S^a houvesse de ajeitar o bom grão do joio daninho, reduziria a pouquíssimas ovelhinhas o seu rebanho; salvo, se o hábito encobre os defeitos das muitas que hão-de ser chamadas para serem pouquíssimas as escolhidas.

– Que quer isso dizer? – replicou a irmã do camareiro-mor, João Rodrigues de Sã. – Quem são neste mosteiro as religiosas que não merecem o respeito do Sr. Doutor? Estou a ver se Vossas Mercês receiam que esta senhora Maria Isabel se derranque em nossa companhia!...

A prelada levantara-se de golpe, trejeitando uns ademanos sacudidos e bastantemente distantes da sua jerarquia civil e eclesiástica.

O vigário-geral, deitando de través um lance de olhos repreensivos ao ouvir o indiscreto, interveio pacificando a prelada com expressões lisonjeiras até à humilhação; ela, porém, beliscada no orgulho de fidalga e de dona abadessa das mais qualificadas monjas da cristandade, repulsou as satisfações, e rebateu-as concludentemente declarando-se senhora e superiora naquela casa.

– Portanto, Sr. Ouvidor – terminou ela –, Maria Isabel vai ser despedida deste mosteiro. Se Vossa Mercê tem à sua obrigação aposentá-la, dou-lhe três dias para a mudança.

O ministro, a despeito do tom imperativo da irmã do conde de Penaguião, manteve o aspecto risonho, e disse com brandura cortês: -

– V. S^a não despedirá Maria Isabel...

– Não despedirei? Eu!... Cuidei que Vossa Mercê conhecia, sequer de nome, a minha família...

– Que eu muito a respeito sem a conhecer. V. S^a não despedirá Maria Isabel – repetiu o magistrado, pegando do chapéu. – As minhas impreteríveis obrigações de ministro não permitem que eu me demore; mas aqui fica o Sr. Vigário-Geral, de quem V. S^a se dignará ouvir as razões que eu tenho para supor que não será despedida Maria Isabel. – E voltando-se ao clérigo, acrescentou: – É dever de Vossa Mercê esclarecer esta senhora. A revelação do segredo é honra que sua senhoria merece. Toca-lhe bastante pelo sangue, visto que os Sás e Meneses não são dos fidalgos menos aparentados com os Braganças. Já vê, Sr^a Abadessa, que eu não desconheço inteiramente a prosápia de V. S^a.

E, feita uma respeitosa curva, saiu, deixando tão enleada a monja quanto embaraçado o padre com o inespérado desfecho.

– Não me entendo com esta meada! – resmoneou a abadessa, enquanto o vigário-geral embebia no lenço as camarinhas de suor.

– Este ouvidor... não no entendo!... – disse o padre. – Quando eu lhe observei que esta senhora não devia entrar no mosteiro sem que V. S^a fosse informada de certas e melindrosas circunstâncias, respondeu-me que o segredo era só nosso, e violá-lo seria perigosíssima coisa. Agora é ele mesmo quem me incumbe de esclarecer V. S^a Com toda a satisfação o farei; mas antes quisera tê-lo já feito. A recolhida ganharia com isso, e V. S^a não se teria inquietado tanto. Vai, por conseguinte, a Sr^a D. Abadessa, muito minha senhora, saber um segredo de Estado; vai, até certo ponto, participar da confidência das fraquezas... deixe-me assim dizer, das fraquezas dos reis, que se parecem com as dos outros mortais. Começa a perceber, minha senhora?

– Acabo de perceber – disse a fidalga, abaixando os olhos austeros. – Eu suspeitava alta influência; mas não tão alta...

– Altíssima! Há palavras que se atravessam nos gorgomilos e custam a despegar-se da língua. Afinal, os reis são homens; e as mulheres é que sabem reduzi-los e apoucá-los às condições do comum da humanidade, desde que Betsabé, mulher de Urias, areou o juízo do rei David. E de Salomão não falemos. Muitos são os exemplos que temos por casa: não se faz mister i-los demandar em terra estranha. Aqui o que mais é para lastimar muito das entranhas, é que el-rei não resistisse ao que nestes amores lhe redundava em menos louvor; e vem a ser a triste circunstância de ser casada esta mulher; todavia, lá disse Camões, desculpando o amor do rei Fernando a Leonor Teles, que também era casada:

*«Mas quem pode Livrar-se por ventura,
Dos laços que Amor arma brandamente?»*

Tomou fôlego o vigário-geral, contente do exórdio, e não menos da silenciosa atenção da prelada. E continuando, disse:

– O cônego portuense que seguiu até aqui Maria Isabel recebeu-a no Porto da mão de um ministro muito privado, o Sr. António de Cairide, mantieiro d'el-rei, e alcaide-mor de Borba ⁴.

«Deste ministro é muito valido o ouvidor, que já de antemão, de avenças comigo, aqui procurou refúgio à dama, que el-rei mandou sair da capital, quando o marido, instrumento dos Castelhanos, era delatado e daí a pouco preso. Aqui tem V. S^a a tragédia. O rei, por meios que nós ignoramos, enfeitou-se desta senhora. Neste em meio, quis a sorte que o marido dela lhe ameaçasse a vida. A prudência, bem que tardia, aconselhou este passo. El-rei sabe que Maria Isabel está aqui, e pensa que a tem resguardada de injúrias e do opróbrio injusto que lhe reflecte do crime do marido. Com que tristeza, minha Sr^a D. Abadessa, não receberá Sua Majestade a funesta notícia de que a dama dos seus amores foi expulsa desta casa? Com que mágoa não ficará V. S^a se desta mudança vier el-rei atribuir a tão nobre e discreta prelada o descobrir-se-lhe esta fragilidade mais que muito malsinada nos reis?

A abadessa dispensara-se de tão comprida argumentação para contemporizar, dado que a rigidez do seu carácter lograsse perfeições raras naquele tempo de extremada

⁴ António de Cavide foi escrivão da câmara extravagante de D. João IV, seu secretário particular, desembargador do Paço, conselheiro da Fazenda, comendador de S. Pedro de Babe e da dos Azeites e Lagares da Vila de Soure, alcaide-mor de Borba, e provedor das obras da Fazenda Real, e mantieiro d'el-rei. *Mantieiro* era o fiscal e guarda de todos os aprestos da mesa real.

desmoralização monástica.

– Deviam-me ter precavido – disse ela. – Não sei como há-de ser isto agora depois que a comunidade assistiu às injúrias que o frade lhe atirou à cara. Vou pensar, e ver o modo como hei-de aplacar a indignação das minhas religiosas. Não serei eu quem dê maiores dissabores a el-rei; pelo contrário, pedirei a Deus que lhe sossegue o ânimo atribulado, e lhe converta em escarmento este revés.

Nesta conjuntura, era procurada na grade a prelada por um postilhão vindo de Lisboa com aviso do geral dos Bentos, a fim de se cantarem naquele mosteiro solenes acções de graças pelo favor que Deus fizera a este reino, preservando a vida d’el-rei nosso senhor das insídias sacrílegas e regicidas de Domingos Leite Pereira, enforcado no dia 21 de Agosto, réu confesso e convicto do mais abominável crime.

IX

Voltaremos oportunamente ao mosteiro beneditino de Bragança.

Há muito que os dois velhos caminheiros, António Leite e Bernardo, lá vão por essa estrada fora. Ao terceiro dia de jornada, o cuteleiro, bem que o anseio de chegar lhe emprestasse vigor extraordinário, afinal parou exausto de forças. Foi mister alugarem cavalgadas em Coimbra, e apertarem o trote para no dia 19 daquele mês de Agosto chegarem à povoação chamada Venda da Palhoça, catorze léguas apartada de Lisboa.

António Leite, apenas descavalgou, pediu cama e deitou-se oirado da cabeça e contundido da longa jornada debaixo dum sol ardentíssimo. Bernardo, que em todas as estalagens do caminho indagava notícias de estafetas e almocreves a respeito dos acontecimentos da capital, demorou-se na cozinha da estalagem, esperando passageiros que jornadeavam de noite para descansarem durante a calma do dia.

Por volta das dez horas parou à porta da taverna um rancho de cavaleiros, trajados à campina. Apearam-se e pediram vinho. Bernardo perguntou a um deles se vinha de Lisboa.

– Não venho, vou – disse o campino. – Ó patrão, mande botar uma maquia de fava a cada besta – bradou o viandante ao estalajadeiro. – E depressa, que não há tempo a perder. Queremos estar às sete da manhã em Povos. Quantas léguas fazem cá?

– Sete das que mediu a velha – disse o estalajadeiro. – E então que pressa é essa?

– Hemos de descansar até às cinco da tarde, e ir amanhecer lá para Lisboa, e esperar na Portela que se abram as portas da cidade.

– Querem ver que vocês –olveu o locandeiro – vão ver pernear na forca o tal patifão que quis matar el-rei?

– É como diz. Quero ver a cara ao malvado.

– Eu cá de mim – tornou o taverneiro com patriótica ira – só lá iria, se me deixassem empurrá-lo, quando a corda o não deixasse ir ao chão!

Bernardo - ouvia, .mas não via os interlocutores. Encostara-se ao balcão da taverna, afincando as unhas na tábua esforçadamente, porque as pernas lhe tremiam e vergavam.

– Então sempre é certo que o enforcam na quarta-feira? – perguntou o taverneiro.

– Já devia ser no dia 16, segundo lá disse o abade dos Mulianos; mas como era sexta-feira, e a sexta-feira morreu o nosso Redentor...

– Então enforcassem-no no sábado, para não estar aquela peste viva entre os Portugueses – admoestou o taverneiro; e, como visse Bernardo com os braços convulsos encostados ao balcão e os olhos espasmódicos e baços, pôs-lhe a mão pesada no ombro, e disse-lhe rindo:

– Ó velhote! Parece que a pinga lhe deu na fraqueira! Vá-se deitar, patrãozinho! Você já não atrema decerto com o sobrado! Ó rapaz, vai ensinar a cama a este homem, e tem-me cuidado com a candeia, visto que a dele está às avessas.

Bernardo, com a face lavada em lágrimas, seguiu o rapaz.

– Ele vai muito borracho! – tornou o estalajadeiro. – Não que a pinga aqui, quando um homem mal se percata, marinha às águas-furtadas, que nem peto-real por haste de pinheiro.

– O velho ia a chorar... – disse a estalajadeira.

– Há vinha que lhe dá pr'aí; é consoante o signo em que nasceu cada qual – explicou o marido. – Os que têm o vinho triste lagrimejam.

Bernardo, quando o mocinho lhe mostrou a cama de par com a do seu companheiro, tomou-lhe a candeia da mão, e disse-lhe que podia ir com Deus.

– E a luz? –olveu o rapaz.

– Dize a teu amo que eu não estou turvado de vinho. Vai descansado.

O pai de Domingos Leite dormia profundamente. Lá estava à cabeceira a faca pendurada da mesma cavilha em que pendia o rosário com a sua cruz de bronze.

Bernardo sentou-se no seu enxergão com o rosto entre as mãos para abafar os soluços. Às vezes, olhava para o velho, e dizia entre si:

– Como hei-de eu impedir que ele siga a jornada! Quando chegar a Lisboa, já está morto o filho. Ele quer matar o Roque da Cunha. Será preso e enforcado como o filho.

Em uma destas meditações, sobressaltou-se ouvindo passas no corredor. Era o estalajadeiro que, desconfiado ainda da vinolência do velho, ia vigiar que a candeia estivesse apagada.

– Ainda a pé! – disse ele, observando agradavelmente a compostura do hóspede, que se lhe afigurou escoreito, não obstante as lágrimas.

– É verdade – respondeu Bernardo. – Não apetece a cama como calor que faz.

– Olhe o seu companheiro como ronca! E nem se despiu!

– E reparando no cutelo: – Que soberbo facalhão ele aqui tem! Conheço esta peça, que tenho assim uma. Destas facas só as faz em Guimarães o António da Rua de Infesta, o cuteleiro mais famoso do Reino.

E como ele, ao examinar a faca, fizesse algum rumor, António abriu os olhos espantados, cravou-os na cara estranha do estalajadeiro, e sentou-se com ímpeto na cama, guinando a vista entre Bernardo e o desconhecido.

– Não se assuste, patrão! – disse o estalajadeiro. – E gente de paz. Basta uma faca assim para guardar o dono que dorme. Eu também assim tenho uma que vai comigo para toda a parte. Já uma vez na charneca de Ota, onde os ladrões do pinhal de Azambuja têm os seus piquetes...

– É dia, Sr. Bernardo? – interrompeu António Leite, não prestando sentido à proeza que o taverneiro ia contar.

– É hora e meia, quando muito – respondeu o hospedeiro.

– Você que tem, Sr. Bernardo?! – tornou o cuteleiro. – Chegue-se aqui... A sua cara está cheia de lágrimas...

– Já fiz também esse reparo... e, a falar verdade – interveio o taverneiro –, ajuizei mal deste homem, quando o vi assim a modo de quem se não segura bem nas pernas, e o mandei deitar.

– E bem preciso eu de dormir... – disse Bernardo. – Vá com Deus, patrão, e deixen-nos aproveitar o resto da noite, que temos de sair cedo.

– Melhor fora – disse o taverneiro – que vocês tivessem descansado de dia, e seguissem a sua jornada para Lisboa com esses passageiros que...

– Sim, sim – atalhou pressurosamente o velho –, mas não podia ser, porque andamos de dia... Com Deus passe a noite...

E quase o ia empurrando brandamente; mas o taverneiro prosseguiu já de fora da porta:

– Que vocês, se amanhã por noite chegarem à Alhandra, que são nove léguas pequenas, ainda podem, saindo de madrugada, estar aí pelas oito em Lisboa, e chegam muito a tempo de ver enforcar o homem.

– Que homem!? – exclamou António Leite saltando da cama.

– Então não sabe que vai ser dependurado um assassino que veio de Castela para matar el-rei nosso senhor? – respondeu o taverneiro.

O velho interrogava Bernardo com os olhos fulgurantes; mas, proferidas as últimas palavras do taverneiro, Bernardo caíra de joelhos à beira do seu catre, e rompera num alto choro, que em vão quis estrangular, abafando a respiração contra a colcha da

cama.

– Sr. Bernardo! – bradou António, caminhando para ele, às apalpadelas, como se o procurasse nas trevas. – Que disse aquele homem? Não ouviu?... Estarei eu sonhando! Jesus Cristo, Virgem Santíssima, acudi-me! Acordai-me deste pesadelo!... Eu não ouvi agora dizer que meu filho ia ser enforcado?

O estalajadeiro, ouvindo tão estranhos brados, retrocedera; e, parando voltado contra o velho que o media com torva olhadura, perguntou:

– Você é o pai do tal desgraçado?

– Se sou pai de quem? – bradou António arremessando-lhe vertiginosamente a vista esgazeada.

– Pergunto se é pai... sim... eu ouvi-lhe agora dizer que...

O cuteleiro curvou-se sobre Bernardo, ergueu-o empuxando-o pelas lapelas da jaqueta, e bradou-lhe:

– Tenha mais ânimo que eu! Você não é pai!... Diga-me se meu filho foi condenado à morte!... Foi?

Bernardo ergueu-se, estreitou-o ao peito, e não pôde responder. O velho desatou-se-lhe dos braços com violento repêlo, e bradou:

– Nada de lástimas! Matam-me o filho? Matam-mo inocente? Acabou-se!... Eu cá estou!

E gesticulava estirando e contraindo os braços.

– Vamos embora! – rebramiu ele com precipitadas vozes. – A caminho! E é já! Já! Quantas léguas são daqui a Lisboa?

– Catorze – respondeu o despavorido taverneiro.

– Ando-as num dia. Amanhã estou em Lisboa. É depois de amanhã que enforcam o meu Domingos? Ainda o verei, talvez que me deixem abraçá-lo... e talvez que eu morra abraçado a ele... Homem! – disse ele com voz descaída, trémula e gemente, segurando o braço do estalajadeiro. – Eu não tenho outro filho... e nenhum pai o teve mais honrado... Você sabe que ele vai morrer inocente?...

O estalajadeiro olhava de esconso para Bernardo, que fazia ansiosos sinais de silêncio ao cuteleiro, insensível às cautelas do velho.

– Olhe que meu filho – prosseguiu António Leite com veemência, picando as palavras com aspirações fortes e compassadas pelo arfar do peito –, olhe que meu filho era muito honrado, era português como seu avô que morreu na batalha de Alcântara, pelejando por D. António. Meu filho foi um dos que aclamaram D. João IV em Évora... E matam-no! Porquê? Diga! – E sacudia o estalajadeiro pelas espáduas rijamente.

– Você não sabe? – continuou o pai de Domingos Leite com os olhos congestionados e as faces roxas. – O meu filho foi atraído... Foi entregue como Cristo aos matadores... E eu vou matar o judas que o vendeu, trespassá-lo do peito às costas com aquela faca. Hei-de ver-lhe espirrar o sangue, e arrancar-lhe a língua... Vamos! que faz aí você, Bernardo? Venha cá... – E repuxou-o com força. – Conte aqui a este homem como era bom e honrado seu amo; diga-lhe tudo!... Pois eu hei-de ver morrer o meu Domingos? – exclamou ele descaindo rapidamente da exclamação forte ao murmúrio soluçante. – Virgem Maria! Valei ao vosso afilhado! O meu Redentor! – E ajoelhando beijava o Cristo do rosário. – Não me tireis o meu filho com tão horrível morte! Abri os vossos olhos sobre o mais desgraçado dos pais! Meu filho na forca! Na forca!... Então não há Deus!...

E, levantando-se arrebatado, lançou mão da faca, ululando:

– Eu te vingarei!... Eu te vingarei!

Neste lance, Bernardo e o estalajadeiro tiveram mão dele; a reacção foi curta; os braços do velho esmoreceram, a cabeça descaiu para o lado, e os beiços revibravam ao

sopro ardente dos arrancos, que pareciam da morte. Prostraram-no desmaiado no leito.

O estalajadeiro e a família, compadecidamente, assistiram ao desgraçado com todos os socorros. Bernardo, fiando na piedade sincera daquela gente, contou os infortúnios domésticos de Domingos Leite Pereira, pedindo guardassem segredo para que o pai não fosse ainda presa da justiça.

Seis horas depois, já dia alto, António Leite recobrou instantes de razão, reconheceu que o velavam pessoas caritativas, e ainda respondeu ao interrogatório do cirurgião. Tentou sentar-se; mas, com só mover a cabeça, lhe sobreveio um vagado e sucessivas vertigens. Declarou-se, ao parecer do facultativo, uma febre maligna, ou, como hoje diríamos, febre tifóide.

No decurso de quinze dias o enfermo raras palavras balbuciou, apesar do esforço empregado em distender a língua encrostada de negro. A espaços, uma rija convulsão o espertava da sonolência em que jazia amodorrado. Nos delírios, percebiam-se-lhe dois nomes tão-somente por entre o rumor de sons inarticulados: eram «filho» e «Maria». Este devia ser o nome da mulher.

O cirurgião considerava-o moribundo, quando, ao cabo do terceiro período os fenómenos precursores da morte, depois do copioso suor e hemorragia nasal, se modificaram e denunciaram progressivamente.

Quando lhe disseram que estava salvo, António Leite vagueou em derredor os olhos com ansioso esforço, e como não visse Bernardo, chamou-o.

– Aqui estou, Sr. António – disse o velho, que estava aos pés do leito, orando de joelhos.

Abeirou-se Bernardo da face do enfermo, e, à frouxa luz da lâmpada dum oratório, no mover dos beiços requeimados, percebeu as palavras: «Meu filho?».

Bernardo levou as mãos ao rosto, e murmurou:

– Jesus Cristo me valha!

– Morreu... – balbuciou o pai de Domingos Leite, e cerrou as pálpebras.

Por cada face lhe derivou uma lágrima vagarosa, e resvalou das maçãs descarnadas do rosto às barbas alvíssimas e empastadas do suor.

A letargia sucedeu às duas lágrimas, que pareciam ser as últimas da agonia, e as primeiras que a alma, ao desatar-se do seu abismo, derrama na presença do seu Criador.

X

Decorridos trinta dias, meado Setembro, António Leite, quase convalescido no seio da condoída família, disse a Bernardo:

– Agora, amigo, é tempo de irmos cuidar de sua vida. Vossemecê segue para Lisboa, se não quer uma tigela de caldo em minha casa; eu volto para Guimarães, pois que lá tenho ainda a triste mulher a chamar-me.

– Coitada! – acudiu Bernardo. – Nesta carta última, diz ela que está bem doente, e sem esperanças de ver alguém dos seus à hora da morte! Demais a mais, um frade de S. Francisco levou-lhe a má nova de que seu irmão o Sr. Gaspar de Santa Teresa morrera de apoplexia em Bragança... Digo-lhe agora a vossemecê, porque o vejo com mais coragem.

– Pois meu cunhado morreu?! – disse o cuteleiro. – Decerto o acabaram as aflições!... Eu já não posso chorar... Estou de ferro!... Foi a desgraça do sobrinho que o matou. E eu, que sou pai, estou vivo!... Deus sabe para que eu estou vivo...

– Para amparar sua pobre mulher, que já não tem irmão nem filho...

– Assim será... – assentiu António Leite –, assim será...

Nestes dizeres, havia umas vagueações de olhos e pensamentos que a mediana sagacidade de Bernardo não suspeitou.

– Muitos louvores a Deus pela mercê que fez a todos nós – disse Bernardo – apagando-lhe a ideia de ir a Lisboa vingar seu filho, e arriscar-se a morrer sem vingança.

– Isso não! – sobreveio o cuteleiro. – Se eu houvesse de morrer, o traidor não ficaria vivo.

– Mas a vossemecê quem o vingaria?

– A mim quem me vingaria? Todo o homem de alma nobre que dissesse: «Aquele vai morrer porque matou o traidor do seu filho.» Eu não queria outra vingança... Mas – prosseguiu o velho, sacudindo com um gesto contrafeito a ideia importuna – não falemos nisso mais. A justiça que desacertou neste mundo lá está o alto juiz que a concerta. Meu filho é morto, e desonrado para sempre. Não há remédio a dar-lhe... É chorá-lo e rezar-lhe por alma. Vossemecê lá de Lisboa me dirá o que souber dessa criatura perdida, que por aí deve viver. Contou aí um letrado ao nosso bom patrão que todos os bens dessa mulher passaram ao fisco e câmara real. Se assim é, pode ser que vossemecê por lá tope um dia a filha do meu Domingos a pedir esmola; se a vir, e a esse tempo eu ou minha mulher tivermos vida, mande-nos a menina para Guimarães...

– Não há-de acontecer isso, Sr. António – objectou Bernardo –, a viúva do meu amo há-de ser sempre rica... – E refreou a língua, receando que destas palavras ambíguas o velho pudesse tirar desconfianças do real amparo de Maria Isabel. Bernardo tremia da tortura, desde que experimentara os rudimentos do cavalete. Se não lhe perpassassem na memória a cada palavra irreflectida os anjinhos, o torno e as manilhas denticuladas, com toda a certeza já ele teria aventado ao cuteleiro que a filha de João Bernardes Traga-Malhas era barregã de el-rei.

– Quer vossemecê dizer – observou o cuteleiro – que a tal rascoa do padre Silveira, como tem o palmo da cara bem ajeitado, não lhe faltará desvergonha nem jantar... é isso?

– Sim...

– Pois é também por isso que eu lhe peço não se descuide de descobrir o paradeiro dela, a ver se lá descobre a minha neta. Quero crer que desde o outro mundo, a alma do meu Domingos me daria um sinal de alegria, se visse a filhinha na pobre casa de seus

avós, aquecendo as mãozinhas na forja onde ele em pequenino se assentava! Mas... – E, perdendo, a súbitas, a placidez de gesto e maviosidade da voz, esfregou os olhos com frenesi e resmuneou: –Estou a sonhar!... Pobre cabeça de velho, que te deram a valer... Parece que às vezes me esqueço de que meu filho... foi enforcado!... Falo dele como se falecesse amado, tranquilo e honrado na sua cama!...

E afastava-se de Bernardo para chorar sozinho.

Em meio de tantas noites de vigília e ao fim de vinte acerbos dias, o cuteleiro restaurou-se bastantemente para voltar à sua terra, dizia ele a Bernardo e ao estalajadeiro, cuja família se lhe afeiçoara familiarmente.

O velho escudeiro pedia-lhe que o deixasse acompanhá-lo a Guimarães, e o estalajadeiro teimava que, a não ir Bernardo, iria seu filho conduzi-lo em cavalgadura própria e gratuita. O cuteleiro esquivava-se aos favores de ambos, dizendo que lhe era mais consolativo ir sozinho, e a pé, vencendo curtas jornadas. As razões da recusa eram estranháveis; mas inflexíveis.

Na véspera da separação, António Leite renovou a Bernardo o cuidado de procurar Ângela, a avisá-lo do que soubesse. Abraçaram-se então os dois velhos, trocando enternecidos gemidos, e despedindo-se até à eternidade. O cuteleiro agradeceu-lhe em nome do filho a caridade com que lhe assistira em sua doença; ofereceu-lhe repetidas vezes parte do dinheiro que lhe sobejava, e apartou-se, enfim, quando ao raiar da manhã Bernardo se meteu a caminho.

O cuteleiro, que devia partir à mesma hora na direcção oposta, queixou-se de uma pontada que o impedia de andar, e diferiu a jornada para a madrugada seguinte.

À noite renovou as despedidas dos seus caridosos hospedeiros; e, antemanhã, quando o estalajadeiro o foi chamar, já o não achou na cama. O moço da estrebaria disse que dera tino da saída do hóspede pouco depois das duas horas; que espreitara pelo postigo do seu quarto a ver se de feito era ele; e que o vira caminhar para o lado de Lisboa.

XI

Roque da Cunha, aproveitando a monção do entusiasmo popular, requerera a provedoria da Casa da Índia. O ministro mandou juntar ao requerimento certidão de nobreza, sendo condicional a fidalguia no provimento daquele ofício. O filho de D. Vicência, e neto da Bárbara da Rua dos Cabides, cuidara que o feito de salvar el-rei bastaria a dar-lhe brasão de armas. Atribuindo a falta à negligência do secretário das mercês, requereu o foro. El-rei, consultado pelo seu ministro Pedro Vieira da Silva, arrugou a fronte e não respondeu. Estava presente o mordomo-mor, marquês de Gouveia, que fez um esgar de repulsão quando o secretário consultava o rei. O secretário de Estado indeferiu a petição.

Roque da Cunha digeriu a afronta; mas arregaçou um sorriso em que espumejava fel.

Na mesma hora, passeando na Praça do Paço da Ribeira, rodeou-se de transeuntes que o cortejavam, gloriando-se do agraciado semblante com que ele os recebia. Falavam-lhe, como sempre, dos seus impagáveis serviços ao rei e ao Reino; felicitavam-no pelas pingues recompensas a que tinha direito sacratíssimo. Roque escumou o tal sorriso protervo, e disse:

– Não tenho direito a nada, meus amigos! Pedi o primeiro grau da nobreza e não me deram. Venha aí de Castela um bandido dos que lá conspiram no corrilho dos inimigos da Pátria, faça ele um acto de contrição aos pés do ministro, e será feito cavaleiro fidalgo. Bacoreja-me, senhores meus, que não fiz grande serviço, a julgá-lo pelo prémio que me negam. Quando se me acabar em Portugal o pecúlio que minha mãe me deu, pedirei à arraia-miúda que me ampare, visto que não posso voltar a Castela.

Sensação profunda no auditório, murmuração, diatribes contra os ministros, comentários das regateiras que se abeiravam dele, como as duas celebradas Maranhã e Brígida de Alfama subiam ao estribo do coche real.

E Roque da Cunha, assobiando um tamborete sevilhano, afastou-se da turba, cavalgou o seu murzelo, que escarvava impaciente, e enfiou pela Rua Nova dos Mercadores, corveteando galhardamente.

As glosas da praça repercutiam no Paço.

Vagou neste tempo o ofício de tesoureiro da especiaria na Casa da Índia e Mina. Requereu-o. A opinião da praça actuara na escrivania do ministro; e António de Cavide prudentemente disse ao rei:

– Se Vossa Majestade desprezar e não despachar de qualquer modo Roque da Cunha, dará a perceber que o serviço apregoado pelas turbas, ou é fábula, ou a infâmia o torna digno de castigo.

Foi provido: era lugar rendoso, de responsabilidade, e que andara sempre em varões honrados, como prémio de serviços grandes na armada e no exército.

No meado de Setembro já Roque da Cunha ocupava casa grande e nobre na Rua dos Anjos. O ofício relacionara-o com a classe abastada dos especieiros. Rivalizavam-se os mais astutos no processo ordinário de o aconchavarem no contrabando da pimenta, do cravo e da canela. Estiravam-lhe a consciência até onde a elasticidade deu de si. Ainda no tirocínio das suas funções, já lhe surdiam nas salas, alfaias de primeira execução; as poltronas tauxiadas, as porcelanas de colorido brilhante, as alcatifas de penugem flácida, as molduragens douradas em vidros venezianos, as cortinas de tela, os rodapés de franja de prata, as banquetas vestidas de seda adamascada, enfim, as convidativas delícias que sobredouram, no viver caseiro, os júbilos da consciência limpa.

Na sossegada moleza de sibarita, Roque da Cunha não acusava perturbações sensíveis no íntimo foro. É dificultoso devassar de peito a dentro remordimentos quando na cara ressumbram as sadias cores do delator de Domingos Leite.

Pode ser, porém, que o viver solitário na sua luxuosa casa lhe delongasse as horas de fastio. Os amigos diziam-lhe que os seus robustos cinquenta anos e os salários do ofício abundantíssimos estavam pedindo uma consorte, uma companheira complementar à sua felicidade. Pensou Roque da Cunha no alvitre, discutiu-o pausadamente com os amigos especieiros, e defendeu-se de tal desacerto acusando-se de velho para esposa nova, e de velho também para esposa velha. Redarguiu o mais novo dos interlocutores que tinha uma irmã de vinte e oito anos, tão inocente como bem composta de rosto; e, se a presença dela o cativasse, ele se dava como fiador no consentimento de sua irmã.

Descortinou-se-lhe horizonte novo na existência. Na tarefa borrascosa das suas malfetorias não houvera remanso para amores. Nunca lhe fora necessário o coração para se encharcar no enxurdeiro onde se rebalsavam as fêmeas a seu sabor. Não se lembrava até aos cinquenta anos de ter olhado com respeito para uma mulher honesta, nem alguma lhe insinuara o gozo puro de a contemplar. Dizia ele aos seus admiradores que a faina da guerra e das lides patriotas não lhe tinham dado vaga a passatempos amatórios, em que a mocidade ociosa desperdiça os brios que deve à Pátria.

Agora, porém, sentia-se re florido na florescência das Primaveras todas que não desabotoaram para ele. Abafavam-no festões e aromas. Refastelado nas suas poltronas, cismava com o amor, pasmava-se dos êxtasis voluptuários que lhe passeavam a alma por incógnitas regiões. Nestes nossos dias, Roque da Cunha seria um homem de bigode tingido, com poesia secreta, e um ideal espalhado pela natureza.

E mais, nesse tempo de arroubamentos, ainda ele não tinha visto a irmã do merceiro da Rua dos Vinagres, a qual, sem discutir, aceitara matrimoniar-se com o tesoureiro da especiaria da Casa da Índia e Mina, tão pregoado na voz geral como salvador d'el-rei. Vencida pois, estava ela, quando Roque da Cunha a viu e desde logo, com desculpável sem-cerimónia, lhe disse que muito lhe queria, e por isso pedia que o casamento se fizesse logo para aproveitar o tempo perdido.

Nesse dia, voltando ele de casa da noiva, com as competentes, mas serôdias exultações, deu de esporas ao cavalo e andou-se espanejando ao sol daquele alegre primeiro dia de Outubro, pela margem do Tejo.

Atravessando o Largo da Ribeira viu ainda em pé a máquina que servira à estrangulação de Domingos Leite. Voltou a face, e sentiu um dobrar involuntário de pescoço, como se o peito se lhe retraísse, e o toque aspérrimo e frio do esparto lhe esgarçasse nos músculos cervicais.

Não reparou, pois, que ao pé da forca estava um grupo de gente da ralé; mas ao perpassar, ainda ouviu estas vozes:

- É aquele!
- Ele ali vai!
- É o Roque da Cunha!
- É o que salvou el-rei D. João!

Passou, como sempre, aborrecido das aclamações da canalha.

Ora, no centro daquela mó de plebe, estava um velho, amparado nos braços de duas mulheres, que o haviam erguido do chão lamacento.

Aquele homem chegara ali, segundo as informações de um gaiato vendilhão de mechas e alféioa, e estivera queda muito tempo a olhar para a forca; e depois, pegou de tremer, de tremer, e foi a terra de joelhos com as mãos na cabeça, e caiu para diante, batendo com a cara na esquina do tablado sobposto ao triângulo. O rapaz então gritara,

as duas mulheres correram a levantar o velho, e o gentio fez-lhe roda.

Era António Leite. O leitor já tinha entrevisto que este novo martírio só podia quadrar ao pai do justicado.

Perguntaram-lhe onde morava para o levarem a casa. Respondeu que o seu mal era passageiro. Que lhe davam aqueles ataques; mas que se sentia já quase bom.

Disse então e gaiato das mechas que o velho, quando caíra, parecia que estava a rezar e a chorar.

– Se estava a rezar, não era por alma do grande ladrão que esperneou ali! – disse uma das mulheres que o levantaram.

– Grande ladrão?! – murmurou o velho. – Era ladrão?... Quem?

– O tio – voltou a peixeira. – Você não sabe que foi aqui enforcado há coisa de sete semanas um homem que quis matar o rei?

– Sim, sei... – articulou com abafadora angústia o velho –, mas como ouvi dizer que fora um grande ladrão... cuidei que seria outro...

– E que maior ladrão o quer você, tio? Queria roubar o pai dos Portugueses...

Neste comenos, passou Roque da Cunha, como já fica dito. O povo fez o alarido do costume; e António Leite ergueu-se de salto entre o gentio, para ver o homem a quem chamavam Roque da Cunha.

Não descravou dele os olhos enquanto pôde alcançá-lo.

– É então aquele... – tartamudeou o velho.

– O homem não é cá da terra! – observou uma das peixeiras. – Pois você não sabe que aquele senhor foi o que entregou a el-rei o escrivão Leite?

– Sem, sem... mas... nunca o vi... e tinha muita vontade de ver ao pé esse grande homem que livrou el-rei...

– Pois, olhe, tiozinho – disse o marinheiro –, se o quer ver, faça como eu fia: vá esperá-lo à porta da casa dele que mora às Portas de Ferro.

– Já lá não mora – emendou um carrejão. – Agora mora na Rua dos Anjos, ao pé do palácio do chanceler. Ainda ontem lá fui levar-lhe um caixão de louça da Índia que lhe mandou...

– Na Rua dos Anjos? – perguntou António Leite com a simulada curiosidade de bom português.

– Sim. Você sabe onde mora o Sr. Chanceler?

– Sei.

– Não tem que errar. Ao lado de baixo estão uns arcos com duas portas grandes, que são a cocheira do Sr. Roque.

Se você se encostar à casa defronte, vê-o sair todos os dias às dez horas, quando vai para o seu ofício de Índia e Mina.

– Mas, ó gentes! – disse uma peixeira cruzando os braços, e bamboando a cabeça. – Quem conheceu aquele Domingos Leite como eu o conheci a morar no Salvador, numa casaria, com carroça de seu e lacaios e escudeiro! E a mulher! Ai, manas, se vocês a vissem na rua! Aquilo pimponava aí que nem a mais pintada fidalga! E bonita? Isso então, podia-se ver aquela cara que parecia uma rosa!

Ela era filha daquele tanoeiro muito rico...

– Do Traga-Malhas... diga-me você de quem ela era filha! – atalhou o carrejão. – Era rico como um porco... e muito bom homem.

– Mas a filha – voltou a peixeira – era uma delambida, que, se alguém lhe pedia na rua uma esmolinha, torcia o nariz, e dizia: Peça ao lacaios.

– Diabos a carreguem! – praguejou uma velha maltrapida. – Já a filha do tanoeiro tinha lacaios! Por essas e por outras é que o marido aqui veio dar a casca.

– E que é feito dela? – perguntou um dos circunstantes.

– Eu não quero mentir – respondeu a velha –, mas rosnou-me cá que ela anda por aia correr fadário.

– Eles não tinham filhos? – perguntou António Leite.

– Uma menina linda como um cravo... – disse a peixeira. – Chamava-se Angelinha... e sabem vocês que mais? O criado de fora disse-me uma vez que a tal pequena era açafata! Vocês não se querem rir! – Quem diabo lhe meteu isso na cabeça a você? – perguntei eu ao criado. O galego, ou minhoto, ou que diabo era, empertiga-se todo e diz: – Então a Sr^a Mariquinhas não sabe que a casa da minha ama vai o Sr. Conselheiro d’el-rei António Cavide? – Eu fiquei pasmadinha! E ainda agora ando à cata do galego para lhe perguntar pela açafata e mais pela mãe.

A multidão rareou. António Leite despediu-se das mulheres, que o ergueram do chão, oferecendo-lhes meio tostão em prata a cada uma, que elas aceitaram com alegre assombro. O rapaz das mechas, vendo aquela liberalidade, seguiu-o, alegando que fora ele quem chamara as mulheres, quando o vira cair. O velho gratificou-o com igual generosidade, e pediu-lhe que o acompanhasse até à sua rua, porque receava que lhe desse outro ataque.

– Pronto! – exclamou o gaiato. – Onde mora vossemecê?

– Na Rua dos Anjos – disse António Leite.

XII

O alfeloeiro, quando o velho o despediu à entrada da Rua dos Anjos, de si para consigo ajuizou que o homem não ia escoreito; porquanto, nas paragens que fazia a cada esquina, esperando que o rapaz o encaminhasse, mostrava ir atarantado como quem não conhecia onde estava.

Antes de o despedir, ainda António Leite perguntou ao gaiato onde era a casado Sr. Chanceler; e para lá se dirigiu.

Guiando-se pelas informações do carrejão, procurou a casa de Roque da Cunha, e logo a estremou pelos sinais da arcaria abobadada e dos dois portais da cavalaria.

No alpendre formado pela abóbada estava um criado almofaçando um alazão irrequieto que procurava morder o cavalição quando lhe passava o ferro nos ilhais. O velho encostou-se à pilastra de um dos três arcos, observando a birra do alazão, e ouvindo as reflexões que outros ociosos faziam à bela estampa do cavalo.

– Este não é mau – dizia o laçao do chanceler –; mas o murzelo em que o teu patrão saiu hoje, é outra casta de cavalo.

– E o baia? – perguntou o moço do provedor das especiarias.

– Também não é mau; mas está velho. Não sei para que teu amo quer três bestas!

– Eu conheci-o quando ele era meirinho do corregedor, ainda há menos de ano, que não amealhava três cruzados para um burro saloio – interveio um sujeito mal trajado, catadura mesta de vítima dos últimos acontecimentos; e, como ninguém lhe falasse à mão, posto que um sorriso complacente de inveja o aplaudisse na boca muda dos circunstantes, o homem mordaz seguiu seu caminho.

– Coitado! – disse um daqueles. – É a paixão que fala. Este homem foi escrivão de Soares de Albergaria, que mataram no Paço quando ele se opôs à entrada dos fidalgos. Como teve liteira e machos seus, quando lhe chega a saudade, rebenta-lhe a pastem a da inveja na sombra de teu amo e doutros que estão no galarim. O que eu não sei – prosseguiu o da reflexão filosófica, seleiro de seu ofício – é como teu amo tem três cavalos e dois criados somente, um de escada acima, e outro de estrebaria.

– Eu tenho um ajudante que foi à terra, e estou à espera de outro, que é meu sobrinho, e mandei vir da terra.

– Da Galiza? – perguntou chocarreando ó estribeira do chanceler.

– Já lhe disse que não sou galego: sou de Guimarães, nascido e criado no Cano das Gafas.

– Em mau cano foste nado! – tornou o estribeira.

O de Guimarães fez um gesto de arneiro ao vizinho, dividindo a meio o braço direito no cotovelo do esquerdo, e recolheu o cavalo na cocheira.

Os madraços dispersaram quando ouviram o estrupido de cavalo a galope, e conheceram Roque da Cunha.

– Aí vem teu amo – disse o laçao do chanceler para o interior da cocheira.

António Leite desviou-se com os outros, e seguiu dois que entraram em uma taverna escura, fronteira da casa de Roque, e também alpendrada por arcarias que inoítavam o interior da bodega. Viu apear o cavaleiro, atirando as rédeas ao moço, e palmeando a anca do murzelo.

Pediu de jantar, e travou conversação com o taverneiro. Disse que estava em Lisboa a ver se encontrava um parente que viera das terras de Santa Cruz, e que o não topara ainda; deu-se como natural de Trás-os-Montes, e perguntou onde poderia ele achar estalagem em que pudesse dormir melhor que na estalagem da Ribeira.

E, ao mesmo tempo, dava a trocar uma moeda de quatro cruzados, ave rara nas

bancas enxundiosas daquele bodegueiro, o qual, em vista da moeda de quatro cruzados, reformou o conceito mediocrementemente lisonjeiro que formara do freguês.

– Eu não lhe digo que a minha casa seja a melhor – respondeu o taverneiro, rolando a moeda nos dedos e remirando a cruz de S. Jorge –, mas se vossemecê se contenta com uma cama limpa e comidas bem temperadas, escusa de ir mais longe.

Se pudesse raiar alegria na alma do pai de Domingos Leite, diríamos que os olhos lampejaram o clarão interior. E porque não? Um passo dado no trilho da vingança, quando outro fito não desvia a atenção da alma infernada, que é, senão alegria?

António aceitou, e pagou quinze dias adiantados. O taverneiro foi dar-lhe posse do quarto, espécie de caverna pestilenciosa, que recebia o ar de uma adufa de rótulas defrontando com as janelas do primeiro andar de Roque da Cunha.

– É muito bom albergue... – disse o cuteleiro, olhando através das rótulas as janelas sacadas da casa fronteira.

– Ali mora o homem que salvou o rei da morte – disse o patrão. – É o Sr. Roque da Cunha, que está agora como quer. Só cavalos tem três, e aquela casa por dentro está forrada de seda e oiro. Vejo ali viras mercadores mais ricos de Lisboa, e, ou eu me engano, ou ele, à volta de três anos, está podre de rico. Isto de ser provedor das especiarias da Índia é, a modo de dizer, poder um homem roubar doze mil cruzados por ano sem ser ladrão...

– Mas, enfim... – disse o cuteleiro –, se ele salvou o rei da morte, parece que devia o rei dar-lhe tantas riquezas que ele não precisasse roubar.

– Isso, a falar verdade, assim é; mas quem deixa roubar o fisco, como o outro que diz, dá sem dardo seu.

Parece que o taverneiro não conhecia profundamente o maquinismo das rendas do Estado naquele tempo, nem o cuteleiro desejaria a preleção respectiva.

– O serviço que este Sr. Roque fez, na realidade, foi avantajado! – insistiu o hóspede.

– Foi, foi – assentiu o outro, alongando os beiços e franzindo a testa –; mas tudo isto que cheira a traição é ruim façanha, não lhe parece?

– Sim... mas...

– Bem sabe vossemecê que fiar-se um homem noutra pessoa que diz ser seu amigo, abrir-lhe o peito, dizer-lhe que vai fazer uma morte, virem ambos conchavados para o mesmo crime, e depois chegar o Roque adiante a denunciar o amigo, e ir com a justiça prendê-lo à Póvoa de D. Martinho, isto, homem... é o diabo!... – concluiu o moralizador coçando rijamente o crânio com as dez unhas. E prosseguiu: – Muita gente, foi toda a gente ver morrer o escrivão do cível... Eu não fui...

– Vossemecê. conheceu-o? – perguntou António, disfarçando a comoção.

– Conheci-o, sim, sonhar. Há que anos! Ainda ele estava na botica da Misericórdia. Foi ele que me emplastou aqui nesta mão uma cutilada que me deram de noite os arruadores. Curou-me em oito dias, e não me levou nada. Depois, ainda me fez um favor: já era escrivão e secretário do mordomo-mor, e casado com a Traga-Malhas, e muito rico; pois, olhe você, não se envergonhou quando eu lhe mostrei esta cicatriz, e lhe disse que lhe devia a ele ter a minha mão sã. Com este Roque da Cunha o vi eu duas ou três vezes, muito mãos, a conversarem à porta de S. Domingos, à missa das dez. E olhe, sabe vossemecê?... eu sabia quem era este e quem era o outro, Deus lhe fale na alma... Ainda há gente que lhe conheceu a avó na Rua dos Cabides; vivia a alcofar rascoas, não sei se me entende; e o pai deste Roque, ainda meu sogro ontem me disse que o prenderam no pinhal da Azambuja, e o arcabuzaram no caminho, quando ele vinha preso e quis fugir. Que, enfim, isto não é por dizer mal, vossemecê bem percebe; e Deus me livre que ele o soubesse, que era capaz de me botar a perder... Vossemecê

faça de conta que eu não lhe disse isto nem aquilo... peço-lhe pelas almas das pessoas que lá tem...

– Esteja descansado, senhor – atalhou o cuteleiro, retendo-se a custo que o não abraçasse.

O taverneiro foi chamado à tasca. António Leite sentou-se rente com os caixilhos gradeados da adufa, e cravou os olhos no vulto que abria as portadas de uma janela de peitoril balaustrada.

Era Roque da Cunha, resguardado do ar frio da tarde com um tabardo de escarlatim, debruado de peliças com agrapins de ouro – galear espanholado dos fidalgos em casa, indiferentes ao exemplo que o rei lhes dava, trajando no interior do paço gabões de estamemha.

Pouco tempo se deteve, recolhendo ao passo que entraram visitas.. O velho encarava-o com o coração a trancas dolorosos debaixo das mãos que o comprimiam. E, enquanto o viu, figurou-se-lhe ver seu filho, ao lado dele, como em Madrid, quando Domingos lho apresentara com estas palavras: «Este é o meu amigo Roque»; e o infame dissera: «E amigo como poucos, amigo como nenhum, amigo como eu só sei ser, quando os homens cá me chegam ao coração.» E o velho, a recordar isto, via e ouvia o filho; e, por isso, os seus olhos se afogavam em lágrimas e o coração se lhe estorcia no peito.

E, depois, apertando a fronte nas mãos, dizia entre si: «Foi ele que induziu meu filho a tentar contra a vida do rei; e o desgraçado não meditou que o seu crime era imperdoável! Porque havia meu filho de querer matar o rei a quem tantas mercês devia?... Mas... se meu filho tentava tão grande crime, porque mandou ele Bernardo a dizer-me que morria honrado?... Quem me há-de dizer este segredo antes que a morte me colha? Quem me dera saber, meu Deus, se o meu Domingos morreu inocente! Se era justo o castigo, ainda mesmo que Roque não o entregasse...»

Atormentado por estas dúvidas, ergueu a face com aflitiva impaciência, e olhou para a alpendrada da casa de Roque, onde estava o criado lustrando os metais dos arreios. Impressionara-o ouvir-lhe dizer que era de Guimarães. Não o detiveram receios de poder sair-lhe de rosto o traidor. Nem o seu plano de vingança estava ainda traçado, nem Roque da Cunha, se o visse, poderia reconhecê-lo, desfigurado pelas barbas intonsas e pela maceração descarnada do rosto.

Atravessou a rua vagarosamente e acercou-se do moço, que, assobiando, brunia com camurça as fivelas de uma testeira.

– Bonita peça! – disse o velho. – Essa obra é feita em Portugal?

– E, sim, senhor; mas o oficial seleiro que faz isto é inglês, e mora na Rua dos Correiros.

– Lá me quis parecer. Tudo o que há por aí de melhor fazem-no artífices estrangeiros.

– Isso é conforme – replicou o vimaranense. – Em parte nenhuma do mundo se fazem ferragens melhores que na minha terra.

– Já lhe ouvi dizer que era de Guimarães há bocado que aqui estive.

– Sou, e tenho nisso muita honra. Sabe onde é Guimarães?

– Já lá estive; sei muito bem que lá se fabricam boas facas e tesouras.

– E boas colchas e toalhas.

– Também é verdade.

– E vossemecê donde é?

– De Trás-os-Montes. Veio há muito para Lisboa?

– Há vinte anos; tinha eu doze; vim para caixeiro; mas não me dei bem com o modo de vida; queria a minha liberdade; pus-me no andar da rua, e mudei de rumo.

Como meu pai era ferrador, lidei sempre com bestas em pequenito, e fiquei afeiçoado àquele ofício. Fui para ferrador; mas doía-me o peito a atarracar o cravo. Mudei de rumo. Fui servir fidalgos como eguariço. Lacaio nunca fui nem hei-de ser, se Deus quiser. Agora estou aqui em casa deste...

– Fidalgo? – perguntou António Leite.

– Este não é fidalgo, acho eu; mas dizem que vai a isso. Pudera! Pelos modos, se não fosse ele, o rei pateava... diz por aí o povo... Então vossemecê que faz cá por Lisboa? Eu, quando o vi há pouco com essas barbas, cuidei que era ermitão; mas esse gabinarado parece lá da minha terra... Vossemecê, pelos modos, veio ver a corte, heim? Isto é que é terra, meu amigo! Mas tenha cuidado com os tostões, se os tem, que os ladrões aqui, em lhes cheirando a galego, como eles cá dizem, limpam-lhe a escarcela que nem patena de altar.

– Não hão-de ir ricos... – disse o couteleiro. – Com que então há vinte anos que vossemecê não viu a sua terra...

– É verdade. Estive para lá ir, há seis meses, de mandado do amo que então eu servia... Deus se compadeça da sua alma, que já lá está bem na flor dos anos e bem desgraçadamente acabou... Estive com a tróixa feita para ir levar uma carta de meu amo, que era de Guimarães ao pai dele...

– Era de Guimarães o seu amo? – interrompeu António Leite com veemente interesse, despercebido do criado.

– Era, era... Não me envergonho de dizer que o meu amo era o Sr. Domingos Leite, que morreu enforcado a 21 de Agosto na forca da Ribeira... Vossemecê ficou assim a modo de aboleimado a olhar pra mim!... É o que lh’eu digo. Fui criado do tal senhor que este de cá entregou à prisão... tão certo como eu ser Teotónio.

Neste ponto o escudeiro de Roque da Cunha trouxe ordem ao cavaliariço que fosse dar um passeio ao cavalo baia, que o Sr. Provedor não saía de tarde.

O criado recolheu-se com os arreios. António Leite entrou na taverna, e, reclinando-se no catre, começou a gizar o traçado da sua vingança.

XIII

Do plano delineado é melhor esperarem a execução as pessoas impacientes de desenlaces súbitos nestas histórias tão murmuradas de fúteis. Ninguém quer deter-se a escutar o burburinho das labaredas que queimam os corações. As delongas psicológicas malsinam-se de enfadonhas. Um leitor de novelas presume-se benemérito de que a natureza se desentranhe em peripécias trágicas para recreio de suas horas de férias em labutações gananciosas. Pois mortifiquem-se, prestem a sua paciência à narrativa de obscuras dores que lhes servem de iludir os enfadas da ociosidade.

No dia seguinte, assim que Roque da Cunha saiu para a Casa da Índia, o couteleiro foi assistir à limpeza dos cavalos. Logo que uma entreaberta se lhe ocasionou, prendeu a prática interrompida na véspera, pelas ordens do escudeiro.

– A respeito de seu amo, que morreu na forca – disse António Leite –, ouvi contar que ele tinha mulher e uma filha.

– Tinha sim...

– E que é feito dessa gente?

– Vossemecê conhece o rei? – disse-lhe o criado ao ouvido.

– Se conheço o rei? Nunca o vi.

– Pois eu já o vi; mas não o conheço... Queria eu dizer-lhe, meu velho, que se conhecesse o rei...

– Não o percebo... –olveu António Leite inquieto, mas reportado ao dever da mais dissimulada serenidade.

– Homem! Há coisas que não se dizem, que as paredes têm ouvidos, e nesta casa é necessária toda a cautela, percebe-me?

O couteleiro açamou os ímpetos da curiosidade, e não provocou explicações.

Volvidos alguns minutos, disse o velho:

– Vim à capital para ver estas grandezas, e vou para a minha terra sem ver nada, porque as não sei procurar, nem conheço ninguém que me guie.

– E vossemecê que queria ver?

– Eu sei lá, Sr. Teotónio!

– Quem lhe disse o meu nome?

– Foi vossemecê quando ontem disse que fora criado do tal Domingos Leite Pereira tão certo como ser Teotónio... Então que há que ver em Lisboa?

– Eu lhe digo... como se chama vossemecê?

– António.

– Por muitos anos e bons. Pois eu lhe digo, Sr. António; vá dar um passeio até aos outeiros de Nossa Senhora da Graça, do Carmo, das Chagas e de Santa Catarina. Já viu o Rossio e o Terreiro do Paço, onde está o palácio darei? E, saindo pelos Moinhos de Vento, pelo Vale da Anunciada até Andaluzes, isso é que é lindo, principalmente se um homem lançou a fateixa na tasca do Vesgo, e com duas mãos de carneiro, faz lastro a dois tragos bons de vinho da Labrugeira. São os meus passeias ao domingo de tarde, ou à horta do Chinquilho, em Enxobregas. Aí o vinho é de Peramanca; é uma pinga que puxa pela pescada marmota, e a engole que nem olho-marinho...

– Ora aí está onde o Sr. Teotónio há-de ir merendar comigo amanhã, que é domingo! – disse com alegre aspecto o velho, dando-se uns trejeitos de bom regalão em regabofes de bodega. – Está dito?

– Está dito. Eu peço hoje licença ao patrão, e pago ao ajudante do cavalição do chanceler para ele me cuidar dos cavalos. Nós vamos daqui depois de almoço, embarcamos no postigo de Alfama, e navegamos Tejo arriba até ao Beato. Aí vamos

saber como passa um amigo Carcavelos que vossemecê não conhece...

– Não conheço...

– É um maganão que se nos mete no bucho e trepa logo às águas-furtadas. Daí até à horta do Chinquilha vai a gente por seu pé, quando não vai no espinhaço dos amigos. Depois, damos fundo no porto do paio do Alentejo, e aí, Sr. António, quero ver se um transmontano faz dar o vinho pela barba a um minhoto.

– Até onde chegarem seis cruzados! – acrescentou o couteleiro, puxando a esforços dolorosos umas risadas secas como se lhe fosse preciso engolir lágrimas cadentes.

– Com seis cruzados, amigo António, lhe dou eu doze bródios que vossemecê há-de ir daqui dizer lá na terra que não há cidade como Lisboa para quem tem seis cruzados!...

Às onze horas do Domingo apazado, o moço de Roque da Cunha visitava no Beato o encarecido Carcavelos, que o não deixou mentir. Daí até Enxobregas, abraço de Teotónio cingia com a mais terna intimidade o pescoço de António Leite.

Enquanto se lourejava um leitão de forno, os dois parceiros, de braço dado, posto que a folhagem do arvoredado esvoaçasse despegada pela ventania, andaram ganhando em longo passeio vontade ao jantar. A intervalos, o pai de Domingos Leite, descuidando-se do artifício com que respondia ao contentamento do companheiro, quedava-se fito na contemplação de si mesmo, e as lágrimas borbulhavam-lhe nas pálpebras. Teotónio, se dava tino da mudança, queria saber a razão daquela casmurrice, e tanto instou que o velho, por não ultrajar a sua própria dor com a mentira, disse que lhe lembrava a miúdo um filho que lhe morrera.

O criado de Roque da Cunha condeou-se daquela saudade, e ensinou ao triste pai que o melhor remédio contra as paixões era beber a frouxo, dando-se como exemplo de ter saído vencedor, pelo sistema recomendado, em todas as batalhas como Diabo, pai da melancolia.

– E verdade – acrescentou ele – que não há nada mais forte que a paixão de um pai pelos filhos! Eu não tenho nenhum, em boa hora o diga; mas hei visto casos neste mundo, e sei de um, que também cá me faz chorar no interior, quando me lembra. Se vossemecê visse o amor que tinha meu amo, o Sr. Domingos Leite, à filhinha! Como ele uma vez chorava abraçado nela... Vi-o eu, na véspera do dia em que fugiu. Ouvi tudo que então ele disse à mulher... Ai! Se eu quisesse falar!... Se eu não tivesse medo que me esgassem com dois palmas de corda, como por aí fazem sem medo de Deus nem do Diabo!... Toca a beber! Reine o pagode! ⁵ Vamos ao leitão, amigo António, e deixe lá seu filho, que foi adiante de vossemecê mais um dia ou dois; que afinal, nestas boas ou más andanças, todos chafurdamos de cabeça abaixo na cova. Este mundo é uma bola que rebola sempre! Quem me diria a mim aqui há tempos que, dentro em seis meses, meu amo seria enforcado, e eu estaria a servir o amigo dele... que o levou à forca como eu o levo aqui a vossemecê com este braço pelo pescoço à laia de amigo!... Homem! – exclamou com transporte e parando em frente do velho. – Eu abro-me com vossemecê, porque tenho cá dentro umas ideias a ralarem-me, e nunca as disse a ninguém, porque não me fio no mais pintado. Às vezes, quando oiço certas coisas, parece que arrebento! Eu queria poder subir a uma torre das mais altas de Lisboa, e berrar daí que todo o mundo me ouvisse, e depois sumir-me nas profundas ou voar por esses ares fora!

Com estes e outros vagos dizeres em que o entusiasmo escurentava a clareza das ideias, chegaram à taverna do Chinquilha, e abancaram, face a face, com o leitão e a travessa da alface de permeio. A iguaria sucedeu ser uma tão dilecta do cavalição de

⁵ Não se cuide que a exclamação: «Reine o pagode!» é de construção moderna. No sentido que Teotónio a usava, a empregaram, anteriormente, Fernão Rodrigues Lopo Soropita, e simultaneamente D. Francisco Manuel de Meio nos *Apólogos*.

Roque da Cunha, que, em honra dela, as embarcações do Peramanca desde o exórdio do jantar prometiam desobstruir-lhe interiormente os canais por onde as coisas que ele dizia abafar na consciência não podiam escoar-se até à língua.

Muito de indústria, António Leite, durante o jantar, se coibiu de lhe dar asas a falar de seu antigo amo. O velho, como visse gente a entrar e sair, temeu que alguma palavra a respeito de Domingos Leite prendesse a curiosidade de estranhos, quando já a língua do criado ébrio não se refreasse.

Concluído o jantar, meteram-se a caminho de Lisboa, por caminhos transversais e mais soalheiros, a fim, dizia Teotónio, de poderem dar trela à língua, sem medo de olheiros e testemunhas.

– Vossemecê é um homem honrado! – dizia o moço, firmando-se nos cabeções do gabardo de António Leite. – É ou não é?

– Tenho-o sido, e espero em Deus morrer honrado.

– Eu sou seu amigo; mas não cuide que o sou porque vossemecê me pagou o jantar.

– Não me fale no jantar. Eu é que lhe devo o favor de me ajudar a passar um dia satisfeito; e espero que teremos assim muitos.

– Isso há-de ser quando eu deixar a casa do Roque. Não posso ter alegria enquanto estiver ao serviço daquele... pícaro! Quando me lembro que foi ele quem entregou meu amo... raios me partam, se me não dão ganas de o coser a facadas! Vossemecê, se conhecesse o Sr. Domingos Leite, chorava por ele!...

Teotónio passava pelos olhos o canhão da véstia, e António Leite deixava rolar quatro a quatro as lágrimas.

– Quer saber? – prosseguiu ele estimulado pelos sinais de extrema sensibilidade que o ouvinte lhe dava. – Meu amo, quando fugiu, deixou cá a mulher. Entende? A mulher, daí a pouco, pôs na rua todos os criados que a serviam, menos as criadas. Eu andava embeijado com uma delas, e sabia tudo que se passava. Depois saiu de casa, e foi viver à beira do palácio de Alcântara, amigando-se com o rei. Vossemecê percebe agora a razão por que meu amo quis matar o rei? Ele veio cá de uma vez para levar a filhinha, que adorava; a mulher, assim que o soube, pediu ao rei que o mandasse prender, porque tinha medo que ele a matasse. A Juliana (que era a tal criada) contou-me a chorar que a sua ama era uma víbora contra o marido. Ele tornou a fugir, e passado tempo é agarrado, e daí a poucos dias... enforcam-no!

– Eu cuidava – disse com serena compostura ovelha – que Domingos Leite viera enviado pelos Castelhanos matar o rei, como dizem uns papéis que se vendem nas ruas. O pai desse infeliz, quando souber que seu filho se perdeu por tal causa, deve pedir a Deus que lhe perdoe com mais confiança na justiça divina. O crime de seu amo já vejo que era menor do que se diz; mas o de Roque da Cunha, que sabia todos os segredos do seu amigo, esse é que é muito grande. Eu, se fosse o pai de Domingos Leite, matava esse traidor.

– Ora coitado do velho! – disse Teotónio. – O pai de meu amo é um cuteleiro da Rua da Infesta. Ainda me lembro dele. Era mais homem que vossemecê, e diziam lá que onde ele botasse a mão era alma que caiu no Inferno. Mas agora deve estar muito acabado e talvez tenha morrido de desgosto. Eu já estive para lá ir!... Que vou lá fazer! Vê-lo chorar, sem lhe dar remédio... Mas, quanto ao Roque, olhe que Deus não dorme... Mais dia menos dia, afim que ele há-de ter não o tenham os meus inimigos. Deixe que ele agora vai casar com uma ricaça da Rua dos Vinagreiros... Pode ser que o castigo comece então...

– Ou antes... – murmurou António Leite, sem impressionar o interlocutor. – E a mulher e a filha de seu amo, sabe vossemecê que fim tiveram?

– Disse-me a Juliana que saíram de repente em caleça para este lado daqui; mas onde as levaram ninguém por aí o sabe. O que sei é que o Sr. Cavide as mandou sair à ordem d’el-rei.

A noite daquele dia colheu-os ainda em conversação na Rua dos Anjos. Teotónio, inteiramente acalmado dos calores da digestão, receou ter abusado da língua, e pediu com juramento ao companheiro que se esquecesse de tudo que lhe ouvira. António Leite apertou-lhe a mão com transporte, e disse-lhe:

– Juro-lhe pela alma de Domingos Leite que vossemecê não se arrependerá da confiança que depositou em mim.

XIV

Por que maneira António Leite efectuaria o cometimento de matar o traidor não o sabia ele; mas a certeza de o matar entranhara-se-lhe tão funda na consciência do dever, que o acto e a ocasião lhe pareciam o menos importante do plano.

Quando chegou a Lisboa, o desígnio era encontrá-lo rosto a rosto, na rua, apunhalá-lo, e esperar que o aguazil o entregasse ao algoz.

Porém, a interposição de dias e, talvez, o aspecto e a organização da grande cidade, que pelo comum acanha os mais valentes no sertão das províncias, modificaram o propósito desesperado, temperando-o com o sangue-frio da vingança reflectida. Pode ser que duas razões ainda mais poderosas actuassem no ânimo do artífice: uma, a esposa, que ele deixara retransida de angústias; outra, a esperança de haver às mãos a sua netinha.

Como quer que fosse, António Leite via Roque da Cunha três e mais vezes por dia. Espreitava-o através da adufa com a fixidez da fera na leoneira. Crispavam-se-lhe os olhos, estralejavam-lhe os dentes; mas Roque da Cunha não sofria quebranto com aqueles olhares.

A convivência do couteleiro com Teotónio estreitara-se desde o jantar de Enxobregas. Já o velho se recolhia ao quarto do criado, no fundo da cocheira, e aí passavam os dois muitas horas do dia. Às vezes Roque da Cunha, antes de almoço, descia à cavaleriça a ver os cavalos, a afagá-los e a examinar a limpeza das ferragens; e acontecia estar então o couteleiro no quarto do criado, e espreitar pelos resquícios da porta a cara de Roque muito achegada ao tabique. Uma vez aparecera de repente na soleira de uma porta lateral que abria para o pátio interior. António Leite estava meio escurecido pela sombra de uns lençóis de palha postos em meda. Roque divisou-o e perguntou ao criado: divisou-o e perguntou ao criado:

– Quem é aquele homem?

– É um velho que me ajuda ao serviço enquanto não chega o Romão.

– Se ele sabe disto, é melhor justá-lo.

E deu alguns passas na direcção do couteleiro, palmeando as ancas dos cavalos.

– É chegada a hora! – disse entre si o pai de Domingos Leite, empunhando o cabo da faca.

No entanto, o terceiro cavalo, quando sentiu inesperadamente a palmada na anca, recolheu-se convulso, espirrou um bufido estridente, fez um corcovo contra a manjedoura, e, alçando-se nas patas dianteiras, pregou um coice de raspão no quadril direito do dono. Roque retrocedeu a coxear, praguejando contra o cavalo, e prometendo esmurraçar quem lho vendera. E claro é que não mais se lembrou de ajustar o criado da estrebaria.

Dizia Teotónio ao velho:

– Vossemecê que respondia, se o Roque lhe perguntasse quanto queria ganhar?

– Para lhe não mentir, meu rapaz, não sei o que lhe responderia. Quando ele me perguntar isso, veremos então o que respondo.

O criado, que não pespontava na decifração de enigmas, fez nenhum caso da resposta abstrusa.

Activavam-se os preparos do casamento de Roque. A noiva, com seu irmão, já tinha ido antecipadamente visitar o noivo em sua casa, ver a disposição interior da mobília, corrigir certa ordem que é do alvitre de senhoras regularizar; enfim, o provedor das especiarias, enlevado no zelo e graça com que a sua futura dispunha e afoufava o ninho dos seus amores, dizia de si consigo que a sua época de felicidade principiara

naquela hora.

Quando ela saiu pelo braço de Roque da Cunha com o irmão ao lado, Teotónio foi ter com António Leite ao seu quarto, e disse-lhe com o sobreceño de um incrédulo em influências providenciais:

– E o caso é que a noiva é linda! Ora veja! Esta laia de patife topa uma mulher bonita e rica, depois de velho e carregado de crimes! Se um rapaz honrado a fosse pedir, talvez lha negassem! Diga-me lá como se entende isso que dizem os pregadores! Os infames arranjam a sua vida como Roque da Cunha, e os honrados morrem no patíbulo como Domingos Leite. Sabe vossemecê que mais? Bolas!

– Amigo Teotónio – admoestou o velho –, não faça juízos temerários. Ainda lhe não chegou a hora a Roque da Cunha. Espere. Dê tempo ao tempo.

– O meu amigo... o mal que há-de vir a ele...

– Não o queiras para ti rapaz! – concluiu António Leite pondo-lhe a mão no ombro. – Deixa-me dar-te o *tu* que lá nas nossas províncias os velhos como eu dão aos moços como tu. Rapaz, ouve o que te digo: Roque da Cunha está condenado à morte.

– Vossemecê que me diz? Condenado à morte! Não o entendo, assim me Deus salve! Quem o condenou à morte?!

– Foi esse velho que tu conheceste em Guimarães, na Rua da Infesta, o couteleiro António Leite.

– O pai de meu amo?

– Sim, o pai de teu amo, que te abraça em nome de seu filho, por quem tu choraste uma lágrima.

E abraçou-o com arrebatamento estremecido.

XV

No dia 21 de Outubro, quando perfazia dois meses que Domingos Leite fora justicado, António, antes que rompesse a aurora, foi ao Largo da Ribeira, e orou de joelhos ao pé da forca, ainda erguida. Em seguida, evitando o reparo dos transeuntes, voltou a sua casa, fez contas com o estalajadeiro, agradeceu-lhe a boa hospedagem, saiu e entrou na cocheira de Roque da Cunha, logo que Teotónio abriu a porta.

A resolução com que António Leite se erguera depois de uma noite mais atribulada era matar Roque da Cunha antes de casado, porque lhe pungia a consciência chegar com a punhalada ao coração de uma viúva, de uma mulher que não devia sofrer por causa da infâmia de Roque. Resolvera, pois, matá-lo naquele dia, por qualquer forma, em qualquer ocasião, visto que, no dia seguinte, se devia celebrar o casamento.

Teotónio, apenas o viu, chamou-o ao seu quarto, e segredou-lhe:

– Grande novidade, Sr. António Leite!...

– Que é?

– Casam hoje.

– Hoje?

– Às dez horas. É o que me veio agora dizer o escudeiro. Eu enganei-o a vossemecê porque entendi mal o que tinha ouvido dizer antes de ontem a um criado da noiva. Já recebi ordem para ir alugar o coche que há-de levar o Roque à igreja. Há-de aqui estar às nove horas em ponto. E agora? Vossemecê quer aqui ficar, ou sai?

– Vai, que eu espero que tornes – disse António Leite muito absorvido.

O criado saiu. E o couteleiro, com a fronte amparada nas mãos, meditou lances exasperados. Escaldou-lhe o cérebro o arrojado de galgar as escadas, e procurar Roque no interior da casa que não conhecia. No afogo desta alucinada empreza, dois cavalos travaram-se a dentadas, rifando o e escoiceando com grande estrondo nas valas de madeira que os separavam. Abriu-se a porta do primeiro patamar, e deu António Leite fé que desciam passos velozmente a escada.

Era Roque da Cunha, atraído pelo estropear dos cavalos.

Entrou falando às bestas, e, pegando de uma vara, castigou-as; depois, relançando acaso a vista ao quarto do criado, entreviu o homem que dias antes vira. Acercou-se da porta e bradou:

– Estavas aí, besta, e não apartaste estes cavalos! Que fazes aqui? Põe-te já na rua, tratante!

– Eu vou sair, Sr. Roque da Cunha – disse o couteleiro saindo um pouco fora do quarto –, mas devo primeiro dizer-te, infame, que o pai de Domingos Leite Pereira não pode ser teu criado de estrebaria.

E, ao proferir as últimas palavras, fez-lhe um pulo de tigre, remessou-lhe ao ventre a faca, e com tal impulso que venceu a distância que Roque da Cunha ganhara recuando. O moribundo levou as mãos ao ventre, rugiu um grito rouco, e caiu de borco, batendo com a cara no lamaçal que os cavalos escarvavam. O vingador, suspeitando ainda que a facada não fosse fatal, repuxou-o para o ladrilho, sacudiu-o e voltou-o com presas de aço, dobrou o joelho, carregou-lhe sobre o estômago; e, como o ouvisse ainda resfolegar, e lhe visse o tremor das pupilas, bradou-lhe, curvando-se-lhe sobre o rosto:

– A estas horas, faz hoje dois meses que meu filho morreu enforcado!

Roque da Cunha ringiu os dentes espumantes, e arrancou da vida, soluçando um suspiro estertoroso.

António Leite meteu a faca na bainha, saiu da cocheira com exterior placidez, e percorreu sem estugar o passo todos os becos e ruas que na véspera andara examinando,

desde a Rua dos Anjos até à estrada da Portela, por onde entrara em Lisboa vinte e dois dias antes.

Caminhava ele ainda na Rua dos Anjos, quando os cavalos arrifaram outra vez, e se levantaram a coices, resfolegando bravamente, com as clinas eriçadas: é que farejavam o sangue escorrido do ventre lacerado do cadáver.

O escudeiro, ouvindo agora o estrondo que não tinha ouvido à primeira luta das bestas, procurou o amo para o avisar; e, como o não encontrasse, desceu à cavaliariça, cuidando que Roque já lá estaria. Ao ver seu amo por terra, deitado sobre o dorso, e com o rosto salpicado dos excrementos que os cavalos sacudiam das ferraduras nos ímpetos das pernadas, lançou-lhe as mãos aos braços, e levantou-o para si, cuidando que os cavalos o derrubaram a coices. Neste comenos, entrou Teotónio, e exclamou, vendo o escudeiro com o amo pendente dos braços:

– Que foi isto?!

– Ajuda-me a levantar o amo... Isto foi coice que lhe deu no peito... Ainda está quente, mas já não respira... Acho que está morto... Eu não lhe vejo sangue...

– Vejo eu! – disse o criado. – O sangue escorre-lhe a fio. Já empoçou no chão... Está morto – confirmou Teotónio apalpando-lhe o coração.

– E agora? – perguntou o escudeiro espavorido. – Que se há-de fazer?!

– Eu vou a casa do Sr. Chanceler... Não podemos tirar daqui o morto sem que venha o corregedor...

– Quem o mataria? – perguntou o escudeiro. – Você não desconfia de ninguém, Teotónio?

– Eu de quem hei-de desconfiar, homem! Nem pensemos agora nisso, que é perder tempo. Dê-se parte à justiça, e ela que procure... E será bom mandar parte à noiva, não acha você? Homem! Hoje são 21 do mês, não são? Faz hoje ao certo dois meses que morreu na forca o tal malvado que o nosso patrão denunciou; e hoje... você não vê isto? Olhe que morreu à mesma hora!...

Feitas as reflexões cronológicas, que exprimiam mediana perturbação da parte do cavaliariço, ia ele a sair ao mesmo tempo que parava o coche em que Roque da Cunha devia ser pomposamente conduzido à igreja.

De um ângulo a outro da cidade divulgou-se a notícia do assassinio misterioso de Roque da Cunha. A coincidência dos dias 21, e o estar para matrimoniar-se nesse dia o assassinado, alimentavam a palestra dos grupos apinhados na Rua dos Anjos, depois que a justiça, lavrado o auto, mandou levantar o cadáver emboldriado em sangue e lama. A explicação mais plausível e seguida era que Roque da Cunha fora vítima dalgum sicário enviado de Espanha a vingar Domingos Leite. Dizia-se também que a mulher do enforcado mandara assassinar o denunciante. Os propagadores deste boato asseveravam que ela fugira para Castela. Alguém afirmava, noutra mó de povo, que a morte de Roque era obra dos parentes da família do padre Luís da Silveira. Finalmente, atribuíam-se também o caso a influência do general Matias de Albuquerque, o qual em 1641 havia sido insultado por ele quando iniquamente o prenderam como faccionário do marquês de Vila Real, na torre de Outão.

Sem impedimento das várias atoardas, os dois criados sofreram demorados interrogatórios. A suspeita não podia ferir o moço da cavaliariça, que chegava de fora, quando achou o escudeiro a levantar o morto; entretanto, como se espalhou que Teotónio havia sido criado de Domingos Leite, e o escudeiro tinha em favor da sua probidade o abono de pessoas que servira, foi o outro somente recolhido a segredo, para averiguações, que não se fizeram.

Volvidos poucos dias, deram-lhe liberdade quando ele esperava ser posto a tormento. Ninguém aparecera a inquirir da justiça o resultado da devassa, nem a instigá-

la. Roque não tinha parentes conhecidos, nem amigos que se inquietassem a descobrir o assassino. Alguns que o frequentavam, por causa da especiaria que lhe condimentava a importância, queixavam-se de lhe haverem adiantado valiosas quantias. Raros lhe acompanharam a tumba à igreja, e não constava que a noiva arrancasse as madeixas, ao receber a notícia do desastre, quando se estava tocando.

Desde o soberano até aos quadrilheiros da corregedoria, ninguém mostrou inquietar-se com a morte do sujeito, um mês antes aclamado pela gentilha. António de Cavide, que tinha óculo de profunda mira sempre assestado ao coração d'el-rei, ao dar-lhe a notícia, acrescentou:

– Será difícil saber quem matou Roque. Este homem, que provou a mão homicida no jurisconsulto Barbosa de Luna, e depois disso, como Vossa Majestade sabe, foi aumentando os inimigos à proporção das façanhas, devia ter muitos, a meu ver. Quem quer que fosse o matador, não devia ser pessoa muito limpa, visto que fez da esterqueira da cavalharice a ara do sacrifício.

O rei não sorriu, e cortou a prática. Era-lhe penosa. Entre dois cadáveres – o do justicado e o do esfaqueado – surdia-lhe a formosa imagem de Maria Isabel. O que D. João IV ordenava, com o seu silêncio, e sobrececho aborrecido, era que não se falasse mais em Roque na sua presença, nem a justiça desse ansa a que o povo inventasse hipóteses.

A curiosidade pública descaíra na usual indiferença, quinze dias contados na transmigração, qualquer que fosse, da alma de Roque. Fr. Francisco Brandão, o cronista-mor, desta feita não fez miraculosos confrontos entre o assassinado e o advogado da peste⁶.

A esse tempo, já o couteleiro dirigia os labores da sua oficina com o sossegado semblante de quem cumprira um dever, e esperava altivamente a sentença dos homens, e humildemente a de Deus. Era um homem de têmpera de alma rija como a do traço. Em meio dos seus oficiais, lidava incessantemente, e mais afervorado que nunca. Se lhe diziam que descansasse porque já não tinha filho a quem legar o produto das suas fadigas, respondia que tinha uma neta, e esperava que a bondade de Deus, rogada pela alma do pai, lha mandasse, mais cedo ou mais tarde.

⁶ Veja a «nota final de *O Regicida*.»

XVI

Retrocedamos.

A prelada do mosteiro bragantino, ouvidas as confidências do vigário-geral, recolheu à sua casa, e chamou as freiras mais qualificadas por nascimento e juízo. Observou-lhes que tanto o ouvidor como o respeitável clérigo a tinham convencido da demência do frade, resultante da paixão de lhe enforcarem o sobrinho.

– Sem dúvida – ajuntou ela –, Maria Isabel é a viúva do desgraçado Domingos Leite; mas, tão inocente era no crime do marido, que Sua Majestade, a fim de salvar de algum insulto do povo, ordenou secretamente por terceiras pessoas o ingresso da desventurada senhora neste mosteiro. Recomendo pois às minhas amigas que se hajam caridosamente com Maria Isabel, tanto porque é inculpável na perversidade do marido, de quem já vivia apartada, como em atenção à vontade d'el-rei e às pessoas que o representam com as reservas necessárias em tão melindrosa conjuntura. – E, concluindo, disse: – Eu sou a primeira a dar o exemplo. Vou daqui à cela de Maria Isabel; e, depois que eu sair, peço que não tenham dúvida em aceitar comigo a missão de consolar uma desgraçada.

Maria Isabel, prostrada no leito, e mal recobrada ainda do delíquio em que a transportaram da casa capitular, olhava silenciosa para Ângela. A menina, encostada à cama, tiritava de medo, como se ouvisse e visse ainda o frade a repuxá-la vertiginosamente pelo braço.

– Filha! – murmurava a mãe, afagando-lhe a face com a mão ardente e trémula.

– Minha mãe... – dizia Ângela, aconchegando-se dela.

E nada mais. A mãe não tinha que dizer àquela criança de sete anos. A filha não sabia expressar o pavor que a enregelava.

– Ai!... Se eu te morro, minha querida filhinha! – exclamou Maria sentando-se no leito e sacudindo da frente os cabelos com aflitos gestos. – Que há-de ser de ti... se eu morro!...

A menina punha o rosto sobre a cama, e chorava.

– Não tens ninguém neste mundo... – tornou ela, estorcendo os braços, enclavinhando as mãos em postura não de súplica, mas de desesperação. – Ninguém! Ninguém!

– O meu pai morreu, não morreu minha mãe? – perguntou Ângela com o acanhamento do medo.

Maria fitou-a de golpe e, desviando logo a vista com ímpeto, bradou surdamente:

– Jesus!... Jesus!... Quem me dera a morte!...

Durou duas horas este lance indescritível, alternado de desmaios, de gritos abafados com as roupas, de soluços da criança, de intercadências mudas, e aquele ouvir dobrar a finados no Convento de S. Francisco, onde chegara o cadáver do frade!...

Tirante a criada que servia a recolhida, ninguém lhe entrara a cela, nem as freiras velhas permitiam que lá fosse alguém, enquanto a abadessa não voltasse da grade. À sua própria criada havia dito desabridamente Maria Isabel que a deixasse só, que a deixassem todos morrer.

Entrou, porém, a criada, avisando que a Sr^a D. Abadessa a procurava.

Maria sentou-se na cama, compôs o desalinho dos vestidos, e estremeceu na perspectiva das afrontas que ia escutar com a submissão de mulher aviltada e desvalida.

Aproximou-se a prelada, acariciou a menina, e fez sinal à criada.

– Vai com esta menina até minha casa, entretém-na por lá, até que eu te mande chamar.

Mafia Isabel lançou mão da filha e exclamou:

– Quer tirar-ma?!

– Não Sr^a D. Maria. Não seja precipitada. Consinta que sua filha, que já tem sete anos, me não estorve de lhe falar sem rodeios nem equívocos. A menina vai, e volta já.

– Vai, minha filha – assentiu ainda a mãe receosa, mas obrigada pelo semblante sincero da abadessa.

Saiu a criança, voltando-se duas vezes a olhar para a mãe.

A prelada acompanhou-a até à porta; e, voltando a sentar-se ao lado do leito, disse com pausada brandura:

– Deve estar persuadida que a odiamos pelo triste acontecimento que se deu. Engana-se, Sr^a D. Maria. Nesta casa não há ódios. E, se os há, porque o Demónio em toda a parte os introduz, decerto aqui não valem contra pessoas tão grandemente mortificadas como a senhora. Quando o cadáver desse frade alucinado saiu do convento, fui eu chamada à grade pelas duas pessoas que me preveniram da vinda da senhora para esta casa, sem me prepararem com as antecedências que me contaram agora. Já não há segredos para mim. Sei tudo, e compadeço-me da sua sorte, respeito-a na sua desgraça; mas não a louvo. Como nunca me pareceu invejável a sorte das mulheres que expiam na clausura a vaidade de serem amadas dos soberanos, também não as louvo pela culpa que as obriga a esconderem-se dos olhos do mundo. Quem se recolhe a estas casas, depois de ter tido um desvio da estrada do dever, ou vem à força, ou vem chorar e remir pecados. Em nenhum dos casos é louvável, salvo se as lágrimas do arrependimento lhe lavarem os ferretes do rosto. Não cuide que a venho acusar, Sr^a D. Maria Isabel. Pelo contrário, acabo de proibir que neste convento seja acusada. Aqui ninguém sabe o que eu sei a seu respeito; mas sabem todas, a estas horas, que as acusações feitas pelo tio de seu malfadado marido são calúnias forjadas pela demência. Igualmente sabem todos que a consorte de Domingos Leite não é cúmplice nos desatinos dele. Tudo mais se ignora, e é necessário que esta ignorância continue. Venho, portanto, animá-la, confortá-la e pedir-lhe que não se considere sem amigas, quando as precisar.

Maria Isabel apertou e beijou a mão que se lhe oferecia, balbuciando comovida:

– Obrigada, Sr^a D. Abadessa... eu não viverei muitos dias; mas peço a caridade de V. S^a para minha filha, que não tem amparo algum em lhe eu faltando.

– Não faltará tão cedo... e, se por infortúnio faltasse, a sua filha seria adoptada por nós todas. Mas o que nós queremos é que a Sr^a D. Maria Isabel, depois de pagar à fatalidade da sua viuvez de tal marido o tributo das lágrimas vertidas com justificados motivos, se volte para Deus, e lhe peça a luz da graça que lhe há-de alumiar a estrada lisa e segura do futuro. Se na sua alma há saudades e paixões, espere que o Senhor lhas vá mudando em esperanças de outra vida e desenganos desta. Porquanto, minha filha, há menos que esperar dos reis que d’Aquele perante o qual os reis são mais severamente julgados que os íntimos homens. Eu recolhi na memória todas as histórias antigas que ouvi a meus pais e avós: eles sabiam todos os casos de amores ilícitos dos antigos reis; e não sabiam de um só em que às pobres e iludidas mulheres não coubessem por sorte a soledade do mosteiro, e a privação até dos filhos que eram criados para brilharem no mundo enquanto elas eram afastadas deles, e sumidas nos claustros para que os filhos não se envergonhassem de ver tais mães. Não lhe tocarei mais neste amargo assunto, a não ser para lhe pedir que não queira morrer, visto que me não consta que alguém se queira desquitar da vida, quando as mulheres apaixonadas se namoram da morte; e os reis então, esses não podem morrer de paixão, ainda que o desejem, porque devem sua vida ao país que os adora.

A prelada sorriu como se tivesse quinhão na herança dos seus três ou quatro avoengos, avançados com as musas da delicada mordacidade. Maria Isabel, a par e

passo que a prelada afeiçoava, em sonoras e maviosas palavras, os sentimentos de um espírito recto e benigno, sentia-se emergir de sua letargia, e respirar ambiente de vida nova. Se a paixão pelo rei lhe fosse naquela hora a frecha mais pungente, naturalmente os dizeres da prelada acerbar-lhe--iam a saudade; mas a sua aflição tinha garras mais lacerantes: um abismo sem fundo, a evidência da queda irremediável, a ignomínia por cima de tudo, e uma filha adorada a receber na frente o estigma de sua mãe acusada de lhe haver matado o pai: esta é que era a horrendíssima situação da viúva de Domingos Leite, quando a prelada lhe entrou na cela.

Quanto a saudades e amores, não lisonjeemos a memória de D. João IV. Maria Isabel apenas se lembrava dele para lhe dar a primazia no rol dos infames que a perderam, identificando-o num grupo de personagens negros em que avultavam o padre Luís da Silveira, o rufião Cavide e Roque da Cunha. Amá-lo? Porquê? Ela despira-o das insígnias reais: vira-lhe a alma na desnudez de sua ignorância, na esterilidade da educação grosseira, poída do atrito de paixões carnalíssimas, em que o duque, no paço de Vila Viçosa, não levava a palma da nobreza aos seus eguariços e azeméis; ouvira-lhe as confidências de baixos conúbios com as actrizes espanholas, que D. Luísa de Gusmão expulsara do recesso do seu palácio; pressentia que o devasso, já ferido da gota e queixoso da ruim secreção dos rins, aguçava os estímulos da lascívia com as histórias lúbricas dos seus trinta anos; sentia-se nos braços dele tão matéria, tão despoetizada, que nem pelo coração, nem pelos sentidos, nem pelas pompas se dava por paga do serviço a tal amante. Amá-lo! Porquê? Não a mandou ele sair de sua casa, por um emissário de catadura ameaçadora, dentro em duas horas, como quem despede uma criada já paga de antemão pela honra de servir ao sevo de um cerdo enroupado de escarlata e arminhos! E expulsá-la de sua presença, sem uma expressão de dó, sequer hipócrita, sem uma promessa, sem uma dissimulação de piedade. Engolfá-la nas estranhezas horríveis de um mosteiro, rodeada de curiosidades insultantes; sobpô-la às injúrias daquele frade, mais desamparada que a derradeira meretriz de um lacaio! E, por fim, matar-lhe o marido, e dizer ao mundo: aí tens a viúva e a filha do enforcado! Não a mates, mas cospe-lhe na cara a infâmia do marido; não lhe mutilas as mãos, mas consente que ela se despedace com as próprias unhas; não lhe amputes a cabeça em estrado alto; mas subverte-a sob as abóbadas negras e mudas de um mosteiro, e deixa-a morrer para aí, fibra a fibra; e se ela, no escabujar do delírio, estrangular a filha, aplaude tu, ó sociedade, a justiça de Deus, que unge os reis, e colabora com eles!

Amá-lo? Como poderia amá-lo a viúva de Domingos Leite, se aquela criança, cravando-lhe os seus grandes olhos regurgitados de lágrimas, lhe perguntara duas vezes se seu pai fora enforcado!

XVII

Três meses se esquivou Maria Isabel a sair dos seus aposentos, tirante as horas passadas no confessionário e no recanto mais sombrio do coro, assistindo aos actos religiosos. Ângela, constrangida à reclusão, era simultaneamente enlevo e agonia da mãe. Uma vez, a criança, com uma fixidez de olhar profundo nos olhos da mãe, perguntara-lhe:

– Porque mataram meu pai?

Maria Isabel avincara a testa, e volvera o rosto.

– A mãe zanga-se comigo! – tornou a menina, com as lágrimas a ressumarem. – Eu era tão amiga dele!... Chorou tanto a última vez que o vi!... Lembra-se... quando ele queria levar-me consigo, e eu...

– Tu querias ir, Ângela?

– Queria... mas a mãe chorava... tive pena... e o pai deixou-me... Nunca mais o vi... Aquele frade disse que ele foi enforcado... e eu já ouvi dizer a umas senhoras no dormitório que eu, quando fosse maiorzinha, e soubesse que meu pai morrera assim... havia de estalar de dor... Foi o que elas disseram ontem, quando eu estava a pedir pela alma de meu pai ao Senhor Crucificado, que está no fim do corredor. A mãe não soube que ele ia morrer? Se soubesse, podia pedir por ele ao rei, não podia? O rei fazia-me tantas festas, chamava-me a sua açafata... se eu lhe pedisse com as mãos postas que não deixasse matar o meu pai...

– Cala-te! – exclamou Maria Isabel com ira e terror.

E Ângela retraiu-se trémula. Olhou para as faces lívidas da mãe, e teve-lhe medo. Quis sair do quarto, cingindo-se atemorizada com a parede; e ela, correndo para a filha, ergueu-a, beijou-a, lavou-a com ardentes lágrimas; e, ajoelhando com ela nos braços, murmurou-lhe como em segredo, com os olhos esvairados, aterrorizando mais a criança:

– Não me fales mais em teu pai, que me matas. Prometes-mo, Ângela?... Queres que eu viva, minha filha?

– Quero, sim, minha mãe!... – tartamudeou a menina.

– Então não me perguntes nada de teu pai!... Quando puderes entender a desgraça que matou tua mãe, saberás o que hoje não podes compreender...

.....

Não tentaremos explicar – porque não poderíamos – o susto que, desde esta hora, Maria Isabel estranhou no espírito da criança. Passavam-se segredos inescrutáveis entre a Providência e a filha e a viúva de Domingos Leite. Da parte de Ângela, um constranger-se e retrair-se quando a mãe a beijava; da parte de Maria Isabel, um estranho embaraço, o que quer que fosse parecido com o acanhamento do pejo, quando impulsos de ternura a levavam para a filha, que a fitava a medo.

Ângela passava algumas horas do dia separada da mãe, aprendendo a ler com uma senhora secular inteligente, que se lhe afeiçoara.

A educanda demorava-se o mais que podia com a mestra, e, de passagem, visitava todas as religiosas que a festejavam. Maria Isabel, vendo-a chegar sem alvoroço nem alegria, perguntava-lhe:

– Porque te demoraste hoje tanto?

Ângela nomeava as senhoras com quem estivera, contava o que lhe disseram; e quase sempre pedia à mãe que a deixasse ir passar a noute a casa das suas amigas.

– Então, não queres estar com a tua mãe?! – perguntava-lhe ela sorrindo-lhe, mas

com os olhos húmidos.

A menina reparava no semblante da mãe, e respondia secamente:

– Se a mãe não quer, não vou...

– Vai, vai... – acudia Maria Isabel, e dava-lhe as costas.

A menina ia triste, e voltava receosa. A mãe, umas vezes, a recebia com amuos, outras com explosões de carinhos. A filha nem parecia doer-se muito dos maus modos, nem exultar notavelmente com os bons.

Em face uma da outra, nem as comuns frivolidades se diziam. A menina estudava a sua lição de leitura e traçava os seus riscos em silenciosa aplicação; Maria Isabel assistia àqueles exercícios com a face encostada à mão, com os olhos na escrita ou no abecedário, e o pensamento engolfado nas trevas que se espessavam ao longe, na sua mocidade. Nem ao menos tinha para alívio o retrocesso da vida, em busca das alegrias da juventude. Pode ser que então, enquanto Ângela soletrava o *Catecismo*, de Fr. Bartolomeu dos Mártires, a mãe se estivesse excruciando com as memórias da sua educação, dirigida pelo clérigo, imagem execranda lhe surgia no umbral dos Infernos atravessados pela sua imaginação!

Reagindo contra as raladoras tristezas, a viúva do regicida cedeu às instâncias das religiosas que a convidavam a conviver e a distrair-se. Algumas que secretamente se desgostavam de tal familiaridade iam, levadas pelas mais tolerantes, à cela da recolhida. A prelada, com as suas mais íntimas, e sabedoras do reflexo do trono que lhe aureolava a beleza, eram exemplo bastante a desfazer escrúpulos de moral e melindres de jerarquia.

Adoçaram-se as amarguras de Maria Isabel nas distrações da conversação. Os saraus das monjas, naquele tempo, não sei bem o que seriam, nem com que pretexto os convites se enviavam às celas. Com certeza não era a chávena do chá; porque, em 1648, não se tomava chá em Portugal. Suspeito, porém, que as confeitarias, já então primorosas nos mosteiros portugueses, lardeadas das taçazinhas da Índia opalizadas com os genuínos vinhos deste abençoado viveiro de chorudos frades e rosadas freiras, seriam o entremeio das palestras nos conventos. Verdade é que as crónicas daquelas arredadas eras se avolumam em panegíricos de religiosas muito claustrais e jejuadeiras; não obstante, outras crónicas inéditas autorizam-nos a conjecturar que as freiras abstmias e recolhidas no cenóbio, em ascese nocturna e diurna, formavam o menor número.

Ora, no Mosteiro de Santa Escolástica havia de tudo. Nem sequer faltavam religiosas, em anos florentes, que esperavam idade madura para sinceramente se devotarem ao Esposo. E estas não eram as mais repreensíveis; que havia umas tão descuidosas e birrentas, que derivavam das verduras suaves dos vinte às madurezas não despiciendas dos quarenta anos, e por diante; de maneira que já estavam sorvadas ou ressequidas, como pomos inverços, quando se ofereciam aos banquetes dos anjos.

Havia, portanto, variadas índoles a oferecerem-se à escolha de Maria Isabel: freiras estimáveis pela bondade, e freiras sedutoras pela malícia. As primeiras acalmavam-na com os seus dizeres sedativos e seráficos; as outras, ardendo debaixo do hábito, abriam-lhe com as suas frases, ressabiadas de ruins pensamentos, os respiráculos ao fogo mal abafado. Convivia muito com as últimas, sem desmerecer a estima das primeiras. Entrou na confidência das amorosas. Leu as cartas incandescentes das mais vaidosas dos seus adoradores. Espreitava-os no ralo da portaria quando eles iam à grade. Ria-se com as mais galhofeiras das gracetas com que eram remoqueados os amores das outras; saturara-se, enfim, da atmosfera do convento. E, ao cabo de um ano, Maria Isabel achava muito suportável o peso da sua cruz, e menos má a vida esquisita e mal apreciada dos mosteiros opulentos, bem alimentados de substâncias fortes que se

digeriam em ócios sonolentos, por parte da virtude, e em ócios mordazes, por parte do vício.

Todos os meses o vigário-geral fazia entregar a Maria Isabel uma avultada pensão.

Uma vez, a recolhida quis avistar-se com ele na grade – honra de que o padre não pudera ainda vangloriar-se.

– Este dinheiro que eu recebo – perguntou a filha do rico tanoeiro – é o rendimento dos meus prédios de Lisboa?

– Não sei responder a V. S^a. O Sr. Ouvidor recebe estas quantias por ordem do alcaide de Borba, mantieiro d’el-rei, o Sr. António de Cavide.

– Não tenho relações com António de Cavide – acudiu Maria Isabel, com sobranceria. – Sou rica, herdei de meus pais vinte mil cruzados, não quero tutores, e exijo que me seja entregue a administração do que é meu e de minha filha. As quantias que recebo desde que entrei aqui, se não provierem dos rendimentos das minhas propriedades, hei-de restitui-las a quem mas envia. Não recebo esmolas seja de quem for. Diga isto ao Sr. Ouvidor; ele que o diga ao Sr. António de Cavide, e o Sr. António de Cavide que o diga a quem quiser.

Maria Isabel deixou o vigário-geral estupefacto da sua arrogância. De si consigo dizia ele que a condição humana é de seu natural propensa à soberbia, e muito mais quando o abraço de um rei, comprimindo o espinhaço, dava ao pescoço da pessoa abraçada um aprumo altaneiro. Assim explicava anatomicamente o clérigo, consoante a perpendicular da coluna vertebral, o orgulho insolente da viúva do enforcado.

Cumpriu-se o que ela ordenara. O padre comunicou ao magistrado a intimação. O ouvidor ao lançarote d’el-rei. O rei, lendo a carta do ouvidor, carregou o sobrolho e disse:

– Tenho mais medo dela do que tive do marido. Esta mulher é má e perigosa. Se ela fosse boa e humilde, é provável que me não desse cuidado. Não posso esquecê-la, porque a temo, e... porque... não posso esquecê-la. A violência da separação não me causou abalo; mas... a dor, e o pesar de ser rei, quando o meu dever de homem era tão diverso... isto lhe confesso, Cavide, tem-me feito passar muitas noites sem provar descanso... e dor que há-de ir comigo à sepultura... e não tem muito que andar...

– Não permita Deus!... – respondeu compungidamente o mantieiro, pondo os olhos no tecto. – Esqueça-se Vossa Majestade de que é rei, se misteriosamente pode ser homem. Que a Sr^a D. Maria tem génio irritável sei-o eu como ninguém. Muito pela rama tive a honra de referir a Vossa Majestade as injúrias que lhe ouvi na estalagem do Porto. Quanto a ser perigosa, não ocultarei a Vossa Majestade que muitas vezes hei pensado com inquieto receio nas resultas deste sucesso. E, a não ser isso, eu esconderia dos olhos de Vossa Majestade a carta do corregedor de Bragança.

– Como concilia António de Cavide – atalhou o rei – a minha posição de soberano e ser homem misteriosamente?... Não o percebi... Explique-se.

– Se Vossa Majestade permite...

– Explique-se.

– A Sr^a D. Maria Isabel, passado algum tempo, e talvez desde já, poderá viver com tanto resguardo em Lisboa...

O rei, sorrindo, atalhou:

– Valha-o Deus, Cavide! Não sabe que a rainha me tem cercado de espiões, e que o seu ódio a Maria Isabel é tal que assim como desabafa, injuriando-me, se a empolgasse a ela ao alcance da sua cólera, a mandaria matar!

– Sei, real senhor; mas as cautelas baldariam a perspicácia dos espiões...

– Não me tente, Cavide... – replicou o rei com desalento; e prosseguiu, feita uma grande pausa, com exaltação: – Esta mulher... o amor desta mulher foi uma doce

peçonha que me caiu no coração... Dominou-me, e muito mais que as outras, porque nunca se humilhou; nunca me deixou sentir que eu, ao lado dela era rei. Dizia-me, quando eu a acusava de altiva, que a mulher amada de um rei seria vil se fosse humilde. Quando eu lhe queria acalmar as impaciências amorosas com as razões da minha qualidade de rei e marido, respondia-me que não se obrigava a respeitar as condições do meu estado, e pedia carinhosamente ao meu próprio coração que a defendesse. Que mulher! Que magia se apoderava de mim, se eu pensava em lhe cortar as asas para não voar a alturas onde eu nunca permitiria que se alassem as outras! O mesmo era invocar a minha dignidade e sentir-me abatido diante dos olhos severos do seu rosto cheio de tentações! Ainda assim, quando ela partiu, cuidei que o tempo e a necessidade ma olvidariam. É passado um ano, cortado de mortificações, alterado de sucessos desgraçados, e sustos da sorte que nos esconde a vária fortuna da guerra; pois, creia, Cavide, invoco a imagem dela, quando fujo das secretas tribulações, e me escondo em mim próprio. Que é isto, senão um castigo do Céu! Com que razões me hei-de eu desculpar, se Maria Isabel não tem outro remédio senão o da sua rara formosura, rara e orgulhosa! Por acaso, António de Cavide, lhe escreveu ela?

– Nunca, real senhor.

– Pediu-lhe que proferisse o seu nome na minha presença?

– Não meu senhor.

– Aí a tem! Soberba quando eu a adorava, soberba quando se persuade que eu a não amo. Outra qualquer não teria instado, suplicado ao menos uma palavra minha, uma desculpa?

– Assim me quer parecer, meu senhor.

– Que faz ela, pelo contrário? O que eu leio nesta carta do ouvidor. Quer os seus bens para pagar deles as prestações que recebe, e que rejeita se são esmolas, sejam de *quem* for. Este *quem* sou eu, tratado com um desdém que não está longe do desprezo. E agora? Que responderá Cavide ao ouvidor?

– Não ousarei responder sem prévio conselho de Vossa Majestade.

– Se lhe diz a verdade, tem de lhe dizer que os haveres de Maria Isabel eram os haveres de Domingos Leite...

– Confiscados e extintos – acrescentou o alcaide-mor de Borba.

– Se lhe diz que... – o rei cincou nas reticências, e o ministro acudiu:

– Eu direi confidencialmente ao ouvidor, se Vossa Majestade fia tanto dele como eu, que persuada a Sr^a D. Maria Isabel que os seus prédios são administrados por sua conta, que as prestações derivam dos rendimentos deles; e, no entanto, faremos que, em tempo oportuno, alguém em nome dela requeira a restituição dos bens, e Vossa Majestade deixará que se faça justiça como já se fez aos filhos de Lucena e à viúva do duque de Caminha, em pró dos quais os ministros de Vossa Majestade lavraram acórdão.

– Lembra-me, Cavide, o que é justiça fazer-se; mas é cedo, muito cedo. A rainha sairia contra a restituição; porque diz ela que eu estive nas fauces da morte duas vezes por amor desta mulher; e já lhe ouvi lamentar Domingos Leite, como vítima de uma nobre paixão por tão indigna mulher, quando um dos juizes do interrogatório, não sei qual, revelou à camareira-mor que Domingos Leite confessara que não vinha a matar-me, da vez que o prenderam, mas sim a roubar sua filha à mãe, a rainha verteu muitas lágrimas, e exclamou que Domingos Leite merecia ser vingado no pescoço de sua mulher. Veja isto!... E deu-me a perceber António de Cavide que Maria Isabel poderia voltar com todas as cautelas!... Eu sei que a prelada é irmã do Penaguião, e que duas sobrinhas que andam no Paço recebem de lá todas as semanas uma carta de sua tia, que vai fechada às mãos da rainha. Já vê que, no momento em que Maria Isabel saísse do

convento, sabia-se logo no Paço; e daí imagine o resto.

– Eu poderia – remediou o rufião, espacejando mui reflectidamente as palavras –, eu poderia entender-me com a Sr^a D. Maria... e aconselhá-la nos passos a dar para iludir a prelada... Como ela não está cativa em sua liberdade, começaria dizendo que tencionava retirar-se para Castela, onde tinha protecção. É de crer que a prelada denunciasse o propósito ao ouvidor; este, porém, não daria peso à denuncia; também é natural que a prelada avisasse as sobrinhas do intento da Sr^a D. Maria Isabel; mas Sua Majestade a Rainha minha senhora talvez que estimasse semelhante passo por lhe advir daí à fugitiva maior culpa aos olhos de Vossa Majestade. Feito isto, iria a Sr^a D. Maria caminho de Castela, e retrocederia com os disfarces melhormente escolhidos para Lisboa. Depois...

– Conversaremos – atalhou o rei. – Esperam-me na sala do despacho.

XVIII

O ouvidor de Bragança transmitiu a Maria Isabel as informações do ministro respeitantes às prestações. A Traga-Malhas questionou com o jurisconsulto o direito de administrar o que era seu. Não lhe impugnou o magistrado tal direito, nem ainda a liberdade de sair do convento, enquanto outras ordens lhe não viessem da corte.

– Ordens de quem?! – perguntou asperamente Maria Isabel.

– O seu coração lhe responda, senhora minha... – respondeu sorridente o doutor com palaciana galanteria.

– O meu coração está mudo – redarguiu ela.

– Mudo! Em idade tão eloquente!

– Mudo, sim, que o ódio é uma mordada!

– Ódio! Tão cru sentir em tão belo aspeito! – volveu o requebrado ouvidor.

– Pois se não quer que seja ódio, será um sentimento menos cruel e mais ofensivo: é o esquecimento. Diga-o a quem quiser Vossa Mercê.

Este diálogo passou ao segredo de António de Cavide; mas o alcaiete sonegou-o ás tristezas de seu real amo, como cumpria a tão discreto amigo.

Por aquele tempo as grades do Mosteiro de Santa Escolástica enviscavam os corações dos fidalgos de Bragança e arrabaldes. Os Colmieiros, os Sarmentos, os Marizes, os Cabrais e outros apelidos ilustres, ali tinham as suas nobres primas, e por lá passavam manhãs e tardes, escravos, enfeitados daqueles amores de convento, os mais prestigiosos e ardentes, estáticos e implacáveis.

João da Veiga Cabral, já sargento-mor de batalha antes dos vinte e cinco anos, e malferido na defesa heróica de Olivença, recolhera-se a sua casa, em Bragança, para convalescer-se do quebranto em que ficara dos ferimentos.

Era um bizarro e gentilíssimo fidalgo, com uns brilhantes olhos que pareciam ainda alumados pelos relâmpagos da artilharia, e uma irrequieta mobilidade de gestos que desmentia a pobreza do sangue derramado nas sucessivas pelejas de seis anos.

Tinha João da Veiga três irmãs no mosteiro, professoras naquele ano de 1649, amigas muito dilectas de Maria Isabel, e suas confidentes. Como visitasse a miúdo as irmãs, ouviu, prometendo inviolável segredo, a história da viúva do regicida, no episódio dos seus amores com o rei. Já é de ver que a filha do tanoeiro, contando às íntimas a sua vida recôndita, não havia de dizer que se desgraçara por amores com um furriel, caluniando-se, e desdenhando a fatal paixão de D. João IV. Ela percebera que as pessoas inteiradas da sua tragédia não eram as mais esquivas em lisonjeá-la. Amante d’el-rei, como Maria Pais fora amante de Sancho II, como Teresa Martins amante de D. Dinis, como Teresa Lourença mãe de D. João I, como D. Maria Manuel amante d’el-rei D. Duarte, como Inês Pires mãe do duque de Bragança, como Ana de Mendonça amante de D. João II, como Isabel Moniz amante de D. João III, etc.

No mosteiro sabiam-se estas lendas; e algumas freiras, das mais enfronhadas em fidalguia, desvaneciam-se com o parentesco daquelas senhoras e reais comborças.

Que pejo lhe embridaria, pois, a língua à filha de João Bernardo Traga-Malhas?!

Sabia toda a comunidade que a régia cabeça de D. João pousara no regaço daquela dama, e que talvez ela – presumia-se – com suas lindas mãos lhe anelasse os cabelos da frente e as guias do bigode.

Que Maria Isabel era a mais esbelta senhora do mosteiro, diziam as três Veigas Cabrais, belíssimas meninas. Confessada por elas a primazia da outra, o encarecimento não podia avantajá-la mais.

– E irei para o exército sem a ver? – perguntava João da Veiga.

– Talvez, porque ela nunca cedeu aos convites que tem recebido de outras pessoas.

– E demais a mais – acrescentou uma das três irmãs – se a visses, morrerias de amor: não deves querer vê-la, porque desertas; e...

– Terás um rival temível – juntou a mais espirituosa.

– Lembra-te da morte do marido, mano João...

– Lembro-me da morte do marido para lha invejar, se ele morreu por ciúmes do amante – disse o sargento-mor de batalha. – Seja como for, se conseguir que eu a veja, e, se ela é tão bonita como vós, hei-de pedir-lhe licença para invocar o seu nome nas batalhas, visto que o de S. Jorge é muito inglês, e o de Sant’Iago é muito castelhano.

As três freiras, muito risonhas, contaram a passagem a Maria Isabel, e lealmente confessaram que disseram muito em segredo a história dos seus amores.

Deu-se uns ares de mimosa mágoa, fingiu-se vexada da confidência; e, quando as freiras cuidavam ter frustrado o pedido, disse Maria Isabel inesperadamente:

– Hei-de ver vosso irmão antes de ele partir. Quando vier despedir-se, vou convosco à grade.

E foi.

João da Veiga já tinha visto em Lisboa aquela mulher, em uma janela da Rua dos Torneiros, no dia de procissão de *Corpus Christi*, dois anos antes, quando ele ia no préstito com o seu regimento. Contemplou-a assombrado. Perguntou quem fosse. Disseram-lhe que era a mulher de um português foragido em Espanha.

Passou; e nunca mais a vira; senão ali, nas grades do mosteiro, com os resplendores da formosura realçados pelo timbre da voz, pelo sono lânguido, pelos olhos de uma profunda escuridade, mórbidos de tristeza.

O militar disse-lhe que, não podendo haver duas belezas perfeitas, era ela a mesma senhora que vira em Lisboa.

A conversação, assim começada nesta elevada temperatura, esfriara na expressão à medida que se inflamava nas misteriosas intimidades que os olhos dialogavam. Apartaram-se melancólicos. Ele disse que ia para as fronteiras, e, pela primeira vez, levava medo à morte. Ela fitou-o com maviosa mágoa, e suplicou voltada para as irmãs:

– Peçam-lhe que não vá...

E, como arrependida da indiscrição, cobriu o rosto com as mãos, e murmurou:

– Ai! Que estouvada!

.....

E o sargento-mor não foi apresentar-se ao general; antes, alegando recaída de padecimentos, protraiu a licença.

Todos os dias visitava as irmãs. No mosteiro já se rosnava que Maria Isabel, desacompanhada das senhoras Veigas, dava grades ao irmão delas. A prelada preveniu-a das murmurações; a viúva não dissimulou, antes aceitou a responsabilidade do inocentíssimo acto. Redarguiu a irmã do conde de Penaguião que as acções de cada pessoa eram boas ou más consoante a maneira como os outros as conceituavam; quanto, porém, à sua ida às grades de João da Veiga, a opinião da comunidade e de fora não inocentava o acto, antes o qualificava de relações namoradas. Sorriu-se Maria Isabel, e retorquiu:

– V. S^a bem sabe que eu não fiz votos.

– Assim é – tornou a prelada –, mas peço-lhe que medite no seu passado e no seu futuro. Tem uma filha, que a deve prender tanto à virtude como a ligariam os votos.

Coibiram-se aparentemente; mas correspondiam-se. Deviam de amar-se em extremo: ela, porque se expunha à desconsideração das religiosas austeras, revivia o

desprezo antigo, e esquivava à filha o coração para o transfundir nos ardores do amante; ele devia também amá-la perdidamente porque, furtando-se às lides tão lustrosas da sua carreira militar, sentia-se agora desonrado no conceito público e no próprio.

As freiras, que ternamente queriam a Ângela, olhavam-na com dó, e diziam entre si que, se um dia a mãe saísse do convento pela porta da infâmia, elas se desvelariam na educação da criança, a quem a sorte orfanara tão desgraçadamente.

Como é de presumir, a prelada noticiara às sobrinhas as leviandades de Maria Isabel; e o ouvidor, em linguagem menos ressabiada de santa murmuração, referiu a António de Cavide os amores de sua reclusa com o galante Veiga Cabral, ferido em seis batalhas contra os Castelhanos, e finalmente morto em duelo com os olhos homicidas de Maria Isabel.

Não sabemos se a rainha, na impenetrável recâmara dos seus aposentos, a só com o infidelíssimo rei, o remoqueou à conta do seu sucessor no coração da viúva de Domingos Leite; é, todavia, mais de presumir que D. Luísa de Gusmão rejubilasse, inferindo das novas afeições de Maria Isabel o desafecto e desprezo do marido. Se assim foi, naturalmente calou-se para não acordar no peito o basilisco do ciúme, que é, às vezes, o galvanismo dos corações regelados e mortos pelo tédio.

Quem se não calou foi António de Cavide. O rei leu a carta do ouvidor, espremeu em contrafeito riso o fel do despeito, mascou umas palavras regougadas, e, atirando a carta com desprezo ao mantieiro, disse afinal:

– Foi educada pelo padre Luís da Silveira...

– Nunca se disse tão conceituosa frase, meu senhor! – exclamou o ministro batendo as palmas com o estúpido entusiasmo da lisonja. E repetiu: – *Foi educada pelo padre Luís da Silveira!* Admirável, e digno de Juvenal, de Marcial, e... de Vossa Majestade!

– E que monta ser rei quando se é frágil como qualquer homem! – disse D. João IV com direito aos louvores do valido meditabundo.

– Estou pensando, real senhor!... – disse o ministro. – Vossa Majestade nestas poucas expressões compendiou um livro: *E que monta ser rei quando se é frágil como qualquer homem!?* Puro Séneca e Platão!...

XIX

Um dia, o sargento-mor de batalha recebeu aviso peremptório para se apresentar sem intermissão de tempo ao general das armas na Beira, sob pena de deserção em tempo de guerra; e, ao mesmo tempo, a prelada do mosteiro beneditino recebia, mediante o ouvidor, um traslado da seguinte lei:

*Dom João, por Graça de Deus, Rei de Portugal, etc. Faço saber aos que esta minha Lei virem que, sendo-me presente o excesso com que muitos seculares se hão na continuação e assistência das grades de alguns mosteiros, devassidão e demasia com que em este particular se procede com notório escândalo e menos observação de minhas leis, sendo todas dirigidas ao maior serviço de Deus, crédito e estimação de religião que eu tanto devo zelar e fazer guardar; e, como por ordenações e leis extravagantes não está bastante provido o se evitarem de todo tão prejudiciais correspondências, hei por bem declarar que, além das penas conteúdas nas ditas leis, toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja que por sumária informação ou devassa constar que continua ou assiste nas grades das religiosas. incorram em dois meses de prisão, da qual não será solto sem dela pagar oitenta mil réis aplicados para as despesas da guerra; e de fazer este caso de devassa, que, no regimento das residências que dão os corregedores e juizes de fora se perguntará se faltaram ao cumprimento desta minha lei, ajuntando-se por capítulo aos demais; e em esta corte serão obrigados os julgadores ao crime de darem conta na Mesa do Desembargo do Paço, no mês de Dezembro, das devassas que, naquele ano, houverem tirado aos conventos das religiosas que caem no bairro da sua repartição e do que delas resultar, para sobre isso se me consultar o que parecer; e, quando faltarem com esta obrigação, lhes mandarei muito estranhar; e, achando compreendidas algumas pessoas eclesiásticas, mais o farão a saber para se lhe dar remédio conveniente. Pelo que, em consideração de tudo, encomendo aos desembargadores do Paço façam acrescentar no Regimento das residências o particular de que nesta se trata, e juntamente dar cópia dela aos julgadores do crime para que em conformidade desta Lei procedam, e com efeito executem o que por ela ordeno; e para que chegue à notícia dos mais julgadores do reino e pessoas deles, o que assim fui servido resolver, mando ao meu chanceler-mor a faça publicar na Chancelaria, e enviar o traslado dela sob o meu selo e seu sinal às comarcas para se proceder na mesma forma; e esta se registrará nos livros do desembargo do Paço, Casa da Suplicação e Relação do Porto, onde semelhantes leis se costumam registrar. Dada nesta cidade de Lisboa aos 30 de Abril. António de Morais a fez. Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1649. Pedro Sanches Farinha a fez escrever. Reit.*⁷

A prelada inferiu logo que tão severa lei era o impulso violento da inconsiderada paixão ou vingança do monarca; e, forçada a fazê-la cumprir, anteviu os dissabores que se lhe preparavam. Chamando a sua casa todas as religiosas e noviças, mandou ler em voz alta o aviso. Alguns rostos rosados empalideceram; rorejaram as lágrimas em alguns olhos; apenas algumas senhoras maiores de cinquenta anos murmuraram:

- Essa lei era precisa.
- Já devia ter vindo.

⁷ Alvarás, Decretos, e Provisões, desde Filipe II a Pedro II. Traslados Feitos nas Diversas Secretarias. Manuscrito meu. O decreto é assim intitulado: «Lei sobre os mosteiros das freiras, que se não fale nas grades deles.»

– Isto de namorices ia de foz em fora.

– Bem haja Sua Majestade.

As novas atravessavam-lhes uns olhares vesgos de raiva.

As noviças cochichavam uns «apartes» em que tão satirizadas eram as velhas inválidas como as novas, fulas de cólera, no momento em que uma das religiosas mais audazes disse:

– Devemos este obséquio à Sr^a D. Maria Isabel.

Chilrearam muitas a um tempo, excedendo os limites da honestidade, com apodos e chufas aos ciúmes do alto personagem – expressões que não serviam ainda naquele tempo de ressalva à injúria contra pessoas invioláveis.

A prelada fez sinal de silêncio, e disse:

– Não consinto reflexões descompostas às ordens de el-rei, nem tão-pouco serei indulgente com as senhoras que ofenderem de qualquer maneira a pessoa que julgam causadora desta lei. Seja ou não seja, a observância é indispensável.

A proibição do locutório e os rumores da comunidade alvoroçada soaram logo na cela de Maria Isabel; e, ao mesmo tempo, as irmãs de João da Veiga Cabral, levando-lhe uma carta do mano, já sabiam que ele fora avisado para sem demora partir para o exército.

Maria leu a carta, e fez-se escarlata. As lágrimas, apenas apontavam, secava-as o queimor da paixão que lhe esbraseava as faces.

João da Veiga, sucumbido à intimação, dizia que mais se não veriam nesta vida, porque ele ia pedir a uma bala inimiga o remédio da morte; e, como derradeiro grito da sua sincera paixão, ajuntava que só assim, morrendo, podia salvar-se dos ciúmes de tão poderoso rival. «Esquece-me, e vive!», terminava ele. «Eu nada valho, enquanto vivo, se me comparas ao rei; mas, depois de morto, serei para ti uma saudade. Sê tu dele, e dá-me de ti somente uma lágrima.»

Respondeu-lhe, sem detença, Maria Isabel. Eram poucas as palavras; mas fulminantes, decisivas para o homem que lhe não mentia no propósito de ir morrer na fileira com suicida bravura.

«Não vás, que eu quero ir contigo. Se me deixas, ou me não amas, ou és menos corajoso que eu. Esconde-te, e espera que eu te procure.»

Escondeu-se. Era desertor desde aquele instante. A honra dava-lhe na consciência angustiosos rebates. Sua mãe, única pessoa que lhe sabia o esconderijo, rogava-lhe que não se expusesse à vingança do rei, destruindo por amor de uma mulher o seu futuro, com tanto sangue e tantos perigos, perdido.

O valente, abatido como as crianças, chorava, deplorando o homem feliz que resvalara à posição em que se via; mas aquelas palavras de Maria Isabel soavam-lhe como a sentença de Deus ao precito insanável.

– Se a deixo, vou morrer! – disse ele entre si. – Pois que me matem, mas não-de arrancar-me dos braços dela!

As Sr.^{as} Veigas Cabrais, instadas pela mãe, pediam a Maria Isabel que convencesse o irmão a obedecer à ordem do general. Por entre choro, increpavam-se de ser causa na desgraça do irmão por lhe haverem tanto encarecido a formosura da sua amiga; e, voltando-se para ela com suplicante carinho, pintavam-lhe as aflições da mãe, e a desonra iminente da sua família.

A viúva de Domingos Leite prometera-lhes, por fim, submetê-lo à vontade de sua mãe, e acabar com a desgraça de ambos, pondo ela termo à vida.

– E a tua filhinha? – objectava uma das freiras. – Pois tu não pensas neste anjo! Não tem ela o primeiro lugar no teu coração, Maria Isabel?

– Calem-se! – exclamava a mãe de Ângela. – Não reparam que a minha filha foge

de mim? A Providência não quer que ela me salve... Quando a aperto ao peito com desesperado amor, ela encara-me assustada, e não tem palavra que responda às perguntas que a minha alma lhe faz. Neste convento há senhoras cruelmente perversas que têm lançado no coração inocente de minha filha revelações da minha vida disfarçadas em compaixão. Falam-lhe no pai que morreu no patíbulo, e arrancam-lhe segredos que não se perguntam a uma criança... Querem saber o que se passava com o rei, as mais frívolas palavras que ele lhe dizia!... Sei tudo, porque esta canalha o que tem de perfeito é denunciar-se uma à outra. E assim vingaram roubar-me o amor de minha filha, e daqui a pouco hão-de conseguir que ela me odeie, e se envergonhe de me chamar mãe.

Queriam despersuadi-la; mas argumentavam frouxamente, como convencidas dos queixumes de Maria Isabel. Eram notórias as friezas de Ângela, e as indiscretas insinuações que a mestra e outras religiosas faziam no espírito precocemente pensativo da educanda. Além disto, a cena do frade na casa capitular, e o dizerem-lhe que aquele homem era tio de seu pai, e morrera assim traspassado de paixão com saudades do sobrinho, impressionaram mais o ânimo de Ângela que as lástimas carinhosas das freiras.

No entanto, a correspondência entre o homiziado sargento-mor e Maria Isabel continuava assídua. Ele esperava-a, e ela almejava a oportunidade da fuga, sem que a filha lhe fosse estorvo, ou lhe abrisse os olhos como a lâmpada providencial à orla duma voragem. A vigilância porém, da prelada e das porteiras era tão cautelosa que Maria Isabel não dava um passo sem ser espiada.

A abadessa, por sua parte, deixá-la-ia fugir, e cantaria um Te-Deum; mas o ouvidor tão restrita vigilância lhe recomendara derivada da mais alta origem, que a prelada, abrindo-lhe ocasião de escapula, recearia cometer crime de lesa-majestade. Um dia, porém, Maria Isabel, observando que a vigiavam, enfureceu-se, prorrrompeu em berros e injúrias tais que as freiras velhas incorporadas foram pedir à prelada que abrisse as portas à energúmena, porque a temiam. A este tempo, a menina tiritava chorando ao pé do leito onde a mãe escabujava em contorções histéricas.

A prelada avisou o magistrado, e este aquietou-a, dizendo-lhe que muito breve sairia do mosteiro Maria

Isabel, e que a filha provavelmente ficaria a educar-se, se isso não desagradasse a sua senhoria.

– Todas nós estimamos a criança – disse a abadessa

– e cremos que a filha não há-de chorar por ela. Tem unção do céu esta menina!

Quando visita as senhoras mais respeitáveis desta casa, pede-lhes sempre que rezem por alma de seu infeliz pai.

XX

Anunciou-se um dia, na portaria do mosteiro, o ouvidor, acompanhado de um forasteiro em Bragança.

A prelada recebeu-os, demorou-se com eles alguns minutos, e saiu; o ouvidor saiu também, e ficou no locutório o desconhecido.

Pouco depois, assomou à porta da grade Maria Isabel; e, olhando fixa a pessoa que a esperava, sem se nomear, com o penetrante olhar de quem duvida e treme da certeza, estremeceu, e exclamou abafada de sobressalto:

– O Sr. António de Cavide!

– Eu, minha senhora. Estava V. S^a bem longe de pensar que ainda me encontraria neste vale de lágrimas...

– Decerto – respondeu ela, basculejando no espírito estranhas conjecturas.

– Não encareço a minha visita de amigo e respeitador para que V. S^a ma agradeça. Eu não venho aqui espontaneamente, como quisera e devera, se a Sr^a D. Maria me houvesse tratado com mais justiça e menos crueza naquela fatal noite da estalagem do Porto. Recordá-se?

– As impressões deliciosas nunca esquecem... – respondeu ela sorrindo.

– Diz V. S^a exactíssima verdade. As impressões deliciosas nunca esquecem. Aqui venho eu, senhora minha, provar quanto é verdadeira a máxima. El-rei, meu senhor, também assim pensava e sentia, quando aqui me enviou dizer a V. S^a que nunca, em algum instante da sua vida, desde o 1.º de Agosto de 1646, pôde esquecê-la.

– A mim?! – acudiu ridentíssima de ironia e sarcasmo a viuva. – A mim?! Quem zomba? É el-rei, ou o seu... ministro?

António de Cavide cuidou que as reticências iam disparar-lhe uma injúria. A imprevista risada estupificou-o. Tomado a si do choque, recompôs o carão com a solenidade ultrajada pelo desplante da Traga-Malhas, e prosseguiu entre irónico e severo:

– El-rei, meu senhor, não zomba. Eu, o ministro d’el-rei, lido há muitos dias com damas, e tenho os hábitos derivados da educação nas salas: não zombo das senhoras. Pergunto, Sr^a D. Maria Isabel: pode ou quer escutar-me com seriedade?

– Posso e quero.

– Bem. Sua Majestade deseja que V. S^a volte para Lisboa.

– Irei. Há muito que desejo ir apossar-me dos bens que foram de meus pais. Agradeço a boa nova; não agradeço a mercê, porque não considero favor o consentimento. Eu nunca fiz algum mal a Sua Majestade de que deva pedir nem aceitar perdão. Irei para Lisboa, repito, e desejo que seja já.

– Esse é também o desejo d’el-rei; porém, minha senhora, escuso de lhe encarecer a gravidade do segredo que se faz mister guardar nesta saída.

– Segredo! Pois não há-de toda a gente deste convento saber que eu vou para Lisboa! Pois eu vou às escondidas? Ora essa!

– Não quer compreender-me, Sr^a D. Maria?

– Quero; mas, pelos modos, não posso... Queira explicar-se, senhor.

– Não percebeu que el-rei, meu senhor, ama a Sr^a D. Maria Isabel?

– Percebo agora – respondeu ela pronta e jovialmente.

– Agora percebi que el-rei manda buscar ao convento a mulher que aqui meteu quando se enfatiou, e que daqui leva porque a deseja.

– Não é assim – contrariou Cavide. – Dá-me licença que discuta com o seu injusto génio e temperamento nervoso, minha senhora?

– Discutir para quê? – obviou ela. – Se V. S^a vai dar-me razões de Estado, com o intento de justificar o modo como o Sr. D. João IV se houve comigo, eu não lhas desejo ouvir, porque as acho inúteis, e de todo em todo indiferentes para mim, e tardias para Sua Majestade. Essas razões serviriam para uma amante ofendida e irritada; ora eu, como vê, não me queixo, nem me dou por ofendida. Tudo esqueci, tudo inteiramente, compreende? Nem me lembro das ingratidões, nem dos carinhos, nem dos protestos, nem do abandono. Tudo me esqueceu!

– E não se lembrou que el-rei foi forçado a...

– Se eu lhe estou dizendo que tudo me esqueceu, como quer que eu me lembrasse que o rei foi forçado a... forçado a que... A mandar-me para este inferno?... Não, senhor – prosseguiu ela casquinando –, não, senhor, na minha última lágrima, saída do coração, saiu também dissolvida a imagem de Sua Majestade. Está V. SA espantado a olhar para mim como quem contempla uma doida! Pois que esperava o senhor e que esperava el-rei? Que eu viesse aqui purificar-me no fogo da suprema desgraça para voltar mais depurada aos braços de el-rei nosso senhor? Enganaram-se ambos; e eu, a falar verdade, também me enganei com ambos. Nem cuidei que el-rei viesse bater com uma nova afronta no peito onde está o coração que ele matou, nem esperei que V. S^a, depois de ter ultrajado a filha do tanoeiro, na tal noite fatal na estalagem do Porto, aqui viesse com as mesmas cortesias palacianas que tão primorosamente empregou na minha casa do Salvador.

– Depois do que acabo de ouvir, conluo que... – balbuciou Cavide.

– Não sairei do convento? É isso que V. S^a conclui? Quer dizer que o cárcere continua até que eu me resolva a sair da cela religiosa para a alcova de concubina real?

– Eu não disse isso... não queria dizer isso!... Que palavras! Que desatinados pensamentos, minha senhora!

– Mas responda: V. S^a tem ordem de me dar a liberdade sem condições? Posso sair daqui sem ser levada como as odaliscas negociadas para o sultão?

– Seja equitativa, Sr^a D. Maria – replicou brandamente o ministro. – Medite as suas palavras, pese as acerbos condições em que estava el-rei quando V. S^a saiu de Lisboa, pondere que a senhora não podia estar na terra onde seu marido...

Foi enforcado por ordem do meu amante? – disse ela com rispidez e desassombro.

– Por ordem da lei – objectou Cavide.

– A lei seria infame se mandasse matar um homem que viera a Portugal com a desesperada resolução de levar sua filha..

– Quem lhe disse isso, senhora!?

– Disse-o aqui nesta casa um homem, um santo, que talvez lho diga ao rei na presença de Deus.

– Esse homem de que me fala era um frade mentecapto.

– Também não quero discutir o direito com que el-rei consentiu que meu marido padecesse como o derradeiro celerado. Isso que o decida ele no tribunal da sua consciência, onde eu não quero ser chamada. Em suma, Sr. António de Cavide!... Tenho ou não tenho liberdade? Posso sair amanhã, hoje, já, deste convento?

– Pode, minha senhora, se quiser em Lisboa aceitar as explicações de el-rei. Aceite um conselho – prosseguiu ele de pronto, impedindo-a de replicar-lhe. – Vá para Lisboa; ouça el-rei; e, se ele a não convencer de injusta e ingrata, rejeite-lhe as suas homenagens, lance-o de si, diga-lhe que o não ama, que el-rei, por maior que seja a sua angústia, nunca deixará que c despeito se vingue de tão imerecido despezo.

– É escusado ir eu a Lisboa para lhe dizer que o não amo. Vá V. S^a, e diga-lho; mas não me comunique depois, nem as angústias, nem os despeitos, nem as vinganças d'el-rei. Eu cá estou engradada como a fera. Se Sua Majestade entender que é pouco,

diga-lhe que neste convento há uma pocilga sem luz que se chama o *tronco*, onde as rebeldes à regra de S. Bento são castigadas pela nudez, pelo frio e pela fome. Sua Majestade que ordene à prelada a minha remoção da cela para o tronco, e vingue-se desta sua criada, Sr. António de Cavide!

Ela fez uma cortesia de corte com o mais gentil trejeitar de cintura e braços e saiu.

– Sr^a D. Maria! Sr^a D. Maria! – exclamou o ministro, quando a porta da grade estrondeou no batente.

Encerrada no seu quarto, Maria Isabel escreveu longo tempo a João da Veiga, relatando o dialogo com o ministro; mas, levando a carta à amiga que as transmitia, a soror recusou, dizendo que sua mãe amaldiçoaria a filha que enviasse cartas de tal procedência ao irmão. Maria Isabel rogou, chorou, e ajoelhou aos pés da religiosa, prometendo ser aquela a última carta. A freira compadecida ia aceitar-lha, quando a viúva, alguns instantes pensativa, disse alvoroçada por súbito pensamento:

– Então, se tens pena de mim, não há-de ser esta carta... Vou escrever outra... só três linhas... a despedir-me... e a dizer-lhe que me deixe que eu amanhã vou para Lisboa.

– Vais?! – acudiu a freira com disfarçada tristeza.

– Vou. Teu irmão está livre de mim... e vocês, as que já eram menos amigas da infeliz Maria Isabel, também se desembaraçam do escândalo que eu lhes tenho dado com a minha desgraça.

– E tua filha? Vai?

– Minha filha!... – murmurou ele entalada. – É verdade!... A minha filha... não sei...

E saiu rapidamente de ao pé da amiga, e foi ao quarto onde sua filha costumava costurar àquela hora.

A menina voltou o rosto para ela; e, vendo-a a contemplá-la com os olhos convulsos de lágrimas, perguntou-lhe com tristeza:

– A mãe está a chorar?

– Estou, filha, estou! – e, abraçando-a vertiginosamente, beijou-lhe as faces e as mãos, articulando sufocadamente expressões de ternura.

Depois, reparando com imóvel fixidez na carta, levou a mão à testa, fez um gesto de angústia, inclinando a cabeça e gemendo um profundo suspiro. Sentou-se prostrada ao pé da filha, chamou-a para si, encostou-lhe a cabeça ao ombro, e coou-lhe ao seio dois fios de lágrimas.

Arrancando-se de salto a este lance, quase indecifrável naquele coração enigmático de mãe, foi sentar-se à sua escrivaninha, e escreveu um bilhete de seis linhas. Ergueu-se para o ir levar à irmã de João da Veiga; mas, tendo de passar pelo gabinete onde a filha estava, recuou, e foi em busca de outra saída para o dormitório. A religiosa prometeu-lhe, sob juramento, que o seu bilhete seria imediatamente entregue.

Em seguida Maria Isabel voltou para a mesa da escrita, e escreveu a seguinte carta:

Ilustríssimo Sr. António de Cavide:

Pensei. Aceito o conselho de V. S^a. Quero e desejo ouvir el-rei. Se Sua Majestade me convencer de que nem a minha felicidade nem a minha desgraça depende dele, porque os destinos é Deus que os determina, perdir-lhe-ei perdão de o haver julgado cúmplice nas desventuras conjuradas para a minha perdição. Amanhã sairei daqui. V. S^a me dirá onde hei-de ir ter quando sair desta casa. Peço-lhe que me diga se será prudente e honesto que minha filha aqui fique por algum tempo nesta casa a continuar a sua educação. Sei que ela ama estas senhoras, e é muito querida de todas.

De V. S^a respeitadora agradecida – Maria Isabel.

António de Cavide, recebendo a carta, quando estava deplorando com o ouvidor a paixão do rei por tão brava mulher, pulou de júbilo, e mostrou a carta ao magistrado.

– O Sr. Cavide não desconfia disto depois que há passado? – perguntou o suspeitoso doutor.

– De que hei-de eu desconfiar?

– Que a avezinha, em pilhando a porta da gaiola aberta, desfere voo aí para os lados da Beira Alta, e vai pousar no ombro do sargento-mor?

– O doutor não conhece as mulheres... – disse o rufião por entre frouxos de riso. – As que falam muito e rijamente como a Traga-Malhas, rompe-se-lhes a bexiga do fel; e depois, é dar-lhes alpiste que elas chegam-se ao comedouro com a mansidão de pombas. Bem lhe importa ela o sargento-mor! O palerma foi o arco de que ela se serviu para desempolgar a frecha do ciúme ao coração d’el-rei. Acertou a pontaria, e atirou o arco ao monturo.

– Homem! V. S^a veja lá em que se mete! – redarguiu o ouvidor. – Olhe que João da Veiga é um galhardo moço que desculpa a cegueira de mulheres mais isentas que a educanda do tal padre Luís da Silveira.

– Ele é rico?

– Não: é filho segundo, tem o seu soldo, e uma mesada de doze cruzados.

– Estou descansado. Maria Isabel é mulher que teve liteira, teve coche, teve palácios, pajens e aias... Nada, não tenha medo, doutor. Demais a mais, o homem foi para a Beira há oito dias, não foi?

– Eu sei lá se foi! Sei que há oito dias o intimaram.

– Mas que dúvida tem o doutor quanto à ida? Se não obedecesse, seria espingardeado dentro de quarenta e oito horas como desertor, logo que o apanhassem. Com toda a certeza, deve ter partido; e, a esta hora, está nas linhas do Alentejo.

– Mais perto está de Lisboa... Cuidado lá, ouviu? Que não vá ele, pelo menos, concorrer com o rei.

– Há-de ter bons espiões. A moira vai viver encantada nas vizinhanças do Paço de Sintra. Agora vou eu escrever ao meu mordomo para que me tenha o ninho bem tecido de folhagem e afestoado de flores, e convide todos os cantores do bosque a saudarem a chegada da filomela. Vossa Mercê não imagina os pinchos de alegria que me dá o coração no peito! El-rei, se eu lhe não levasse esta fada, estourava como qualquer mortal, sujeito a estourar de amor. Que quer o meu amigo? Nunca topou outra que o tratasse mano a mano e com a sem-cerimónia desta. Pelo que tenho ouvido da própria boca de Sua Majestade, ela, quando se arrufava, batia o lindo pé no tapete...

– E el-rei?... Consentia?

– El-rei... beijava-lhe o pé.

– Ó monarcas portugueses! – exclamou o ouvidor.

– Que está Vossa Mercê a chamar aí os monarcas portugueses!? Convença-se, amigo, de que foram assim todos... ou piores...

XXI

A resposta de António de Cavide, inspirada pela exultação, louvava o tino de Maria Isabel, quanto à reforma das suas impensadas recusas, e não menos pelo que era da educação de sua filha, naquele mosteiro, temporariamente. Sentia, acrescentava o alcaide de Borba, não poder confiar ao papel os júbilos de sua alma, satisfação antecipada às enchentes de gozo em que ia ver inundar-se o coração do mortal mais digno de ser querido – lirismo esparramado com que o lançarote indigitava cautelosamente seu real amo. Dispunha os pormenores da saída: às ave-marias do seguinte dia, se V. S^a quisesse, iria ele esperá-la na portaria do mosteiro; pernoitariam em casa do ouvidor; e, na seguinte manhã, começariam a sua feliz jornada, com tão alegres alvoroços quantas haviam sido as mágoas da outra jornada que trouxeram, dois anos antes.

Ao mesmo tempo, recebeu Maria Isabel resposta do escrito que enviara a João da Veiga Cabral. Leu-o com os olhos vivacíssimos de contentamento, e começou desde logo com febril actividade os preparativos da saída, consentindo que Ângela passasse a noite na cela da sua mestra. A presença da filha quebrava-lhe a energia, agonizava-lhe o coração, e era-lhe um como despertador pungente de voluptuoso sonho.

Fechada na sua alcova Maria Isabel costurou uma charpa de seda, modelada pela sua cintura, com algibeiras interiores que abriam a todo o circuito. O seu cacifo de jóias era preciosidade de alguns mil cruzados, herança de avós, amealhadas desde as primeiras que o Oriente enviara à sumptuosa rainha dos mares. Tirou os pingentes, anéis, manilhas, relhos e colares, e embolsou tudo na charpa, exceptuando dois brilhantes de muito valor, engastados em um par de arrecadas. Feito isto, enfardelou em uma maleta ou escarcela alguma roupa branca. Depois, queimou todas as cartas de João da Veiga, lendo as primeiras e as últimas. Finalmente, fechando cuidadosamente a charpa com as jóias em uma arca de moscóvia atauxiada de pregaria branca, foi em demanda da prelada, que a recebeu com bom ar e muita cortesia. A irmã do camareiro-mor já sabia que o desconhecido devia ser um «comissário régio», designação que hoje recende a *burocracia*, e naquele tempo e ocasião aspirava perfumes de amores. Aos olhos da prelada, Maria Isabel, amante restabelecida do monarca, social e não religiosamente falando, valia mais que Maria Isabel enclaustrada, pálida de jejuns, e mordida pelas puas dos cilícios.

Conversaram detidamente acerca da menina. Louvou a abadessa o bom acordo da mãe no deixá-la confiada a senhoras que tanto lhe queriam. Condição, porém, que Ângela não seria considerada pensionista, quando Maria Isabel lhe perguntou quanto devia estabelecer mensalmente para as despesas de sua filha.

– Se ela, no futuro, quiser ser freira, dê-lhe então o dote.

– Minha filha, se Deus não desfizer o que está feito, será rica. Eu herdei vinte mil cruzados de meus pais, e tudo que herdei está intacto. Os meus rendimentos sobram às minhas despesas. Entretanto, como não há nada seguro nesta vida senão a morte, quando venha a suceder um tufão de infelicidade arrasar o edificio das minhas esperanças, desejo que minha filha tenha seguro o dote para poder ser religiosa neste convento, se a vocação a chamar. Deposito nas mãos de V. S^a estas arrecadas, que valem mil e duzentos cruzados, o dobro, segundo ouvi dizer, do dote de uma freira de S. Bento. Se eu tiver morrido ou empobrecido, V. S^a, ou quem no futuro tiver a prelação deste mosteiro, fará vender estas pedras, e converter o produto na profissão de minha filha.

A abadessa recusava aceitar o depósito intempestivo; mas venceram-na as

instâncias de Maria Isabel, e até certo ponto uns agouros, que lá no interior futuravam desastre à fascinadora amásia d'el-rei, fundados nas particularidades que suas sobrinhas lhe contavam dos ciúmes da rainha.

Ângela, procurando a mãe, entrou quando as duas conversavam. A prelada mostrou-lhe os pingentes, e disse-lhe:

– Olha, menina, que lindas arrecadas tua mãe te dá... Vês? Gostas muito delas?

– São bonitas... – respondeu Ângela friamente.

– Queres que eu tas ponha?

– Não, minha senhora – voltou a menina. – Tenho estas a que estou afeita.

E, mostrando umas argolinhas de ouro com pingentes de corais em forma de romãs abertas, continuou:

– Foi meu pai que mas deu.

– Como ela ainda se lembra! – observou a prelada, olhando intencionalmente para o aspecto mal assombrado da viúva de Domingos Leite Pereira.

– Lembro-me como se fosse ontem – prosseguiu a menina. – Foi no dia dos meus anos. O meu pai levou-me consigo à Rua dos Ourives... e, a cada passo, me apertava muito a mão, e abaixava-se para me beijar...

Maria Isabel ergueu-se de golpe, e disse:

– Não incomodemos a Sr^a D. Abadessa, que são horas da sua ceia. Tenha V. S^a muito boas noites, e haja comigo a caridade de pedir ao Senhor que me não desampare. Estou farta de viver...

E, arrancando um profundo ai, abraçou-se na religiosa a chorar.

.....

Por noite alta, saiu da sua alcova, e passou à da filha. Ângela dormia serena como estátua de jaspe nas almofadas alvíssimas de um sepulcro. Maria Isabel tomou a lamparina do oratório, colocou-a de modo que a flama tremeluzia no rosto da menina e contemplou-a largo espaço, quanto a turvação das lágrimas lhe permitia. Quis embargar os soluços com a colcha da cama; porém a aflição romperá em trémulos gemidos. Ângela acordou espavorida, e sentou-se na cama, estendendo os braços à mãe para se assegurar de que não sonhava.

– Sou eu, sou eu, filha... – murmurou Maria Isabel – não tenhas medo...

– Eu cuidei que sonhava... A mãe que tem?...

– Deita-te, deita-te, Ângela, que eu vou-me embora...

E, de repente, curva-se para a filha, comprime-a com ânsias ao peito arquejante, e diz-lhe em convulso arrancar de voz:

– Perdoas-me? Perdoas-me, filha da minha alma?

– Ó minha mãe!... – exclamou a menina, passando-lhe as mãos pelas faces com muita meiguice.

– Perdoas-me, sim? Lembra-te sempre que me viste estas lágrimas... Olha bem para mim... Não te esqueças... E, quando te disserem que me desprezes, diz tu que me viste chorar muito, na última noite em que vim dizer-te adeus... Não te esqueças, não, Ângela, minha pobre filha?!

E, saindo pressurosamente, disse à criada que fosse para a beira da menina até que ela adormecesse.

Oh! A noite que Maria Isabel velou devia resgatá-la de parte das suas culpas na justiça, não direi já na misericórdia, do Altíssimo!

XXII

Por volta da uma hora da manhã de 10 de Maio daquele ano de 1649, rentes à casa do ouvidor estavam dois homens atentos para uma sacada do único andar do edifício. Quando uma luz vasquejou nos rótulos e recuou três vezes, João da Veiga, auxiliado por um possante barbaçudo, hasteou uma escada contra o peitoril da janela; pela qual, pouco depois, foi lançada uma escarcela de viagem; e, em seguida, Maria Isabel, transpondo destemerosa o peitoril da janela, desceu os degraus da escada com firmeza e gentil denodo. O cavaleiro, logo que a pôde receber nos braços, desceu-a amparada no seio; e ela, acingindo-se ao pescoço no amplexo dos dois braços, segredou-lhe melodiando a voz com alegre alvoroço:

– Estou livre, e tu estás meu escravo.

– Até à morte – disse ele.

Daí caminharam a pé até às margens do Fervença, que banha os muros da cidade. O criado de João da Veiga entrou no portão de uma quinta e saiu com três cavalos. Maria Isabel tremeu de subir à cela de encontros, pela feição das modernas andilhas; mas não se denunciou ignorante de equitação; apenas disse:

– Queres fazer de mim cavaleira? Má discípula te prometo...

Caminharam em trilhos péssimos: era-lhes preciso ganhar a raia de Espanha meia légua à esquerda de S. Julião, para evitarem o encontro de tropas do conde de Atouguia pastadas na fronteira.

Ao alvorejar da manhã transpunham o Manzanas, que divide os dois reinos, e ao fim de doze dias haviam feito um passeio de quase quarenta e quatro léguas, que tantas se contavam de Bragança a Zamora. Pouco mais de três léguas em dias de Maio! Não era andar pouco para amantes, sejamos cordatos. E, depois, a Primavera, aquelas madrugadas fragrantas, e as noites trinadas pelos rouxinóis das ourelas do Mistre e do Esna! Uma, duas, três noites passadas na *Barca de Manzanal*, onde a pá do barqueiro chofra na onda límpida, e esparge dos sinceirais as revoadas das arvólas! Outras duas ou três noites nos bosques de Alcaniças, onde havia um marquês, aparentado com João da Veiga Cabral, que os hospedou galhardamente, e os acompanhou a Zamora! Muito andaram eles em doze dias, se me não iludem as vagas memórias que ainda conservo de como andavam, há trinta anos, os amantes fugitivos, quando as estradas pareciam combinar-se com o amor para lhes retardar o gozo de fugirem.

Agora, deixemo-los ir. Sejam felizes, se puderem; vejam lá se conseguem ser os primeiros.

O que se passou em Bragança, pouco mais ou menos, foi o seguinte: ao arraiar da manhã, o ministro foi bater à porta do quarto do ouvidor, anunciando-lhe que era dia; que mandasse chamar as duas liteiras, é fizesse avisar D. Maria Isabel.

Chamaram-se os liteireiros, e foi uma criada tocar de mansinho, e depois mais forte, e por fim rijamente, na porta do quarto da hóspeda. Como ninguém respondia, a criada espreitou; e vendo o quarto alumiado pela claridade da manhã, bateu dois murros inúteis nas almofadas das portas. Por fim, acudiu o amo à bulha, e presenciou, com a boca e os olhos escancarados, que a janela estava aberta, e que no quarto não tugia fôlego vivo. Averiguado isto com rara subtileza, deu de murros e joelhos contra a porta, partiu-lhe a língua da chave e entrou. A cama estava como se a fizessem naquele momento; a dobra do lençol irrepreensivelmente lisa, as rendas das fronhas engomadas e lustrosas, tudo como quando a hóspeda entrara, menos a janela aberta, e menos ainda a escada petulantemente debruçada no peitoril, espreitando para dentro o ouvidor.

António de Cavide também era espreitado pela escada. O seu horror era o grau

supremo da embaçadela que põe na cara de um homem um provisório ramo de estupor. Todas as fulminações contidas em todas as apoplexias conhecidas lhe pesavam no queixo inferior. Era a bestialidade no assombro!

– Que lhe disse eu! – rosnou o ouvidor. – Ali tem a escada... Fugiu!

– Fugiu!... Agarre-se! – exclamou a sacões o alcaide-mor.

– Agarre-se?... Agora!... Nem nas botas, que ela usa chapins – disse o magistrado com extemporâneo chiste. --E sabe com quem fugiu? Com o Veiga Cabral!... Vá procurá-los a Espanha, se lhe parece...

– Providências em nome d’el-rei, Sr. Ouvidor da comarca de Bragança! – exclamou o mantieiro.

– Vão dar-se! – respondeu solenemente o magistrado.

– Mas, Sr. Ministro, lembre-se do *abyssus abyssum*: o escândalo chama o escândalo. Quererá el-rei que se assoalhem estes tão tristes quanto irrisórios casos?

– Cumpra o seu dever! Mande perseguir o desertor ç a... e a... meretriz!

– Imediatamente.

O ouvidor mandou chamar quadrilheiros, embargar cavalos, e avisar o governador do castelo. Em pouco menos de uma hora, marchavam peões e cavaleiros para a fronteira.

Publicou-se logo em Bragança a fuga de Maria Isabel com o fidalgo Veiga Cabral, e a marcha dos aguazis e soldados na perseguição do desertor. No mosteiro ia um redemoinho de hábitos e véus brancos de casa para casa, de grade em grade, a receber notícias, a ouvir o falaria das praças contra a recolhida que deitara a perder um senhor que era a alegria e o brasão da terra. As irmãs do fugitivo não saíam do coro pedindo a Deus o livramento do irmão. Diziam-lhe as religiosas, como conforto, que João da Veiga seria arcabuzada, se o apanhassem.

Houve senhoras por tanta maneira irritadas contra Maria Isabel que propuseram à prelada a expulsão da filha de tamanha devassa para que não se pensasse que, na casa de Deus, se amadurecia para a perdição o fruto de tão maldita árvore.

Ângela ouvia e percebia tudo; escondia-se a chorar, e perguntava à criada se a Sr^a Abadessa a mandaria para a mãe.

– A menina já não tem mãe – respondia-lhe a criada. – Peça a Deus que estas senhoras tenham compaixão da sua miséria.

E a criança, de mãos erguidas, pedia a Deus o que a criada lhe ensinava.

Ao fim da tarde, voltou a escolta. Soube-se que João da Veiga, com uma mulher e um criado, haviam sido encontrados em uma povoação castelhana. O almocreve, que os encontrara, era portador de uma carta do fidalgo para suas irmãs. Maria Isabel, à margem dessa carta, escrevera: *Minhas inimigas, pelo amor de Jesus que vos recomenda a caridade, amai minha filha; não lhe faleis mal de mim: deixai-a ignorar as terríveis lutas em que a mulher é sozinha a pelejar contra todo o mundo.*

As religiosas Veigas rasgaram a margem escrita por Maria Isabel, e disseram:

– Não tem vergonha!

– Forte descarada!

– Cara estanhada!

.....

Ângela expiava a ignomínia de sua mãe. As santinhas monjas, que tanto se deliciavam na sisudeza precoce da menina, afastaram-na da sua companhia. A mestra falecera, e abraçara-a na hora final, murmurando: «Infeliz anjo! Eu vou pedir ao Senhor que te chame.» A prelada, coagida por escrúpulos, entendia que a filha de tal mulher não podia criar-se para freira de ordem, onde se inquiriam costumes precedentes dos

pais das postulantes ao noviçado. Quanto ao pai, morrera enforcado como regicida; quanto à mãe, corria fadário de concubinato por esses mundos de Crista. Impossível dar o hábito de Santa Escolástica, irmã do patriarca S. Bento, à filha de semelhantes pais! Toda a gente aplaudia a prelada, e a justificava com os artigos da Regra da Ordem.

Não sabiam, porém, que destino dar à menina, quando ela perfez os dez anos.

Consultaram o ouvidor, que já era corregedor em Lisboa. António de Cavide foi consultado, e respondeu:

– Não me fale nesse canalhismo de Traga-Malhas! Diga à prelada que lhe dê uma roca e um fuso.

Foi a resposta textual do corregedor.

– Esta rapariga – optou uma freira oriunda de Minho – deve ter parentes em Guimarães por parte do pai. Se a Sr^a D. Abadessa quiser, eu escrevo a minha irmã casada em Guimarães, pedindo-lhe que indague.

– Bom será – assentiu a prelada. – Eu tenho aí os brincos que a tal doida deixou; se a pequena tiver parentes, entrego-lha, e mais os brincos, e lá se arranjam.

XXIII

António Leite, o couteiro, recebeu ordem de ir a casa do Sr. de Abadim e Negrelos, Gonçalo Lopes de Carvalho.

Falou-lhe na sala de espera a fidalga, nestes termos:

– Mandei-o chamar para responder a minha irmã que me escreveu do convento de Bragança. Pergunta-me ela se ainda vivem em Guimarães alguns parentes do infeliz Domingos Leite Pereira.

– Vivo eu, que sou seu pai, e vive minha mulher, que é sua mãe.

– Eu sabia isso mesmo. Ora agora, diz minha mana freira que no convento, onde ela está, vive uma menina de dez anos, filha de Domingos Leite...

– Filha de... – exclamou o velho com arrebatada alegria. – A minha neta vive nesse convento?!

– Com toda a certeza, e em ruins circunstâncias, porque a mãe há-de haver seis meses que fugiu com um militar para Castela, e deixou a filha abandonada à caridade das religiosas. Ora você bem sabe que as mães mal comportadas não são boa recomendação para as filhas. Minha irmã pergunta-me se, no caso que a rapariga tivesse parentes, eles queriam ir buscá-la...

– Querem, sim, minha ilustre senhora, querem... – atalhou o velho. – Eu não posso partir já, que é noite; mas, assim que romper a manhã, meto-me ao caminho, e vou mais alegre do que iria buscar uma herança de cem mil cruzados, minha senhora! Muito obrigado, muito obrigado a V. S^a Deus lhe dê as consolações que me dá a mim, quando já tinha perdido a esperança de encontrar a minha neta!

– Pois se vai buscá-la, eu lá lhe mando a casa uma carta para minha irmã.

– Bem haja, minha senhora!

O pai de Domingos Leite contou à mulher, a ímpar de júbilo, a imprevista felicidade que Deus lhe dera. A noite parecera-lhe infinita. Ao repontar da aurora, estava a caminho, cavalgando na sua égua, com outra de andilhas muito sécias, pintalgadas de amarelo e azul, destinadas ao transporte da neta. A exultação remoçara-lhe o sorriso, que havia quatro anos não lhe roçara os lábios. O espectáculo do filho no patíbulo e o fantasma de Roque da Cunha a escabujar-lhe debaixo do joelho, espancaram a visão incessante da sua netazinha, daquele rosto desconhecido que ele compusera com as feições que o saudosíssimo pai lhe delineara em Castela.

No termo de quatro dias de apressado andar, chegou a Bragança, informou-se do mosteiro, mandou a carta à freira, e esperou com ansiosa impaciência.

Conduziram-no a uma grade. Momentos depois, a primeira pessoa que lhe apareceu foi a neta esbofada de cansaço, alvoroçada, radiosa de júbilo.

– Meu avô! – exclamou ela.

O velho estirou os braços a dentro das reixas de ferro, como se pudesse apertá-la neles. Não falava: soluçava e engolia as lágrimas. Era um chorar sufocativo em arquejos de criança.

A menina encarava-o tão respeitosa e enternecida que sentia impulsos de ajoelhar diante daquele ancião de barbas alvíssimas que lhe cobriam o peito. Neste conflito, chegou a prelada. António Leite enxugou as lágrimas, e balbuciou:

– Eu, minha senhora, sou o pai de Domingos Leite, que morreu por amor desta filha que aí está. Venho buscar minha neta, e pedir com as mãos postas que ma entreguem.

– Não tem precisão de pedir, bom velho! – respondeu a abadessa. – Tu queres ir para ateu avô, Ângela?

- Sim, minha senhora.
 - E quando quer partir para a sua terra? – perguntou ao cuteleiro.
 - Hoje mesmo, se V. S^a der licença.
 - Nesse caso, menina, vai-te preparar. Estão aí duas arcas de tua mãe, creio que são roupas; onde quer que lhas mande?
 - O quê, minha senhora? – perguntou o cuteleiro.
 - Os baús de sua nora? Onde quer que lhos mande pôr?
 - Eu não os aceito.
 - Isso é singular! Pois se eles são de sua neta!
 - A minha neta não os aceita, já disse a V. S^a
 - Esta agora! Enfim, que hei-de eu fazer-lhe?! Desça vossemecê ao pátio, e espere lá sua neta, que ela vai despedir-se de algumas senhoras...
 - Ângela – atalhou o ancião –, vai beijar os pés da senhora freira que escreveu para Guimarães a perguntar pelos teus parentes.
 - Sim, meu avô... eu não tenho que despedir-me senão dela e da Sr^a D. Abadessa, e de duas criadas que me tratavam bem. As outras senhoras desprezam-me, sem eu lhes fazer mal... Mas irei a todas, se a Sr^a D. Abadessa o quer.
 - A culpa teve a tua mãe, menina!... Vai, vai... Despede-te de quem quiseres.
- António Leite esperou encostado ao raro do locutório longo tempo.
- Abriu-se a portaria. A neta pendurou-se-lhe do pescoço; ele estreitou-a ao peito, ergueu-a ao alto como se fosse uma criancinha, e parecia acalentá-la nos braços, ao som de umas palavras cortadas de gemidos. E, como se não pudesse ter-se, sentou-se em um degrau, com a neta nos braços, e murmurou:
- Deus não consentiu que a dor me matasse; não há-de permitir agora que a alegria me mate; mas se eu morrer, Ângela, irei dizer a teu pai que te vi, que te beijei, que chorei nas faces onde ele tantas lágrimas chorou.
 - Eu lembro-me.. – disse ela.
 - Lembras-te de teu pai? Tu, minha filhinha?
- A prelada chamou o avô de Ângela ao limiar da portaria; e, tirando de uma caixinha adamascada os dois pingentes que Maria Isabel lhe destinara para a profissão da filha, mostrou-os ao velho e disse:
- Estas arrecadas deixou-as em meu poder sua nora, para um fim que infelizmente é impossível. Se Ângela estivesse no caso de ser freira, estes quatro diamantes, que Valem mil e duzentos cruzados, seriam vendidos, e o produto aplicado ao dote de Ângela. Assim, tome vossemecê conta das arrecadas, e converta-as em dote da sua netinha.
- António Leite não estendia a mão a receber a caixinha que a prelada lhe oferecia.
- Aí tens, Ângela, toma as tuas arrecadas – tornou a abadessa.
- A menina estendera o braço com a mão aberta para recebê-las; mas o avô pegou-lhe do braço, retraiu-o para si, e disse:
- Minha neta não aceita!
 - O homem é esquisito! – disse a prelada à porteira e às criadas. – Então pelos modos vossemecê é muito rico? – perguntou ela sem entender a majestade daquele desapego das arcas e dos pingentes.
 - Se sou muito rico, minha senhora? – disse o pai de Domingos Seite. – Então V. S^a não sabe que eu sou cuteleiro?
 - Sei, mas...
 - Mas entende V. S^a que um homem não pode ter honra sem ter brilhantes!... Eu sou rico bastante para vestir a minha neta de linho no Verão e de estamenha no Inverno; mas qualquer das roupas muito limpas, sem nódoas, não é assim, Ângela?...

– Afinal de contas – concluiu a prelada–, aqui fico eu feita guarda-roupa e guarda-jóias da Sr^a D. Maria Isabel.

– Ela virá pedir as arcas e as jóias um dia, Sr^a Abadessa; a minha neta pede a V. S^a que as dê então como esmola a sua mãe... porque, enfim, é sua mãe.

E, reparando nas lágrimas da neta, perguntou-lhe:

– Porque choras, Ângela? Tens pena de tua mãe?

– Tenho, sim, meu avo... Ela pediu-me, a chorar, que... lhe perdoasse...

– Pois perdoemos-lhe todos... – murmurou o ancião.

XXIV

Quem procurar o propulsor involuntário dos actos que puseram Domingos Leite no caminho da forca, topa Francisco Mendes Nobre, o moço hebreu que, em Madrid, prestou ao marido de Maria Isabel as chaves dos seus dois prédios em Lisboa⁸. Se Domingos Leite não viesse então à corte resolvido a levar a filha, desconheceria o adultério da esposa com o frascário D. João; e, quando mesmo a notícia desse vulgar infortúnio o alcançasse em Madrid, não se teria dado a contingência acerba de saber o marido ultrajado, pela confidência do marquês de Gouveia, que a mulher e o amante o mandavam prender nas casas da Rua dos Vinagreiros e das Olarias.

Nesse lance, entranhou-se-lhe no ânimo a ânsia de vingar-se, e logo a tentativa na procissão de *Corpus Christi*, e por fim o plano de fugir com Ângela para Holanda, onde o esperava a valiosa e verdadeira amizade do hebreu.

Se ninguém acusava Francisco Mendes, arguia-se ele a si com excessiva severidade. Quando chegou a Amsterdão a notícia do suplício de Domingos Leite, foi tamanha a paixão do israelita, excruciam-no uns remorsos tão inconsiderados, que houveram os da sua nação receio que a tristeza o endoidecesse.

Quisera ele despontar os espinhos da mágoa, liberalizando os seus haveres à filha estremecida do amigo morto; mas, por mais que pedisse esclarecimentos aos seus amigos de Lisboa, ninguém sabia onde paravam a mãe nem a filha; apenas lhe informavam que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados, vendidos, e convertidos em benefício do fisco e da câmara real, segundo rezava a sentença, e que aos descendentes do justicado se mandaram impor as penas de infâmia perpétua, que por direito lhes eram impostas.

Francisco Mendes Nobre, lembrando-se que Domingos Leite era de Guimarães, teve modo de descobrir a existência do cuteleiro. Escreveu-lhe, oferecendo-lhe dinheiro e pedindo-lhe noticias de sua neta. Quanto à oferta do dinheiro, respondeu que o aceitaria para comprar a língua de Roque da Cunha, se Roque da Cunha vivesse; quanto à neta, deplorou-se por não poder informá-lo.

Dobraram-se os anos e cresceram as amarguras do hebreu. A mulher, que o seguira de Lisboa a Holanda, era morta. Aos vinte e nove anos, rico e estimado errava por todos os países em busca de diversões à raladora ideia do honrado marido e carinhoso pai, enforcado e esquartejado.

Impulsavam-no as saudades para Portugal; mas o Santo Ofício oferecia-lhe péssimo termo e repouso às suas mágoas.

Concorreu, no entanto, um successo que lhe abriu as portas da pátria.

Em 1649 ou 1650, D. João IV mandara levantar um empréstimo em Holanda para comprar armaria. Seis meses depois, as letras eram protestadas por falta de pagamento. Alguns hebreus salvaram a firma do rei de Portugal, pagando-as; e um dos mais generosos neste lanço de extremado patriotismo fora Francisco Mendes. Tanto a este, como a Jerónimo Dias da Costa, bem assim aos outros cristãos-novos, foi decretado o perdão e concedida licença de voltarem a Portugal. A Francisco Mendes Nobre agraciou o rei com o hábito de Crista, e a Jerónimo Dias da Costa nomeou seu ajudante. S. Domingos, envergonhado da vilania do rei falido de crédito, cobria o seráfico rosto com o capuz. Entretanto, a Inquisição, para aplacar as iras de Moloch, ia queimando os hebreus esquivos a pagar os petrechos da guerra e o salário das tropas⁹.

Em 1652, demorava em Lisboa Francisco Mendes Nobre. Admitido à convivência

⁸ *O Regicida*, pp. 124 e seguintes da 1ª ed.

⁹ Veja *Carta ao príncipe D. José*, por D. Luís da Cunha, e *O Regicida*, 1ª ed., p. 123.

dos grandes senhores, acaso ouviu falar de Maria Isabel Traga-Malhas em uma assembleia onde estava António de Cavide. Acudiu logo o cavaleiro de crista, dizendo que havia conhecido essa formosa mulher, a primeira tafula de Lisboa, ainda na companhia do marido. Referiu o mantieiro de el-rei o que podia contar sem opróbrio seu acerca de Maria Isabel, e concluiu que ela desgraçara João da Veiga Cabral, um valente moço, fugindo com ele para Castela, pelo que fora condenado à morte.

Mas está gordo, segundo me informam, não obstante a sentença – disse o ministro Pedro da Mota. – Se era cá sargento-mor, é no exército espanhol mestre de campo. D. Luís de Haro tem-na em grande estimação, e equipara-o aos seus mais valentes cabos de cavalaria. A Traga-Malhas vive em Madrid pomposamente, e lisonjeada em dobro parque, sobre ser mulher do desertor, é também viúva do homem que tentou assassinar el-rei.

– Eu ouvira dizer, se bem me recordo – interveio Francisco Mendes –, que Domingos Leite Pereira tinha uma filha... e até me parece que o vi com ela algumas vezes.

– Tinha – respondeu Cavide.

– Morreu?

– Não sei... Quando a mãe fugiu do convento com o tal Veiga Cabral, a pequena ficou no mosteiro.

– Talvez lá esteja... – disse com alvoroço o cristão-novo.

– Não está – explicou o corregedor que havia sido ouvidor em Bragança. – Essa rapariga, segundo me escreveu de lá a prelada do convento, foi para a companhia do avô, que era ferreiro, serralheiro, ou não sei quê, em Guimarães. Agora se é viva ou morta, não sei. Se é viva, e sair à mãe, há-de ser boa peça; se sair ao pai, também há-de ser cunha de bom pau.

A palestra mudou de assunto, cortada pelo alcaide-mor de Barba, que se confrangia, quando lhe espertavam recordações de Maria Isabel. Era mágoa que lhe doía no imo do peito pintar-se-lhe na fantasia a cara d’el-rei, na hora funesta em que lhe levou ao paço de Alcântara a notícia da fuga pela janela, e as insolências e zombarias caiu que a despejada mulher o injuriara e escarnecera. D. João IV mordera a polpa do beijo de baixo, expedira um rir aspérrimo, e escondera-se do rufião para esvurmar o amor e a raiva em lágrimas e trejeitos.

E nunca mais, entre o rei e o ministro, se falou de Maria Isabel.

Havia umas dores que prevaleciam às do coração ludibriado: eram as da pedra na bexiga, e as da gota nos artelhos reais

XXV

Ângela iluminou de contentamento a casa lúgubre onde nascera seu pai. A avó, que a tristeza regelara e encolhera a um canto da lareira, absorvida na imagem do filho, desde que viu a neta, fiel retrato dele, sentiu nas artérias, com os estímulos da alegria, uma vitalidade remocada.

Fez-se naquela casa a ressurreição do filho redivivo em Ângela. Os velhos cuidaram em dar à neta os possíveis regalos domésticos. Prepararam as ruínas, calearam as paredes encarvoadas da fumaça das forjas, desbravaram o quintal em que haviam murchado as plantações de Domingos, deram à neta o quarto renovado em que dormira o filho, esmeraram-se na delicadeza das comidas para que a menina, afeita a bons manjares, não estranhasse; enfim, como a viram muito entretida a ler nos velhos livros de seu pai, não a desviaram desse recreio para as lides grosseiras da casa.

Ângela, à volta dos doze anos, prometia extraordinária beleza, sem todavia se parecer com a mãe. Domingos Leite havia sido a gentileza varonil mais peninsularmente acentuada. Era moreno e anguloso de rosto; no brilho coruscante dos alhos e na finura aquilina do nariz dava a lembrar a raça hebraica. A filha herdara-lhe as linhas proeminentes, a cor trigueira, o fulgor dos olhos, o conjunto da harmonia ou desarmonia que forma umas certas belezas que, a um tempo, fazem enlevos na alma e ardores no sangue.

As fidalgas de Guimarães, quando a viam na missa e nas festas, buscavam ocasião de a ouvirem, enquanto os fidalgos aproveitavam o ensejo para a verem. Tinha ela um conversar atilado e melancólico. Se indiscretamente lhe falavam na mãe, ou lhe perguntavam por ela, abaixava os olhos, e não disfarçava subterfúgios: retirava-se, e evitava o encontro de pessoas que fazem ofício de caridosas para dar pretexto às lágrimas das infelizes que lastimam.

O templo, a casa, a leitura e alguns passeias ao campo, em dias santificados, eram o agradável viver de Ângela.

Em um desses passeias, escolheram o soute de castanheiros que cobria o vale por onde corre a estreita rua que entra em Guimarães com a estrada do Porto. Era por aí mesmo nesse tempo a estrada que levava da ponte de Negrelos ao berço da monarquia.

Chegados ao soute, ao cair da tarde, viram ao longe uma liteira com os dois criados a cavalo.

– Aquilo deve ser grande fidalgo! – observou António Leite.

– Será talvez o senhor de Abadim – disse Ângela.

– Talvez seja o Sr. Rui Pinheiro, que vem de Barcelos a Visitar os seus vínculos... – conjecturou o velho.

E esperaram sentados no recosto de um valado.

Aproximou-se a liteira. O viandante mandou parar a liteira. Os criados apearam a receber as ordens.

Francisco Mendes Nobre saiu da liteira, e, descobrindo-se diante do velho que se erguera, disse:

– Peça-lhes o favor de sentarem-se.

– Estamos bem, senhor – disse António Leite.

Francisco Mendes encarou fixamente Ângela, a termos de a fazer corar e descer os alhos.

– Esta menina – disse o hebreu – não é a filha de Domingos Leite Pereira?

– E, senhor – respondeu o avô.

– Vi o pai nas feições dela. Eu desejo abraçá-la; mas é mister que eu

primeiramente diga quem sou. Talvez se recorde, Sr. António Leite, que há três anos e meio lhe escreveu de Holanda um homem chamada Francisca Mendes Nobre.

– Muita bem recorde; minha neta já muitas vezes leu a carta de Vossa Mercê. Dá-lhe um abraço, Ângela...

Francisco Mendes, apertando-a ao seio, disse:

– Assim abracei seu pai, e sinto ainda no rasto o ardor das lágrimas dele. – E depois que a menina voltou escarlate de pejo para junto da avó, Francisco Mendes disse ao couteleiro:

– Bem. Vamos daqui, Sr. Leite. Eu venho de Lisboa a visitá-los; espero que me não recebam a visita neste castanhal.

– Muito me honra e alegre Vossa Mercê; mas terei eu casa digna...

– Tem, pois não tem?! Um amigo de Domingos Leite achará sempre na oficina do honrado couteleiro duas tábuas sobre que repouse.

– Há-de ter duas tábuas e uma manta – acrescentou o ancião. – Eu fazia-o mais velho cá na minha imaginação! Quantos anos tem?

– Vinte e nove. Tinha vinte e três quando conheci seu filho em Madrid, quero dizer, quando o conheci para o estimar coma se estima um irmão; quanto a conhecê-la, muitas vezes o vi em Lisboa com esta menina pela mão, assim pequenina, com os cabelos em trancinhas pelas castas, e uns chapins escarlates... Isto me parece que foi ontem; e de então para cá envelheci... A minha mocidade morreu quando seu filha foi assassinado... Silêncio! Não venho aqui pedir lágrimas a corações que já não podem tê-las... Perdoe-me... – disse comovido, apertando as mãos à mãe de Domingos Leite.

Debalde quis o hebreu divertir o espírito para outros assuntos. Dali até à Rua da Infesta, falou sempre em Domingos Leite, referindo par miúdos todas as palavras que lhe ouvira a respeito de sua filha. Em Maria Isabel não falou nunca, nem lhe falaram nela. Emudecera-os um santo melindre, que de ambas as partes denotava primorosas almas.

Liteireiros e lacaios albergaram-se na estalagem da terra; Francisco Mendes foi habitar o quarto chamado do Sr. Fr. Gaspar. Era ali que se alojava o irmão de António quando vinha a Guimarães espairer saudades da família, dos seus arvoredos, e dos seus conventuais franciscanos com quem noviciara.

Atentando na limpeza com que viviam, na abastança da mesa, e lavar activa da oficina, o hebreu concluiu que António Leite era remediado. Frustrou-se-lhe assim o propósito de lhe oferecer ou dar delicadamente recursos.

– Eu poderia fechar a oficina – disse o velho, passados alguns dias de hospedagem – porque tenho para aí amealhados uns tostões, que bastariam para o passadio de dois velhos em fins de vida; poderia, graças a Deus, mas tenho esta neta, e é preciso arranjar-lhe um dotezinho...

– Não é – interrompeu Francisco Mendes.

– Não é? Pois Vossa Mercê não sabe que ela é pobre!?

– Sei que é rica.

– Rica! Do pai nada tinha que herdar; da mãe nada herdaria, ainda que a mãe viesse a morrer rica. Donde lhe há-de vir?

– Do homem em cujo coração Domingos Leite deixou gravada a obrigação de lhe adoptar a filha. Esse homem sou eu. O dote de Ângela será maior que os vinte mil cruzados que seu pai esperava deixar-lhe, se a fatalidade o não abatesse quando a fortuna o tinha levantado tanto. Sua neta é rica, Sr. António Leite. No dia em que se lhe deparar marido digno dela, serei chamado para ditar a escritura; e, se eu já não viver, o dote de Ângela estará seguro em poder do meu testamenteiro. Agora, uma súplica: não diga a sua neta que eu lhe ofereci dois punhados de ouro que muitas vezes são dois

punhados de lama petrificada que as lágrimas hão-de diluir. Não lho diga para que ela não se considere dependente de um estranho; não o diga a ninguém para que os ambiciosos lhe não ponham cerco à sua inocência. Quando ela, passados três ou quatro anos, escolher um homem, cujo dote seja a probidade e a virtude no amor, então lhe dirá que é rica, para que ela não recuse a mão do homem honrado e pobre.

António Leite enxugava os olhos marejados de gozoso pranto, abraçava-o ternamente, e dizia:

– Não, meu querido amigo, eu não quero a minha neta opulenta, assim como não agourei bem da riqueza de meu filho. Eu penso em casá-la com um homem do meu ofício; dar-lhe esta casa, e alguns centos de mil réis com que ela possa resgatar umas terras que empenhei, quando fui levar dinheiro a Madrid ao meu Domingos, e quando depois fui a Lisboa... sim... quando fui a Lisboa... depois que morreu meu filha...

– Então vossemecê, depois da morte de seu filha foi a Lisboa?... Que ânimo... que intento o levou? Procurar sua neta, provavelmente...

– Sim, eu procurei minha neta; mas... não era isso que me levava a Lisboa... Meu filho pedia vingança...

Consoavam as pupilas da velha, incendiavam-se-lhe as maçãs do rosto, crispavam-se-lhe os beiços, e os braços estiravam-se-lhe trémulos ao longa do tronco. Francisco Mendes via-a assim a desfigurar-se, e entrou-se do receia de uma apoplexia.

– Que é? Que tem, Sr, António? Sente-se mal?

– Não senhor... Não tenha nada... Não está ninguém na saleta? Veja... vá ver...

– Ninguém...

– Venha cá... venha ao meu quarto...

Francisca Mendes seguia-o ainda temerosa de algum assalta de sangue à cabeça.

António sentou-se na borda da sua cama, e prosseguiu murmurando-lhe em segredo:

– O Sr. Mendes soube que meu filha foi levado à força pela mão de um homem a quem ele chamava amiga?

– Sei – respondeu o israelita, mais confiada na serenidade do velho. – Conheci em Lisboa e em Madrid esse infame Roque da Cunha que mataram...

– Matei-o eu! – exclamou cavernosamente o cuteleiro.

– Foi a Sr, António? – tartamudeou o hebreu.

– Matei-o eu... com esta faca!

E, tirando dentre o catre e o enxergão o cutelo, prosseguiu:

– Veja... Aqui tem o sangue da traidor... Fui eu... assim...

E fez o gesto de dobrar ajoelho sobre a agonizante.

– Foi assim... numa estrebaria, porque não pude enforcá-la na praça pública... O senhor horroriza-se? Não vê que eu era pai! Que só tinha aquele filha, que morrera inocente! Que fora Roque da Cunha quem o pusera nas mãos do carrasco!... E depois, senhor, não sabe que o rei encheu de beneficias, de riquezas, de pompas o traidor! E que eu não via a justiça de Deus nem a dos homens vingar meu pobre filho, que apodrecera espetada em varas nas esquinas das ruas... Que havia de eu fazer, Sr. Francisca Mendes? Eu, que tinha um braça ainda forte, que tinha esta faca, e a desesperação na alma... que havia eu de fazer, santa Deus!

– Eu não o censura, Sr. Leite; admira-o com assombra de homem nascido em tempos tão degradadas de heroísmo! – disse Francisca Mendes. – Mas que desgraça! Sr. Leite, que desgraça, se o descobrissem, se o rojassem no rasto de sangue do seu filho!... Matar um homem no meio de uma cidade, matá-lo, e salvar-se!... Foi um prodígio! A providência cobria-o com a bandeira da justiça... Parece que neste mundo há perversos que Deus se peja de julgar na seu tribunal... Esses, quando a infâmia dos julgadores os

salva, permite Deus que morram muitas como Roque da Cunha!...

XXVI

Em quinze dias de convivência, o hóspede granjeara a estima de Ângela e a paternal afeição dos velhos. A descerimoniosa facilidade do hebreu opulento não dava azo a constrangimentos nem sequer cuidados. Francisco Mendes regalava-se com os ares sadios, com os copados arvoredos, com os monumentos da anciã Guimarães, cuja população e actividade naquelas eras corria parelhas, se é que não se avantajava às do Porto. Dizia ele que, a demorar-se em Portugal, edificaria casa em Guimarães; mas receava que, falecido D. João IV, os hebreus que lhe acudiram nas pressas de dinheiro seriam outra vez perseguidos para acudirem aos apertos do sucessor na coroa vacilante e arriscada à sorte de uma batalha decisiva.

Ao fim de dois meses, Francisco Mendes Nobre anunciou a sua próxima ida para Lisboa. António Leite não lha impugnou porque já se maravilhara da condescendência do hospede. A velha encarou a filha¹⁰ com sobressalto. Ângela ergueu os olhos para o avô, esperando talvez que ele perguntasse a Francisco Mendes se não pertencia já à família onde era tão querido de todos. Porém, contra a sua expectativa, António Leite aprovou que o seu amigo se fosse às grandes terras onde havia regalos e divertimentos; ao passo que o Inverno em Guimarães era somente sofrível a quem o passava no escabelo da lareira, assando castanhas, com o pinchel do verde sobre a trempe da lareira... Além de que...

Ângela ouvia desgostosa o avô, e não teve mão de si que não o atalhasse:

– Mas o Sr. Francisco Mendes não há muito que... – e susteve-se retida pelo rebate do pudor.

– Diga, diga, Ângela! – pediu o hóspede.

– Dize o que ias dizer... – instou o velho.

– Não há muito – obedeceu Ângela, entre tímida e risonha – que o Sr. Mendes dizia que, se ficasse em Portugal, havia fazer casa em Guimarães, porque se dava muito bem nesta terra...

– E verdade que disse – confirmou o hebreu.

– Então... depressa mudou... – redarguiu ela, animada pelo sorriso dos avós, que folgavam de a ouvir censurar com tal razão a versatilidade de Francisco Mendes.

– Não mudei, menina – replicou ele, interiormente regozijado da contenda. – Vou a Lisboa; mas volto na Primavera.

– Pois é o que eu disse – justificou o velho –, quem está afeito à corte não pára aqui os Invernos. Os fidalgos de Guimarães quase todos para lá vão neste tempo, e por lá arruinam as suas casas. É o que tem dado cabo da maior parte das famílias antigas desta província. Dizia meu pai que no tempo do Sr. D. Sebastião os senhores dos paços, que eram muitos por esse Minho, se foram todos a Lisboa, por lá ficaram, e as casas acasteladas por aí estão cheias de malvas e ortigas. Agora mesmo se vai vender a casaria do Sr. Frutuoso de Freitas, que foi um morgadio daquela casta, criado há mais de cento e cinquenta anos, dizia meu cunhado Fr. Gaspar de Santa Teresa – Deus lhe fale na alma – por um grande senhor chamado D. Gonçalo Lobo, que está sepultado em S. Gens de Monte Longo. Estes senhores Freitas esbandalharam os seus patrimónios lá por Lisboa, e agora vendem a sua casa do Toural.

– Pois se eles vendem a sua casa do Toural – disse Francisco Mendes –, vá vossemecê cuidar de ma comprar, que então por aqui ficarei o Inverno.

– Então não tem a nossa casa para passar o Inverno?! – perguntou Ângela.

¹⁰ Lاپso de Camilo: «filha» por «neta». (Nota do editor da 7ª ed.)

– Responda já, Sr. Mendes, à espevitada da minha neta – disse o velho a rir.

– Respondo, sim – redarguiu, embaraçado, mas alegre –, eu tenho esta casa; mas não me convindo ter outra fechada em Lisboa, mudo para aqui as alfaias que por lá tenho; demais a mais, estão aí os meus criados e cavalos em muito má pousada; convém-me ter casa acomodada, visto que hei-de provar à Angelazinha que não vario tanto que mereça a sua acusação de mudável. Para a desmentir, fico em Guimarães, ouviu? Mas, tendo eu casa minha, há-de haver muito quem repare na esquisitice de ser hóspede em terra onde sou proprietário, não é verdade, Angela?...

– Sim, isso é razão – aplaudiu o avô. – Olhe, Sr. Mendes, enquanto Vossa Mercê estiver aqui neste casebre da Rua da Infesta, ou além no palácio do Tournal, hei-de sempre cuidar que tenho em Guimarães tudo que ainda me faz pensar que meu filho não morreu de todo. Compre Vossa Mercê a casa, se quiser; vá viver nela, e venha estar connosco todos os dias uma migalha de tempo; que eu também, em despegando cá da faina das forjas, lá irei, e mais a minha neta, porque a pequena vezou-se às coisas que Vossa Mercê lhe conta lá desses remos estrangeiros; e, se se vê sozinha connosco, fica para aí estarecida. Eu bem me lembro que o pai dela, quando ia também nos treze anos, já não queria conversar senão com estudantes e sábios; fugia-me de casa para o frade boticário de S. Francisco e ninguém o tirava de cima dos livros. Tudo se há-de compor... Eu não lhe dou tempo a mudar, Sr. Mendes; vou já daqui procurar o Sr. Frutuoso de Freitas, e saber quantos mil cruzados lhe custará a Vossa Mercê a casa e a quintazinha que é terra que dá açafão.

Realizou-se a compra sem delongas. O escudeiro de Francisco Mendes foi a Lisboa, e voltou ao Porto nos iates fretados de alfaias com as quais a casa de Tournal foi trastejada pomposamente. O cavaleiro da Ordem de Cristo, transferindo-se com a sua liteira, coche e parelhas para o restaurado palacete, tornou-se digno de ser visitado pela copiosa fidalguia de Guimarães, gente sonolenta com o gravame do grosso sangue suevo e gótico, a qual folgava de cabecear refastelada nas espaldas almofadadas daquelas cadeiras do hebreu, nunca vistas na terra de Afonso Henriques.

Aconteceu, um dia, concorrer o couteleiro com os Carvalhos, senhores de Negrelos, com os Machados, senhores de Vila Pouca, com os Lacerdas, senhores de Pouve, com os Fagundes, senhores dos morgadios do bispo D. Manuel Afonso da Guerra, etc. O hebreu ergueu-se da sua cadeira, e fez sentar nela o pai de Domingos Leite Pereira – o regicida –, de quem o cronista Fr. Francisco Brandão dissera *que Guimarães se envergonhava de ter produzido tal monstro*. Os fidalgos, desde este conflito do brasão com o cutelo, dispersaram; e os mais espertos pegaram de rosar que o ricaço da seita judaica, se ia à missa, era para encontrar a neta do couteleiro, e acompanhá-la a casa com as cortesias e cerimónias dignas das Sr.^{as} Sodrés, das Sr.^{as} Lagartas, e das Sr.^{as} Pregos, tudo fidalgas da terra, oriundas das antigas Gozendas e Trucuzendas, Urracas e Ouroanas.

XXVII

Quando Ângela perfazia catorze anos, recebeu uma carta de sua mãe, enviada de Madrid. Esta carta fora remetida à fidalga de Negrelos pela irmã religiosa em Bragança. Confidenciava a freira à irmã que, no mosteiro, se haviam recebido outras cartas de Maria Isabel para a filha; mas que a prelada as abria, lia e rasgava, dizendo que era pecado ligar, por meio de cartas, a rapariga inocente com a vadia da mãe. Acrescentava a religiosa que, por acaso, estando à portaria, recebera aquela última carta, vinda de Espanha por mão própria de um soldado desertor, o qual lhe dissera que o mestre de campo João da Veiga Cabral se havia recebido à face da Igreja com Maria Isabel. *Maior motivo* – concluía a soror – *para que eu remeta à filha a carta de sua mãe, que já não é o que era, Graças a Deus!*

Ângela entregou a carta a seu avô, que não a quis abrir. A menina, sem ordem dele, não ousava obedecer ao coração que lhe segredava: «É tua mãe que te escreve.» Estava presente Francisco Mendes. Lançou mão da carta e disse:

– Porque não? Leia a carta de sua mãe, Ângela. Toda a infelicidade é uma expiação. Expiar é satisfazer à justiça de Deus, e o perdão de Deus principia com o castigo. Quem nos perdoará, se não perdoarmos?

Ângela abriu a tremer a carta, e leu-a mentalmente, revelando no rosto alvoroços de prazer. Depois, entregando-a a Francisco Mendes, disse:

– Leia... Não estou triste... verá...

A carta de Maria Isabel dizia:

Minha filha. Neste e no ano passado te escrevi todos os meses. Se algumas cartas não passaram das fronteiras, sei que algumas chegaram ao convento. Se tas não entregaram, praticaram uma inútil maldade; se as leste, e me não respondeste, permita o Céu que as tuas filhas não venham a vingar tua mãe. Decerto esqueceste, Ângela, aquelas lágrimas que eu tanto e de joelhos te pedi que não esquecesses...

Tens hoje catorze anos. Deves ter coração e inteligência para me entender. Aos dez anos, a tua razão era uma aurora a nascer clara e brilhante; hoje deves ter na alma, se não te houverem escurecido o entendimento, a luz que te guie através dos abismos por onde o destino me arrastou.

As minhas desgraças decerto as sabes, porque ninguém teria comigo e contigo a caridade de as ocultar. Se ao teu lado estivesse uma mulher que tivesse padecido, essa te diria que neste mundo há torturas que, se alguém devesse ser acusado por elas, a vítima decerto seria absolvida. A mim, filha, perderam-me. Eu nasci boa, tímida, religiosa até ao fanatismo. Quando tinha os anos que tens hoje, era tão digna de Deus como os anjos mais reveladores da sua glória. Mas Deus permitiu que todas as minhas crenças e virtudes fossem despedaçadas. Rodearam-me as perfídias, ilaquearam-me os laços da desgraça que eu não podia desfazer. Fizeram de mim o que... Basta, minha filha; este pudor de mãe dá-me recordações e santo orgulho de outro pudor que é esse que sentes ao ler estas linhas.

Nas cartas a que não respondeste ou que não recebeste, minha filha, te dizia eu que o dia de voltares para tua mãe não estava longe. Agora te digo que essa felicidade, pedida a Deus, ma concede a honra que teu padraсто me deu a mim ligando-me ao seu ilustre nome, e o amor com que de ti me fala, considerando-te sua filha. Se esta carta não te é entregue pela pessoa que te há-de conduzir à fronteira, onde hei-de ir esperar-te, é porque não conseguimos ainda licença do general, que aí governa a província, a tua passagem na raia. Teu padraсто, que é mestre de campo no exército espanhol, foi

condenado à morte em Portugal; e o ódio que ai lhe têm impede que eu não possa ainda sentir-te nos meus braços como te sinto na viva saudade do coração; porém...

– Basta! – exclamou António Leite, não podendo sufocar a cólera. – Basta, Sr. Mendes! Não consinto que minha neta responda a essa carta! – E, arrancando-a da mão do hebreu, rasgou-a, e lançou pela janela os fragmentos. – Pois essa mulher – prosseguiu o velho arrebatado – cuidaria que me levava a neta, a filha de meu filho!... Essa devassa pensava que...

– Sr. António Leite – interrompeu Francisco Mendes –, note que a mãe desta menina ignora que ela está em casa de seu avô; presume que está no convento; pensa em levá-la para sua companhia, porque não sabe que os seus avós a recolheram. Não acho justos os motivos da sua irritação. O que me parece acertado é não se afligir por tão pouco, e conceder a sua neta que lhe responda, agradecendo-lhe o amparo oferecido, sem o aceitar, visto que se acha feliz na mediania em que vive.

– Não consinto que lhe responda! – sobreveio mais desabridamente o pai de Domingos Leite. – Se a minha neta me quer matar, que o faça como essa mulher fez a meu filho, que se vá para a mãe; mas que me não receba cartas dela a falar-lhe do amor do padrasto. Pois essa loureira de padres, de reis e desertores cuidará que está hoje bastante lavada das suas infâmias para receber uma menina de catorze anos em sua casa?!

Francisco Mendes Nobre, avincando a testa, quando o velho irado proferia aquelas expressões indecorosas na presença de sua neta, e contra sua mãe, fez-lhe um gesto de silêncio, e tomando-lhe o braço saiu com ele de ao pé de Ângela.

– Não se proferem semelhantes palavras diante de sua neta, Sr. Leite – disse o hebreu.

– Tem razão... – balbuciou o velho, repeso da imprudência. – Eu nem reparei que a minha Ângela estava ali.

– E, quando mesmo sua neta ali não estivesse, deveria vossemecê abster-se de acusar tão duramente Maria Isabel.

– Duramente! – clamou António Leite. – Vossa Mercê desculpa essa vil..

– Desculpo essa desgraçada – rectificou o hebreu.

– Então que conceito hei-de eu ter da sua amizade por meu filho, Sr. Mendes?! – acudiu espantado o velho.

– Tenha o conceito que seu filho teve, quando me disse que, se pudesse ir para Holanda com Ângela, diria a sua filha que eu o salvara a ele da morte e a do opróbrio de sua mãe.

– Que mais quer? Aí tem a conta em que meu filho tinha a mulher! Pois sabe doutra mais digna de desprezo?

– Não sei quem são as desprezíveis; e o que sei é que são muitas as desculpáveis. Vejamos o que tem sido Maria Isabel... Quer-se recordar, Sr. Leite?

– Eu lhe conto a vida dela.

– Não, que a sei. Seu filho não me ocultou a maior nem a menor das suas desgraças. O primeiro, o fundamental infortúnio de Maria Isabel, não se chama delito. Ia nos quinze anos. Não se diz que uma mulher se desonra quando ainda se lhe não alumiu a consciência da honra. Se ela delinquisse, se a sua desgraça pudesse chamar-se crime, que nome daríamos à perversidade do homem que seus pais lhe deram como mestre?

– Mas aceitou meu filho como esposo.

– Cegou-a o amor de seu filho, a ponto de não se ver a si mesma. Não previu os resultados de um desastre em que o coração fora estranho. Cuidou que a alma sem

nódoas preservava também o corpo dos vestígios da culpa. Depois, como os olhos da razão lhe fossem abertos pelas desconfianças do marido, a desgraçada defendeu-se primeiramente com a mentira, depois com as lágrimas, e por fim com a confissão da sua involuntária queda. Que se seguiu? Roque da Cunha matou o padre, seu filho não se esconde da cumplicidade desse feito aos olhos da esposa, ela teme-o, mas não lhe foge, quer segui-lo a Castela, roja-se a suplicar-lho e ele repulsa-a, já lhe concede a filha para que a leve, a menina olha com dor para a mãe, diz não sei que expressões enternecidas, e seu filho vai sozinho para Espanha. Maria Isabel esforça-se por passar a Madrid com a filha; quer vender os bens, pede protecção ao marquês de Gouveia, que não lha dá, vai pedi-la ao rei, que se coloca na mesma linha do padre Luís e lhe abre a segunda voragem. O rei, pela boca do ministro, levanta-lhe maiores dificuldades para passar-se à companhia do marido. O próprio D. João lhe diz que Domingos Leite apregoara em Madrid a sua queda, e as ignóbeis relações de solteira com um padre assassinado. Apertam-na, cerram-na, abafam-lhe no coração os alentos da dignidade. A infeliz sucumbiu num deslumbramento que bastaria a fazer cair mulheres da mais alta linhagem rodeadas dos poderosos esteios dos respetos públicos. E ela estava só, ultrajada, desprezada, e alvo de chocarrices dos fidalgos que a encontravam nas ruas. Para uns era rascoa do clérigo; para outras era a mulher do ex-escrivão do cível que se passara a Castela desonrado a ver se mesmo assim o lá queriam à mingua de traidores espertos. Eu vivia em Lisboa nesses dias, e escutava indiferente a voz da canalha, que vestia saragoça, e da outra canalha que se ajazava com perpões de seda e casacas de Holanda. A expiação de Maria Isabel agravou-lha o terror de ser assassinada pelo marido. Valeu-se do rei para que a defendesse. Se ela estivesse a esse tempo defecada do vício pelo remorso, iria oferecer-se ao punhal do esposo ultrajado. Teríamos então uma quase santa, e não uma mulher trivial como são noventa e nove mulheres onde está uma assembleia de cem. A hora da sua expiação ainda não tinha soado. Começou quando o rei a fez encerrar num convento. As torturas que precederam a fuga do mosteiro não as sei; mas o que tenho colhido das revelações de Ângela é que sua mãe sofrera aviltadores desprezos, e atravessou horrendas noites depois que Fr. Gaspar entrou à casa capitular apontando-a como carrasco de seu marido. A fuga do convento com um homem, pode ter sido um acto de desesperação ou talvez fosse o efeito de uma paixão. Como quer que fosse, a mãe de Ângela não praticou as asquerosas torpezas que assinalam nobilíssimas mulheres que pisam tapetes do paço. Não lhe avultemos as infâmias: até por piedade de sua filha não lhas devemos encarecer. Diga vossemecê a sua neta que a esposa de seu pai foi vítima de uma cadeia de fatalidades de que não podia resgatar-se, sem o auxílio de um amigo. E ela não teve só um. Quantos se aproximaram dela conspiraram em perdê-la.

António Leite, ouvida a generosa desculpa, com a fronte apoiada nas mãos, deteve-se reconcentrado até que o hebreu, tocando-lhe na espádua, prosseguiu:

– Não é isto verdade, meu amigo? Que lhe diz o seu coração?

– Que meu filho foi enforcado no dia 21 de Agosto de 1647. O meu coração não me diz mais nada.

XXVIII

– Lidei muito e sofri muito... Vou nos setenta anos... Nenhum homem com os meus trabalhos chegava a esta idade... Agora, sim, conheço que é chegada a hora, meus amigos...

Assim falava o couteleiro a Ângela e Francisco Mendes, em 1654.

Estava sentado no leito, em que a enfermidade o prostrara. Sua mulher entrevecera, entanguira-se no marasmo, perdera a memória das dores e a sensibilidade moral, esquecera-se de si mesma, não tinha passado nem futuro. Pode ser que ela ouvisse o marido; mas como a toada remota de vozes ininteligíveis. Desde a morte do filho, a noite do sepulcro envolvera-lhe a alma. Assim que deixou de chorar, também a luz da razão, quase apagada pelas lágrimas, apenas bruxuleava por um milagre de amor à sua neta.

O velho, desde o leito, olhava para a sua companheira dos cinquenta anos trabalhosos e acerbos de sua vida, e dizia-lhe:

– Cá ficas ainda, pobre mulher; mas não hás-de ser tu quem me há-de fechar os olhos!... Serás tu, Ângela, quem amortale a tua avó... Mal sabes tu que martírios queimaram aquele peito de mãe e de esposa... Quando eu voltei de Lisboa, há seis anos, Sr. Francisco Mendes, ela abraçou-me a rir e a chorar... Chorava e alegrava-se porque me via, e esperava que eu lhe dissesse que o filho não era morto... Depois chorou muito, ficou aí morta ao canto da lareira, e ressuscitou nos braços de Ângela. Ai ta deixo, filha... Nada de lágrimas, ouviram!? Ai ta deixo, e... que farás tu, quando te faltar a companhia desse cadáver!? Vamos a saber, Sr. Francisco Mendes... Há muito que não falamos de Angela... Aí está a minha oficina, que ainda é a mais afreguesada de Guimarães... Seria bom conservá-la enquanto os melhores oficiais não mudaram de rumo... Se a trespassares, não faltará quem ta pague vantajosamente. Nesta arca em que está sentado o Sr. Francisco Mendes tenho as economias de seis anos. Se queres entrar em algum convento, Ângela, chegar-te-á o que aí tens para dote. Não te peço que o faças, nem te desvio, se o queres fazer...

– Seria triste!... – murmurou o hebreu.

– O quê, Sr. Mendes? – perguntou o enfermo.

Seria triste que os meus amigos ambos me fugissem, o Sr. António Leite para a sepultura e Ângela para o convento!... Eu, que não tinha família, e vim aqui buscá-la, e me afiz a julgar-me tão amado como filho e como irmão, quando a morte e a religião me levarem o pai e a irmã, onde irei? Voltarei pelo caminho do desterro, e de lá direi a Ângela as felicidades que encontrei...

– Eu não vou para convento nenhum... – atalhou Ângela, assalteada de repentinas lágrimas. – Nunca imaginei que nos havíamos de separar... Também eu lhe chamava irmão, Sr. Francisco Mendes, e o via sempre aparecer-me, se pensava que meu avô me faltasse um dia... Quando essa desgraça acontecer, hei-de pedir-lhe que me proteja como órfã e como filha do seu infeliz amigo...

António Leite passou a mão pelo rosto da neta e disse-lhe, sorrindo:

– Olha, minha Ângela, vou dizer-te um segredo... Não quero morrer sem que o saibas... A tua orfandade não há-de durar muito tempo... És muito rica, e às órfãs ricas é permitido escolher o marido que as conforte das saudades de pais e avós. És muito rica... Pergunta ao Sr. Francisco Mendes quanto soma o teu dote...

O hebreu encarou agitadamente o velho, enquanto Ângela, não menos inquieta e estranha, esperava a resposta de Francisco Mendes.

– Diga o dote que tenciona dar a minha neta para ela se casar, Sr. Mendes –

tornou o velho.

– Para eu me casar!? – acudiu Ângela com as faces iluminadas de pudor e sobressalto aflitivo, desviando a vista do hebreu, que a olhava muito a fito.

– Não me disse que lhe reservava mais de vinte mil cruzados? – instou o cuteleiro.

– Disse e cumprirei – titubeou o israelita. – Vossemecê é que não cumpriu a sua promessa.

– É verdade que não cumpri; mas quem diria a minha neta que ela é rica, se não fosse eu?...

– Não, meu avô – atalhou Ângela entre humilde e altiva –, eu sou pobre... O Sr. Francisco Mendes não terá ocasião de praticar a virtude de me dar um marido que custe os vinte mil cruzados... Irei para o convento, se meu avô me deixa escolher o meu destino.

– Não, Ângela, não irá para o convento, se seu avô me encarregar do seu futuro – disse Francisco Mendes comovido, com a mão de Ângela nas suas. – Eu tenho querido escutar os íntimos silêncios da sua alma; nunca ousei pedir-lhe que a deixasse falar alto; mas, agora, na presença de seu avô, e pelo descanso eterno da alma de seu pai lhe rogo que me deixe ver o que eu sou no seu coração... Fale...

– O quê, Sr. Mendes? – balbuciou ela, fitando-o e logo fugindo-lhe do penetrante olhar.

– Diga-me se, assim como me preza como irmão, me aceitaria como esposo...

Ela ergueu para ele os olhos aguados de súbitas lágrimas, e não pôde exprimir a palavra que lhe tremia nos lábios.

O ancião estendeu os braços convulsos para Francisco Mendes, apertou-o ao peito, e soluçou em vozes cortadas:

– A minha neta já respondeu; há muito que me respondeu a mim a essa pergunta... Eu já sabia, Sr. Mendes, que ela o adora... Eu lha dou em nome de meu filho... A sua alma está entre nós... Eu não tardo a ir dizer-lhe que abençoei a vossa união, quando só me restavam forcas no braço para vos abraçar, meus queridos anjos... Vai, Ângela, vai ver se a tua avó pode perceber que te deixamos tão feliz; dize-lho; Deus há-de querer que a pobrezinha tenha ainda esta alegria no fim da vida...

O cuteleiro, sufocado pela crescente comoção, encostou a face ao ombro da neta e murmurou a custo:

– Se esta alegria me não acabar, meus filhos, Deus há-de querer que eu ainda viva algum ano mais... Porém, se eu morrer, não me choreis, que as felicidades, que me faltaram em tão longa vida, mas reservou Deus para esta hora...

XXIX

D. João IV morreu em 25 de Outubro de 1656, com cinquenta e dois anos de idade. As intemperanças da mesa, as lubricidades de moço e de velho, a inércia dos anos que reinou, as mágoas secretas, os terrores da queda do trono ao estrado do patíbulo, os sustos das conjurações, e porventura os remorsos – de fora parte as nevroses da gota e as lancinantes puas dos órgãos mais lesados na gulodice e na libertinagem – corroeram-lhe as fibras duras e ferinas daquelas péssimas entranhas. À volta do seu leito da agonia deviam de alvejar-lhe, à luz do dia eterno, os fantasmas dos assassinados com o cutelo, como o inocente Lucena, e dos assassinados com a crueldade do desprezo, como seu irmão D. Duarte, e seu filho D. Teodósio, que a história lamenta, capitulando o pai de parricida. Quanto à sangueira dos fidalgos de 1641, no açougue do Rossio, condenados pela lei e pela voz das turbas, o ferocíssimo Bragança, que negociara depois com Filipe IV a fusão de Portugal com Castela, na hora dos pavores da eternidade, o negrume desse espectáculo devia lembrar-lhe que, ele, o maior traidor à Pátria, expirava rei, sob um esparavel franjado de ouro.

Assim que a notícia estalou em Espanha, os generais quebrantados pelos reveses de Arronches e Oliva, recobriram alentos.

Neste tempo, o mestre de campo João da Veiga Cabral militava na Catalunha, onde a rebelião já frouxamente resistia às tropas aguerridas de Filipe IV. D. Luís de Haro, protector do valente português, mandou-o vizinhar das fronteiras de Portugal, com dois mil soldados de cavalaria, que se uniram a doze mil de infantaria, comandados pelo duque de San-Germano. A primeira operação do duque foi pôr cerco à praça de Olivença, defendida pelo governador Manuel de Saldanha. Na defesa daquela mesma praça havia João da Veiga recebido as suas feridas mais gloriosas, e a patente que tão esplêndido futuro lhe abonava. Amargurou-se-lhe a alma, quando avistou as muralhas da praça e distinguiu o baluarte que defendera, até cair exaurido de sangue.

Na véspera do ataque à praça, mal defendida por quatro mil homens, o mestre de campo da cavalaria escreveu a sua mulher, sob a impressão de um funesto presságio. Pulsava-lhe no coração talvez o preconceito de ter sepultura debaixo das muralhas por onde, tão de súbito, subira na escala da glória à elevada patente com que D. João IV galardoava os cabos de guerra encanecidos.

Apesar do rigoroso cerco, os sitiados defenderam-se quinze dias; mas, neste em meio, o duque de San-Germano, sabendo que o inepto general português, o conde de S. Lourenço, em vez de descercar Olivença, marchava sobre Badajoz, enviou àquela praça João da Veiga, enquanto o conde atacava o forte de S. Cristóvão, aquém do Guadiana.

O mestre de campo resistiu com poucos soldados, sepultando às abas dos muros de Badajoz setenta portugueses, pela maior parte oficiais de provada bravura e da flor da fidalguia portuguesa. João da Veiga, além do natural denodo, arrojava-se como todos os que lançados em Castela, para sufocarem o grito surdo do opróbrio, rompiam como ébrios um sulco de sangue por onde atingissem a glória no triunfo ou o esquecimento na morte bem vingada.

Logo que o general português levantou o assédio de Badajoz com trezentos feridos, João da Veiga voltou a Olivença, que ainda se sustentava na frustrada esperança de socorro. Ao décimo quarto dia, correu no arraial a nova da vergonhosa capitulação, oferecida pelo governador Saldanha; não obstante, ao cair da noite 28 de Abril, quando Saldanha mandou ceder aos sitiantes os baluartes exteriores, os soldados, enfurecidos contra a ordem do comandante, acenderam as escorvas da artilharia. Uma das balas que varejaram as barracas de campanha encontrou o peito do mestre de campo, e o matou

fulminantemente, como anos antes ai mesmo acontecera ao engenheiro João Cosmander, que de Portugal se passara ao serviço dos Castelhanos.

Em Portugal atribuiu-se a morte do desertor à imediata intervenção da Providência, à qual já haviam também imputado o homicídio do jesuíta Cosmander, a quem D. João IV concedera que despisse a roupeta e envergasse a farda de coronel engenheiro-mor. Nestes assassínios, e ainda nas vitórias mais celebradas, temos sempre rendido preito à Divindade, como no Campo de Ourique, a S. Jorge, como na de Aljubarrota, e algumas vezes ao Diabo, como nas batalhas em que sofremos derrota. A intermissão divina, porém, na capitulação de Olivença, bem que matasse o desertor, não nos compensou com isso da mais vilipendiosa das capitulações.

Filipe IV, avisado da morte de João da Veiga, mandou desanojar a viúva e entregar-lhe um titulo de pensão vitalícia igual à patente de seu marido.

As pessoas desventurosas, se a desgraça lhe dá tréguas, estranham por tal modo a variante de sua sorte, que recorrem ao sobrenatural para explicá-la. Se durante o infortúnio descreiam da acção divinal nos actos humanos, depois que a felicidade as visita compenetraram-se de que foi Deus compadecido que lhes propiciou o contentamento. Reviçam então os desbotados sentimentos da fé; o coração envia aos lábios a prece fervente, as lágrimas reconhecidas; e – quantas vezes – as virtudes se acrisolam a um bafejar de casual felicidade!

Era assim Maria Isabel quando, ajoelhada no seu oratório rogando a Deus que lhe salvasse o esposo, recebeu a visita do camareiro-mor de Filipe IV. Antes de ouvir a notícia da generosidade do rei, esvaíra-se de alentos e caíra nos braços amparadores do fidalgo. A nova, levada ao Paço, rodeou a viúva do mestre de campo das mais ilustres damas da corte, porfiadas em a transferirem aos seus aposentos.

Quando pôde formar plano do seu futuro, pediu que lhe dessem uma cela em um mosteiro pobre. Louvaram-lhe o intento, com a esperança de que a intercadência do tempo lhe esfriasse o propósito. Era ainda muito formosa senhora aos trinta e cinco anos. Os homens diziam entre si que, antes de cruzar os umbrais do mosteiro, Maria Isabel se veria assediada de muitos competidores a merecê-la. Naquele tempo de guerra, a facilidade da viuvez trouxera a facilidade das segundas núpcias, e muitas damas da melhor raça dotavam os segundos maridos com os serviços dos primeiros. abatidos nas variadas e infelizes lutas de Filipe IV.

Quando, porém, damas e cavaleiros esperavam atentamente o proceder da viúva de João da Veiga, Maria Isabel desapareceu de Madrid.

XXX

A madre porteira do Convento de Santa Escolástica viu entrar no pátio uma senhora de luto rigoroso com a face velada por espesso véu, e perguntou-lhe, quando ela se aproximou da portaria, quem procurava.

– Uma secular chamada Ângela – respondeu Maria Isabel com a voz trémula.

– Angela!-... Ah!... Parece-me que a conheço pela voz... Não é a Sr. D. Maria Isabel?!

– Sou.

– E?... Já sabíamos que está viúva... Têm ido muitas aflições nesta casa. As irmãs do Sr. João da Veiga sentiram muito a morte do seu querido irmão... Foi uma perda muito grande; mas Deus perdoe a ele... e a todos. Pois minha senhora, se procura sua filha, aqui não é que a deve procurar...

– Não está cá? Então...

– Poucos meses depois que a senhora de cá saiu, veio aqui buscá-la o avô de Guimarães... Mas quem lhe deve contar por menor essas coisas, é a Sr^a Abadessa, que ainda é a mesma. Aqui tem a chave da primeira grade à mão direita. Queira subir e esperar, que eu vou dar parte.

Subiu Maria Isabel para a grade, e sentou-se na mesma cadeira onde vira, pela primeira vez, João da Veiga Cabral, o mancebo gentil, que lhe reconstruíra a virgindade da alma com o milagre do amor. Afogavam-na os gemidos. Não era a imagem da filha, era a do esposo que lhe estalava o coração.

A porteira, no entanto, anunciava a vinda de Maria Isabel. Estavam presentes as três freiras irmãs de Veiga Cabral, as quais prorromperam em vociferações contra a cunhada, dizendo a mais desbocada que seu irmão morgado, quando soubesse que ela estava em Bragança, a mandaria atagantar por um lacaio. A prelada, sem comedir os excessos das suas subordinadas, declarou que também não queria ver Maria Isabel, e pediu a outra religiosa, a irmã da senhora de Negrelos, que lhe tosse falar, pois que tinha sido ela quem promovera a saída de Ângela, e lhe entregasse os pingentes de diamantes e as arcas que sua filha não quisera receber.

Foi a religiosa à grade, e com bom rosto referiu à viúva tudo o que acontecera desde a sua partida, com referência a sua filha.

– Por compaixão da menina – disse a freira –, escrevi a minha irmã, e nunca me arrependi de o fazer, porque há-de haver um ano que minha irmã, falando-me da sua estimável filha, me participou que ela casara com um cavaleiro da Ordem de Cristo, muito rico, e muito boa pessoa. Se Vossa Mercê vai a Guimarães procurar sua filha, pode primeiro dirigir-se a minha irmã, diga-lhe quem é, e ela a encaminhará.

– Obrigada, minha senhora. Agora vejo que minha filha nunca receberia carta minha.

– Se recebeu, foi uma que por casualidade me foi dada na roda, e eu enviei a minha irmã. Outras cartas cá chegaram; mas com certeza não passaram daqui. A Sr^a Abadessa encarregou-me de lhe entregar estas arrecadas, que Vossa Mercê lhe deixou para fins que não se realizaram. Quis a prelada entregá-las à menina, quando saiu; porém, o avô proibiu-a de as aceitar, bem como duas arcas que terá a bondade de mandar buscar. Receba na roda as arrecadas, e diga-me se quer que mande trazer os baús para a portaria.

– Eu avisarei, minha senhora... Serei imprudente perguntando como vivem... minhas cunhadas?

– De saúde bem; mas muito consternadas com a morte do irmão, e em seguimento

a da mãe, que se enterrou faz amanhã quinze dias. Se me pede conselho, dir-lhe-ei que as não procure. Estas senhoras têm mais orgulho que humanidade.

– Deus lhes alivie as suas mágoas – respondeu Maria Isabel erguendo-se. – Se elas soubessem quanto hei sofrido, ou me perdoariam, ou se dariam por bem vingadas... Minha senhora, beijo-lhe as mãos pela caridade com que me recebeu. Levo as arrecadas de minha filha. Quanto às roupas fechadas nas arcas, peço-lhe que as reparta pelas encostadas mais pobrezinhas do convento; e, se essas tiverem escrúpulos em aceitá-las, mande a Sr^a D. Abadessa dar-lhes o destino que bem quiser.

Dias depois, Maria Isabel, ao apontar da noite, apeava de uma liteira na estalagem de Guimarães.

A ansiedade não lhe deixou esperar o dia para se informar da paragem de Ângela, procurando a morgada de Negrelos. Fez chamar ao seu quarto o estalajadeiro, e perguntou-lhe se conhecia em Guimarães alguém da família de Domingos Leite que fora condenado à morte em Lisboa.

– Conheci-o a ele e os pais e a filha – respondeu o estalajadeiro.

– E a filha? – acudiu Maria Isabel.

– Sim, senhora. A filha casou há-de haver ano e meio com um senhor de Lisboa que comprou no Tournal a casaria dos Freitas, uns fidalgos que deram à casca. A senhora há-de ter ouvido falar destes banabóias...

– E vive lá a filha de Domingos Leite?

– Eu lhe conto. Daí a dois meses, o avô dela, que era cuteleiro, morreu, e poucos dias atrás do avô foi também a avó, a Tia Maria Pereira, que estava entrevadinha. E vai depois o Sr. Mendes... – sim, o Sr. Mendes era o marido da neta do cuteleiro que vinha a ser filha do Domingos Leite – e vai depois o Sr. Mendes, como eu lhe vinha contando, repartiu tudo que os velhos deixaram, casa, horta, dinheiro, oficina e ferramenta, repartiu tudo pelos oficiais da cutelaria e daí a pouco fechou a casa, foi para a corte com a mulher, e nunca mais cá voltaram. Quem depois para cá veio, e está na casa como mordomo ou feitor do Sr. Mendes, é um velhinho, chamado Bernardo, que pelos modos já tinha tido o mesmo ofício em casado pai da Sr^a D. Angela. Contou-me ele aqui há dias que, ouvindo dizer que a filha do seu amo estava na corte, casada com um ricoço, a fora procurar, e ela ainda o conhecera, quando o viu; e vai depois – onde não se espera está às vezes a boa e má sorte de cada um! – o Sr. Mendes mandou-o para aqui passar regaladamente a velhice. Pois é o que eu sei... Então a senhora, ainda que eu seja confiado, vinha procurar alguma destas pessoas?

– Não... eu, passando por aqui – tergiversou Maria Isabel – e sabendo que o tal Domingos Leite era de Guimarães, quis saber se ainda vivia alguém desta família... Vossemecê conhecia a tal D. Ângela?

– Ora! Via-a muito a miúdo, desde que ela para aqui veio, há-de haver seis para sete anos. Era a mocetona mais linda que cobria a rosa do Sol quando casou. Parecia-se muito com o pai, era tal qual; que o Domingos Leite era um moço esbelto e guapo como não havia outro cá na ordem dos mecânicos. E foi por isso que ele casou na corte com uma mulher que não sabia o que tinha de seu; mas, afinal, a ambição de ser fidalgo foi o que o levou à forca... A senhora há-de saber como foi...

– Sei... sim... – balbuciou Maria Isabel.

– O homem foi para Castela, lá fizeram-no fidalgo... e vai, depois...

– Sim, eu sei essa história... Pedia-lhe o favor de me deixar agora descansar, que tenho de sair cedo.

– Pois com bem passe a noite, senhora. Pode-se deitar sossegada, que a cama é limpa, e foi toda feita de novo. A que horas quer que se ponham os machos à liteira?

– Ao amanhecer... Espere... – disse Maria Isabel, depois de pensar alguns

segundos. – Não me disse que o tal Sr. Mendes tinha comprado...

– Comprou a casa do Tournal e as quintas de Santa Cruz, e mais o casal da Carrapatosa, que deu a um... Ah! Esquecia-me de lhe contar outra acção do fidalgo que ele teve com um Teotónio, que também foi criado de Domingos Leite. O tal Teotónio era filho de um ferrador cá da terra. Foi para Lisboa, e esteve lá por criado da cocheira de Domingos Leite, quando ele chibateava com a riqueza da mulher. E vai depois, aqui há-de haver dois anos aparece o Teotónio na oficina do cuteleiro, e o velho, assim que o viu, contou-me um aprendiz, abraçou-se nele a chorar de alegria, e lá se sumiram ambos na horta a conversar. Vai nisto, casa o Sr. Mendes, e daí a pouco manda comprar em nome do Teotónio, que era um pobre de Cristo, o casal da Carrapatosa, e ele aí está um pimpão, que rompe ai por esse Tournal fora em cima de uma égua travada que se vão os olhos nela!... Pelos modos este Sr. Mendes devia ser um grande amigo do Domingos Leite! Veja a senhora! Casa-lhe com a filha; dá a Carrapatosa a um criado; manda para aí o outro, que come e bebe à tripa forra, e não tem nada que fazer!... Que me diz a senhora?

– E admirável a generosidade desse homem, decerto! Mas dizia eu que talvez ele me comprasse uma quinta... que tenho... não longe daqui – tartamudeou Maria Isabel, mal ensaiada para o intento.

– Ponto é querer ele... Nada se perde em falar... Se V. S^a quer, eu digo - ao mordomo que lhe escreva...

– Não, como tenho de ir a Lisboa, contentava-me saber onde ele mora, e eu lá me entenderia com ele.

–Pois também pode ser... Eu vou mandar saber isso ao Tournal; e, quando a senhora sair, já sabe a resposta.

Maria Isabel esperou a estrela-d'alva, sem repousar a fronte candente de febre. Oh! Misérrimas expiações as que percutiam e despedaçavam aquela alma que, a cada hora, sentia afundar-se, escurecer-se mais, o abismo do seu abandono. «Que ódio», dizia ela consigo, «me não terá o marido de minha filha, o homem que tão liberalmente galardoa os criados de Domingos Leite! E porquê? Talvez tão-somente porque eles depuseram na presença de Ângela contra sua mãe criminosa! Vou ser. repelida! Ai! Sim, vou! Que importa? Que venha da mão de minha filha o último golpe! Eu abençoarei as suas injúrias, os seus despezos, contanto que eles me matem, e levem a minha humilde alma à presença de Deus misericordioso!»

.....

Quando Maria Isabel desceu para entrar na liteira, o estalajadeiro entregou-lhe um papel com estas palavras:

O Sr. Francisco Mendes Nobre mora no palácio de D. Brás da Silveira, na Praça do Rossio, fazendo esquina para o Palácio da Inquisição.

«Francisco Mendes Nobre!», dizia entre si a viúva de João da Veiga. «Eu nunca ouvi este nome!...»

XXXI

Francisco Mendes, como dissemos, temia que, falecido D. João IV, o Santo Ofício saldasse a dívida da Pátria aos Judeus, queimando-os. Não obstante, animado por amigos adquiridos na ante-sala do Paço, diferiu o projecto de voltar para Amsterdão, onde tinha a bom recato o mais grosso dos seus cabedais. Admoestaram-no, porém, os seus protectores que aparentemente ao menos observasse todos os preceitos de bom cristão.

Resolvido, pois, a remedar hipocritamente alguns dos católicos daquele tempo, tomou de renda o palácio de D. Brás da Silveira, na Praça do Rossio, porque o palácio tinha capela com a frontaria para a praça, e Francisco Mendes queria que o vissem quotidianamente assistir à missa do seu capelão com a possível publicidade. À ilharga da sua casa estava a Inquisição, e defronte os dominicanos inquisidores – excelentes testemunhas.

A estima pública, segundo é costume, aplaudiu a devoção do suspeito cristão-novo, abstendo-se de escutar-lhe a sinceridade. Os seus correligionários, por insinuação dele, imitaram-no, os ricos particularmente, e ainda mais os credores do Estado.

D. Ângela Mendes Nobre, por boas razões, omitiu os apelidos paternos, e respondia à curiosidade das suas amigas dizendo-se oriunda da província do Minho. A infâmia constante da sentença que lhe enforcara o pai não preterira; e o facto de a mãe ser viúva de um oficial desertor, que em Badajoz fizera morder o pó a muitos ilustres cavaleiros, agravaria decerto as malquerenças. Naquele tempo, o segredo podia conservar-se sem grandes precauções. Um caso idêntico nestes nossos dias, em que ninguém se casa nem faz anos sem ser arquivado nos anais da nossa vida social, à razão de 10 réis, a filha do regicida não conservaria o incógnito, logo que algum correspondente de Guimarães se fizesse estampar com a imortal auréola de *Amigo da verdade*, como são todos os cronistas do sertão.

Ângela vivia tranquila e amada; mas absolutamente feliz, não. Depois de casada, quisera escrever a sua mãe, escrevera; mas não havia modo de passar as cartas na fronteira, mormente as enviadas à mulher do desertor Veiga Cabral. Este invencível estorvo penalizava-a, e Francisco Mendes não lhe atinava com remédio. Quando em Lisboa, como consolação do desastre de Olivença, se festejava a morte do mestre de campo com assuadas nocturnas, em que estralejavam alguns «morrás» a Manuel de Saldanha e ao conde de S. Lourenço, D. Ângela ouvia das suas janelas a vozearia da praça, e dizia magoadamente:

– Minha pobre mãe, muito desgraçada hás sido!...

Ocasionara-se, ao cabo de cautelosas diligências de Francisco Mendes, um portador clandestino para Madrid. Ângela escreveu à mãe, explicando o seu forçado silêncio, e perguntando-lhe o seu destino depois de tão grande golpe.

O portador voltou com a carta. Em Madrid disseram-lhe que a viúva do mestre de campo desaparecera, quando o rei e a própria rainha D. Mariana de Áustria a protegiam liberalmente. Suspeitava-se que a infeliz senhora se houvesse afogado, porque ninguém lhe conhecia paragem.

Francisco Mendes escondeu da esposa este funesto e provável desenlace da tragédia de sua mãe, e inventou que Maria Isabel tinha saído de Madrid para a companhia de uma família, parenta remota de seu marido.

Fiel ao seu programa devoto, o cristão-novo, todas as manhãs, mandava abrir a capela de sua casa aos fiéis. Entre as oito e as nove subia o capelão os degraus do altar. A ermida transbordava de senhoras da vizinhança e das vendedeiras abarracadas

debaixo dos Arcos.

Francisco Mendes e Ângela, com uma cauda de servos, assistiam na tribuna lateral da parte do Evangelho, muito à frente, para serem vistos. A filha de Domingos Leite entrava com a maior seriedade e unção neste espectáculo, porque tinha sempre os olhos postos na imagem de Jesus, a quem pedia os resplendores da glória eterna para seu pai, para seus avós; e o sossego desta vida para sua mãe. Em coração donde rebenta a oração em lágrimas não cabe a hipocrisia.

Mas, desde uma certa manhã, Ângela não fixava tão assiduamente os olhos no painel do Redentor. O marido, atentando na penetração do olhar da esposa para o recanto sombrio de um altar lateral, perguntou-lhe?

– Que vês tão abstraída?

– Logo to direi, no fim da missa.

E, quando o padre abençoou o povo disse ela ao marido:

– Hás-de reparar em uma senhora vestida de luto, que está entre o Altar de Santo António e a banquetta de S. Roque, num desvão que está quase às escuras...

Francisco reparou com disfarce, e disse:

– Vejo um vulto negro, e mais nada. Nem te posso dizer a cor que ela tem...

– O véu é tão denso que não deixa ver nada.

– Pois é isso; mas que é o que te chama a atenção?

– É ter visto, há oito dias, sempre ali aquela mulher, sem despegar os olhos de mim...

– De mim?

– De nós; eu não sei...

– Querem ver a minha Ângela com ciúmes?

– Não, meu filho, juro-te que não. As mulheres que fazem ciúmes não se vestem assim, nem olham como ela para as outras a quem querem tirar os corações dos maridos. O meu reparo é outro... Diz-me uma voz interior que aquela mulher é desgraçada, talvez uma viúva pobre de algum oficial morto na guerra; e, quando olha para mim, pode ser que esteja pensando que os meus sobejos bastariam à sua riqueza.

– Pode ser, filha – disse ele sorrindo –, mas não é também possível que ela te contemple porque te acha formosa?

– Estás a brincar, meu doido; parece-me que as damas de Lisboa não costumam fazer alarde dessas admirações quando as formosuras são femininas.

Esta conversação continuara no interior da casa.

– Queres tu? –olveu o marido. – Eu faço indagar quem seja a tua contempladora; amanhã, se ela vier à missa...

– Vem sempre, há oito dias.

– Pois bem; amanhã mando um criado segui-la, notar a casa em que entra, e depois eu te descobrirei quem ela é.

– Isso não, o caso não é para tanta curiosidade; e demais a mais não acho louvável espreitar-se ninguém. Há pessoas infelizes que sentem mais vergonha que pesar de o serem, ouvi dizer isto, era eu bem pequena, a minha mãe, e nunca me esqueceu. Se procurares nas minhas escritas que trouxe do convento, hás-de lá achar estas e outras coisas que minha mestra chamava sentenças, e *as que sua mãe disser*, me dizia a mestra, *devem ser verdadeiras porque têm a prova real da desgraça*.

Francisco Mendes beijou com orgulho as faces da esposa, e murmurou:

– És uma criatura divina! Dás-me uma lição de delicadeza, pela qual eu te daria reconhecidas lágrimas, se não pudesse beijar-te. Não espreitaremos a mulher. Quando ela olhar para ti, olha tu com bondade para ela. Pode ser que assim a animes a revelar-te os seus pesares, se o teu coração te não engana.

Na seguinte manhã, assim que se abriu a capela, a mulher vestida de luto foi das primeiras que entraram.

A leitora sorriria da minha candura, se eu cuidasse que S. Ex^a não reconheceu logo naquela senhora a mãe de Angela.

A filha de Domingos Leite, escondida e sozinha no fundo da tribuna, já a esperava, e ficou-se alguns minutos observando-a, a ver se ela distraidamente levantaria o véu, enquanto na capela eram pouquíssimos os fiéis.

Viu que ela, ajoelhada, orava fervorosamente; e, depois, sentando-se no costumado cantinho, depois de olhar para a tribuna, deixara pender a face para os braços cruzados sobre o regaço. E assim permaneceu até que o acólito foi tanger a campainha no limiar da porta. Ergueu a fronte, ajoelhou e esperou reverentemente o sacerdote. Neste momento, Ângela abeirou-se do peitoril da tribuna e fixou-a de golpe. Maria Isabel atentou naquele lance de olhos, e contraiu-se convulsa; e, como não pudesse ter-se nos joelhos, sentou-se, e por entre o véu levou aos olhos um lenço.

– Que é isto, meu Deus? – exclamou Ângela a tempo que o marido vinha entrando, seguido dos criados.

– Que tens? Tão pálida?! – perguntou Francisco Mendes.

– Logo to digo... – respondeu ela. – Repara, repara... Está a chorar, depois que me viu...

– Olha que não te iludisses, Ângela...

Ela não respondeu, porque a mulher que chorava erguera-se amparada ao altar e, encostando-se à parede, saiu por entre a mó do povo, que a seguia com os olhos.

– Vai sair... – disse Ângela com sobressalto. – Conhece-se que não pode andar... Vai tu, vais meu filho? Vai de volta ver o que ela tem...

– Eu vou, Ângela... Isto não vale tamanha aflição menina!

Quando Francisco Mendes chegou à Praça do Rossio, saindo pelo portão que se distanciava muito da capela, já não viu a mulher de luto. Foi à porta da ermida, cuidando que a encontraria ainda, e perguntou aos da última camada se não tinha saído uma senhora vestida de luto pesado.

– Saiu – respondeu alguém – e não ia boa; entrou numa liteira de mão em que tem vindo todos os dias; e ela lá vai, acolá defronte do hospital.

Francisco Mendes Nobre deu ainda alguns passos na direcção da liteira; mas conteve-se, repreendido pela máxima: *Há pessoas infelizes que sentem mais vergonha que pesar de o serem.*

Maria Isabel alojara-se em uma obscura estalagem do Terreiro do Trigo. Aí demorava havia quinze dias sozinha e desconhecida. No dia imediato ao da chegada, foi à Praça do Rossio. Conhecia o palácio de D. Brás da Silveira. Daquelas janelas vira ela as festas e procissões, no seu primeiro ano de casada, ao lado do marido, tão vaidoso dela, quanto benquistado dos mais soberbos senhores da corte.

Como visse aberta a porta da capela, entrou, ajoelhou; e vendo assomar uma senhora na tribuna, reconheceu a filha, dado que a lindeza da criança não promettesse tão deslumbrante formosura. Nos três primeiros dias, chorara incessantemente durante a missa; mas o véu de escomilha espessado pelas dobras a defendera da curiosidade. Da quarta vez que foi à capela, encontrara os olhos de Ângela, que a observavam. Naquele instante, se a filha estivesse ao alcance de seus braços, ergueria o véu, e deixaria correr livremente o pranto.

Passados três dias, deu-se o caso de Ângela inesperadamente se debruçar no peitoril da tribuna, encarando nela com profunda atenção. Ora naquele dia, a viúva entrara na capela tão quebrada de forças – em razão das vigílias febris das suas noites – que a menor comoção bastaria a prostrá-la. Ao sair da estalagem, pedia a Deus que lhe

desse coragem para falar à filha; e, na capela, quando abatera a face envolta em crepe sobre o regaço, ainda suplicava a Deus o alento que se lhe esvaía, ao aproximar-se a hora de a procurar, depois da missa. Erguendo os olhos, viu a filha que parecia fitá-la como se a pudesse conhecer ou adivinhar. Ânias indizíveis lhe arquejavam o seio neste lance; aos lábios rompera-lhe um grito da alma que ela abafou com o lenço sopesado na mão. Esta violência deu-lhe agonias que lhe entorvaram a vista; ergueu-se então cambaleando, apegando-se à parede, e saiu, enquanto na tribuna se passou a cena já descrita.

Nos dois dias imediatos, Maria Isabel não foi à capela. Ângela, atormentada já pelo pressentimento de que era sua mãe aquela mulher, não tinha hora de sossego, e magoava-se se o marido queria desconvençê-la da suspeita.

– Se for ela, voltará, Ângela... – dizia, consolando-a, Francisco Mendes.

– E se estiver doente que não possa... e, se tiver morrido... – contrariava a esposa.

– Se é tua mãe – raciocinava o hebreu –, quando recear a morte, chamar-te-á onde estiver. Se saudades de ti a houvessem de matar, não seria a tua presença que lhe apressasse a morte; antes pelo contrário, o jeito amoroso com que reparavas nela devia dar-lhe forças para se revelar. Eu, minha Ângela, não creio que esta senhora seja tua mãe; todavia, desde este momento, farei as indagações que puder; mas atende ao grande melindre desta diligência. Não sei como hei-de perguntar pela viúva de Domingos Leite Pereira ou pela viúva de João da Veiga Cabral. Tanto do primeiro como do segundo marido, houve a desditosa senhora um legado que a faz odiosa ao comum das pessoas. No entanto, principio hoje a mandar espiar as estalagens de Lisboa por pessoa insuspeita.

No dia seguinte, porém, Maria Isabel entrou na capela, quando a missa já ia adiantada. O concurso de fiéis era então muito diminuto.

Ângela viu-a entrar; ergueu-se de golpe, e saiu da tribuna; lançou pelos ombros uma capotilha de seda com capuz, desceu à sacristia por uma escada interior do serviço do capelão, passou em frente de Maria Isabel, e ajoelhou-se ao lado dela, pouquinho distante. Francisco Mendes seguira-a, e ajoelhará no umbral da sacristia. As criadas de Ângela, pasmadas da súbita saída da senhora, afrentaram-se na tribuna, e atendiam quase nada ao sacrifício incruento.

Maria Isabel, quando viu a filha entrar na capela, ajoelhar diante do altar, erguer-se, descer até meio da quadra, e ir para o seu lado, cuidou que os seus olhos a iludiam, que era unia das suas visões febris, uma alucinação como tantas que lhe deliravam no cérebro enfraquecido.

Olhou de través e pela espessura do crepe, com um movimento do arrebatado espertinar de um sonho. Neste momento, o acólito tangeu três vezes a campainha, e o sacerdote levantou a hóstia. Ângela curvou-se, batendo no peito; Maria Isabel inclinou-se também; mas as forças abandonaram-na; ia bater com o rosto no ladrilho, quando Ângela, de repente, a amparou, cingindo-a com um braço pelo peito, e o outro pelos ombros.

Maria Isabel, ao sentir-se abraçada pela filha, apertou-a convulsamente, ergueu da face o véu com um repelão vertiginoso, e balbuciou afogada pelas lágrimas:

– Sou tua mãe!...

Francisco Mendes, logo que viu Ângela amparar a mulher pendida ao chão, foi para junto delas. Os assistentes da missa voltaram-se todos para o grupo das duas senhoras, enlaçadas, com as faces ocultas nos panos do capuz de uma e do véu da outra. O hebreu ajoelhou ao lado da esposa, quando o padre levantou o cálix; depois, curvou-se-lhe ao ouvido, fez-lhe uma pergunta, à qual Ângela respondeu com um sinal afirmativo. E então, o amigo de Domingos Leite, passando para o lado de Maria Isabel,

tomou-lhe a mão, levantou-a para si com branda violência, ofereceu-lhe o braço, e entrou com ela amparada na sacristia. Ângela seguia-os. O capelão, distraído pelo insólito rebuliço, suspendeu o augusto ministério. As interrogações e comentários rumorejavam no recinto da capela, entre os fiéis. Entretanto, Maria Isabel, ao entrar na sacristia, e abraçada outra vez pela filha, perdera a cor, e cerrara as pálpebras aljofradas de lágrimas, a tempo que um sorriso de inefável doçura lhe aformoseava os lábios, como se o hálito de Deus compadecido lhe entrasse por eles a revihar-lhe as alegrias do coração. Perdera o alento; mas a expressão da felicidade santa da mulher abandonada, sem algum esteio na vida, a aventura inesperada da mãe, que encontrou o perdão e o amor de sua filha, essas delícias, que lhe apagaram por instantes a luz da vista, o coração as dizia no sorriso de Maria Isabel.

Transportada para a antecâmara de Ângela, quando abriu os olhos, viu o rosto da filha pendido sobre o seu. Era no regaço de Ângela que Francisco Mendes inclinara a fronte desfalecida da mulher de Domingos Leite. Ele estava em pé, com um vidro de espíritos cujo efeito Maria Isabel começava a sentir. A viúva levantou a face, e olhou alternadamente para ambos.

– Minha mãe!... Está melhor, não está? – perguntou Ângela, desviando-lhe da face os opulentos cabelos destrançados.

– Sim... Melhor... Estou bem... Creio que poderei abraçar teu marido... A sua caridade chegou até mim...

E, erguendo-se, abraçou-o.

– Não é caridade – disse o hebreu –, é o amor de Ângela que nos envolve na sua divina luz a ambos.

– Seja assim – tornou Maria Isabel com serenas e pausadas vozes. – Vi-te, minha filha; agora vou perdoada.

– Vai?! Minha mãe para onde vai?!

– Vou para o recolhimento de Nossa Senhora da Encarnação, onde já tenho a minha morada... eterna. Não vou pedir a Deus que me perdoe... Creio n’Ele, e por isso creio que já expiei os meus delitos. Vou pedir a Deus que nunca te deixe provar uma gota do cálix de tua mãe! Vou orar por ti, que és um anjo; eu também o fui, e tão desgraçada vim a ser...

Francisco Mendes interrompeu-a, tomando-lhe a mão amorosamente:

– Se nos deixa para ir orar por sua filha, não precisa de sair de entre nós, que lhe oferecemos esta casa, bem menos valiosa que o nosso coração. Se deseja orar, senhora, aqui tem o oratório de sua filha.

E, quando ele abriu as portadas do oratório em que avultava a imagem de Jesus Cristo crucificado, Maria Isabel abraçou-se na filha, e ajoelharam ambas.

E o hebreu, acostumado a prostrar-se somente diante das imagens em público, ajoelhou também, acreditando que a alma do homem não teria lágrimas dulcíssimas como as dele, se Deus não fosse parte na alma que as pôde chorar.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
